



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LILIANE PEREIRA BRAGA

**FORMAÇÃO DO VÍNCULO PAI-FILHO NO PUERPÉRIO: A
CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA DE VERIFICAÇÃO DO APEGO EM
PAIS**

NATAL-RN

2016

LILIANE PEREIRA BRAGA

**FORMAÇÃO DO VÍNCULO PAI-FILHO NO PUERPÉRIO: A
CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA DE VERIFICAÇÃO DO APEGO EM
PAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor, sob a orientação do Profa. Dra. Eulália Maria Chaves Maia.

NATAL-RN

2016

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Braga, Liliane Pereira.

Formação do vínculo pai-filho no puerpério: a construção de uma escala de verificação do apego em pais / Liliane Pereira Braga. - 2017.

200f.: il.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Eulália Maria Chaves Maia.

1. Psicometria. 2. Paternidade. 3. Vínculo (pais e filhos). 4. Apego. I. Maia, Eulália Maria Chaves. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 159.938.3-055.1

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria de Jesus Pereira Braga.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu pai, Edilson Braga, e aos meus irmãos, Rodrigo Braga, Leila Braga e Ricardo Braga. Todo apoio que recebi de vocês no mestrado veio em dobro no doutorado. Vocês são os maiores apoiadores das minhas batalhas, aqueles que se orgulham de mim da forma mais genuína. Muito obrigada! Especialmente à Leila, minha irmã mais nova que, para mim, se tornou mais velha porque é meu exemplo de luta e resiliência. Seu apoio foi reestruturante.

À Professora Eulália, que me incentiva e permite trilhar meus caminhos acadêmicos com muita autonomia desde a graduação até o doutorado. Obrigada pela confiança que você sempre depositou em mim!

Aos meus amigos que têm tanta fé em mim: Iris, Manela, Larissa, Cynthia, Aninha e Adriano.

Às minhas tantas alunas, bolsistas e voluntárias, que passaram por várias etapas da pesquisa ao longo desses mais de 4 anos: Fernanda, Carol e Brenda, que já concluíram suas graduações e hoje trilham seus caminhos. À Priscylla, Annie, Priscilla Bezerril e Arthur pela essencial ajuda durante a coleta de dados. À Bárbara, Thaymara, Wigma, Mayara, Cecília, Bianca e Jean. Sem vocês, além de ser impossível completar a coleta de dados, as discussões sobre apego seriam muito sem graça. Como é bom compartilhar ideias com vocês. Vamos em frente, a nossa parceria continua! Aos residentes e psicólogos envolvidos na coleta de dados em seus locais de trabalho: Fabiana, Helder, Jeane e Daíse. Aos Agentes Comunitários de Saúde que nos levaram aos domicílios dos pais. Muito obrigada!

Às instituições que permitiram a realização da coleta de dados. Aos participantes da pesquisa pelo tempo dedicado, pela forma prazerosa com que responderam aos instrumentos e pelo imenso aprendizado que me trouxeram!

Aos meus colegas e amigos da Escola Multicampi de Ciências Médicas do RN da UFRN. O apoio de vocês para que eu pudesse me afastar do trabalho e concluir o doutorado foi essencial. Muito obrigada! Espero retribuir em breve.

À CAPES e ao CNPq pelo auxílio financeiro em momentos diversos da pesquisa.

LISTA DE SIGLAS

<i>Adult Attachment Interview</i>	AAI
Agentes Comunitários de Saúde	ACS
Análise de Componentes Principais	ACP
Apego Materno Fetal	AMF
Biblioteca Virtual em Saúde	BVS
Conselho Nacional de Saúde	CNS
Escala de Vinculação de Adultos	EVA
<i>Experience in Close Relationships Inventory</i>	ECR
Hospital Universitário Ana Bezerra	HUAB
Kaiser Meyer-Olkin	KMO
Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde	LILACS
<i>Maternal Antenatal Attachment Scale</i>	MAAS
<i>Maternal Attachment Inventory</i>	MAI
<i>Maternal Fetal Attachment Scale</i>	MFAS
Maternidade Escola Januário Cicco	MEJC
<i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online</i>	MEDLINE
<i>Parent Behavior Inventory</i>	PBI
<i>Parental Bonding Instrument</i>	PBI
<i>Parental Stress Index</i>	PSI
<i>Paternal Fetal Attachment Scale</i>	PFAS
<i>Scientific Eletronic Library Online</i>	SciELO
Teoria de Resposta ao Item	TRI
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	TCLE
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	UFRN

RESUMO

Uma das consequências da pouca atenção que se dá a saúde do homem é que ele não possui espaços para falar sobre as situações de conflito, como tornar-se pai. Ademais, culturalmente, é atribuída aos homens a função de manter-se estável emocionalmente e não expressar suas emoções. Tais fatores contribuem para o adoecimento dos homens, sendo a depressão paterna a expressão mais atual do cenário descrito. Faz-se necessária a realização de estudos com o público masculino, principalmente os que permitam a verificação de fatores promotores da formação do vínculo pai-bebê, possibilitando futuras intervenções de saúde pública que promovam tais fatores. A literatura científica sobre o apego tem mostrado que esse vínculo atua como promotor do desenvolvimento saudável do bebê. A formação de um vínculo entre o pai e o bebê já desde a gestação, principalmente no puerpério, permite ao homem uma melhor preparação para o exercício da paternidade. O objetivo geral da investigação é construir um instrumento de verificação do apego paterno durante o puerpério. Trata-se de uma pesquisa multi-métodos, contendo métodos e análises qualitativa e quantitativa, em 3 estudos. No Estudo 1 foram realizadas revisões integrativas sobre o conceito de apego e sobre os instrumentos de avaliação do apego paterno no puerpério. No estudo 2 foram realizadas doze entrevistas em profundidade com pais de distintas escolaridades para conhecer seu conceito de apego e os fatores que acreditam ter contribuído para a formação desse vínculo. Os conteúdos das entrevistas foram tratados pela Análise de Conteúdo clássica. Os conceitos de apego explicitados formaram duas categorias: na primeira o apego foi definido como a necessidade de estar próximo ao filho e cuidar dele; na segunda o apego foi definido como a expressão do afeto pelos filhos. Esses resultados sugerem que o apego paterno ainda está vinculado às responsabilidades atribuídas à função paterna de cuidado no sentido da provisão material. O estudo 2 dá base para construção teórica dos itens que compõem o instrumento e sua adequação semântica. O estudo 3 analisa as propriedades psicométricas do instrumento elaborado, e inicia com a submissão para avaliação de experts que validem o constructo apego presente no instrumento. Foi realizada aplicação piloto do instrumento, e depois a aplicação da versão final do instrumento com 228 pais em Maternidades de Natal/RN e do interior do estado. A análise fatorial revelou itens com baixa carga fatorial, que foram excluídos, restando 31 itens ao final. O instrumento é composto por dois fatores intitulados “Investimentos do pai no bebê” e “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”. As análises indicaram que o instrumento final possui boa consistência interna. Indica-se a realização de estudos posteriores para verificação da validade de critério.

PALAVRAS-CHAVE: Paternidade; Vínculo; Apego; Psicometria.

ABSTRACT

One of the consequences of the little attention given to the health of the man is that he does not have spaces to talk about conflict situations, such as becoming a father. Moreover, culturally is attributed to men to remain stable emotionally and not express their emotions. Such factors contribute to the illness of men, and parental depression is the most current expression of the described scenario. Conducting studies with the male audience is needed, mainly to allow the investigation of factors that promote the formation of parent-infant bond, allowing future public health interventions in order to promote such factors. The scientific literature has shown that this bond acts as a promoter of the healthy development of the baby. The formation of a bond between father and baby since pregnancy, and especially in the postpartum period allows man to have a better preparation for the exercise of parenthood. The objective of the research is to build a postpartum paternal attachment scale. This is a multi-methods search, and it contains methods and analysis of qualitative and quantitative research divided in 3 studies. In Study 1 were conducted integrative review about the concept of attachment and about the assessment tools of paternal attachment postpartum. In study 2 were conducted twelve interviews with parents of different education levels to meet their concept of attachment and the factors believed to have contributed to the formation of this bond. The content of the interviews were treated by classical content analysis. The explicit attachment concepts formed two categories: on the first, attachment was defined as the need to be close to the child and care for him; on the second, attachment was defined as the expression of affection for their children. These results suggest that parental attachment is still bound to the responsibilities assigned to the paternal function towards material support. Study 2 gives theoretical basis for construction of the instruments' items and its semantic appropriateness. The study 3 analyzes the psychometric properties of the instrument, and begins with submission for evaluation of experts to validate the construct attachment present in the instrument. The pilot application was carried out, and then the application of the final version of the instrument with 228 parents in Maternities in Natal / RN and others cities of the state. Factor analysis revealed items with low factor loadings, which were excluded, leaving 31 items in the end. The instrument consists of two factors entitled "Investments of the father towards the baby" and "Attitudes, feelings and expectations directed at the baby." The analysis indicated that the final instrument has good internal consistency. It indicates the need of further studies to verify the criteria validity.

KEYWORDS: Fatherhood; Bond; Attachment; psychometry.

ÍNDICE DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

QUADRO 1 ARTIGOS ESPECIFICADOS	54
QUADRO 2 FALA DO PARTICIPANTE S22	83
QUADRO 3 FALA DO PARTICIPANTE S34	84
QUADRO 4 ENTREVISTAS - VÁRIOS PARTICIPANTES.....	86
QUADRO 5 FALA DO PARTICIPANTE S07	87
QUADRO 6 FALA DO PARTICIPANTE S07	89
QUADRO 7 FALA DO PARTICIPANTE S34	90
QUADRO 8 FALA DO PARTICIPANTE S26	92
QUADRO 9 ENTREVISTAS - VÁRIOS PARTICIPANTES.....	92
QUADRO 10 FALA DO PARTICIPANTE S34.....	94
QUADRO 11 FALA DO PARTICIPANTE S21.....	95
QUADRO 12 FALA DO PARTICIPANTE S22.....	96
QUADRO 13 ENTREVISTAS - VÁRIOS PARTICIPANTES.....	97
QUADRO 14 ENTREVISTAS - VÁRIOS PARTICIPANTES.....	103
QUADRO 15 ENTREVISTAS -VÁRIOS PARTICIPANTES	106
QUADRO 16 ENTREVISTAS - VÁRIOS PARTICIPANTES.....	107
QUADRO 17 LISTA DE CRITÉRIOS PARA CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO DOS ITENS, SEGUNDO PASQUALI (2007) 109	
TABELA 1 MÉDIA DE IDADE DOS PAIS E DAS MÃES.	117
TABELA 2 CORRELAÇÃO DOS FATORES PELA ROTAÇÃO VARIMAX.....	121
TABELA 3 CORRELAÇÃO DOS FATORES PELA ROTAÇÃO PROMAX.....	121
TABELA 4 CARGA FATORIAL DOS ÍTENS.....	122
TABELA 5 CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES.....	124
TABELA 6 CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES A PARTIR DA ROTAÇÃO PROMAX	127
TABELA 7 CARGA FATORIAL DOS ITENS FINAIS QUE COMPUSERAM O INSTRUMENTO.....	128
TABELA 8 ITENS QUE COMPUSERAM O FATOR 1	129
TABELA 9 ITENS QUE COMPÕEM O FATOR 2.....	130
TABELA 10 ALPHA DE CRONBACH DO INSTRUMENTO ELABORADO.....	132
TABELA 11 ASPECTOS DA ANÁLISE DE CONSISTÊNCIA INTERNA DO INSTRUMENTO	133
TABELA 12 RELAÇÃO GRAVIDEZ DESEJADA E ESCORE NO TESTE.....	135
TABELA 13 ASPECTOS DA ANÁLISE DE CONSISTÊNCIA INTERNA DO INSTRUMENTO	136
TABELA 14 DIFERENÇA NOS ESCORES DO TESTE QUANTO À RENDA.....	136
TABELA 15 RELAÇÃO ENTRE RENDA E ESCORES NO TESTE	136
TABELA 16 QUANTITATIVO DE SUJEITOS POR FAIXA DE RENDA	137
GRÁFICO 1 AVALIAÇÃO DO RELACIONAMENTO COM A PARCEIRA	119
GRÁFICO 2 AVALIAÇÃO DA REAÇÃO AO SABER DA GRAVIDEZ	119
GRÁFICO 3 AVALIAÇÃO DO APOIO RECEBIDO DURANTE A GESTAÇÃO	120
GRÁFICO 4 SEDIMENTAÇÃO DA PRIMEIRA ANÁLISE FATORIAL	123

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 PERCURSO HISTÓRICO DAS TEORIAS DO APEGO.....	13
1.2 TEORIAS DO APEGO	18
1.3 APEGO ADULTO	24
1.4 O APEGO EM PAIS	30
2 JUSTIFICATIVA	41
3 OBJETIVOS.....	45
4 METODOLOGIA.....	47
5 ESTUDO I.....	48
5.1 REVISÃO 1 - LITERATURA SOBRE APEGO	49
5.1.1 Procedimentos.....	50
5.1.2 Análise de dados	52
5.1.3 Resultados e Discussão	53
5.2 REVISÃO 2 - INSTRUMENTOS QUE AVALIAM O APEGO PATERNO	61
5.2.1 Procedimentos.....	63
5.2.2 Análise de dados	65
5.2.3 Resultados	65
5.2.4 Discussão.....	66
6 ESTUDO II.....	73
6.1 PARTICIPANTES.....	73
6.2 ASPECTOS ÉTICOS	74
6.3 PROCEDIMENTOS	74
6.4 PROTOCOLOS	76
6.5 ANÁLISE DE DADOS	79
6.5.1 Dados da entrevista em profundidade	79
6.6 RESULTADOS.....	80
6.6.1 Caracterização sociodemográfica e de apoio social dos sujeitos	80
6.6.2 Dados da entrevista	81
6.6.3 Construção do instrumento	108
7 ESTUDO III.....	113
7.1 VARIÁVEIS INVESTIGADAS.....	113
7.2 PROCEDIMENTOS	113
7.3 ANÁLISE DE DADOS	115
7.4 RESULTADOS.....	117
7.4.1 Caracterização dos participantes.....	117
7.4.2 Análise das Propriedades Psicométricas do Instrumento	120
7.5 DISCUSSÃO	137
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
ANEXOS	189
APÊNDICES.....	194

APRESENTAÇÃO

Este é um estudo exploratório analítico de corte transversal estratificado, cujo objetivo é construir um instrumento de verificação do apego em pais durante o puerpério. A realização de estudos com o público masculino tem ganhado cada vez mais relevância, principalmente os estudos que envolvem as formas de envolvimento paterno nos cuidados à criança, pois, as últimas décadas vivemos transições sociais e culturais que trazem, cada vez mais, o homem para a esfera privada, do lar e dos cuidados com a prole, ao mesmo tempo em que a mulher assume cada vez mais espaços na esfera pública. A maioria dos estudos realizados sobre o apego aborda a perspectiva feminina na formação do vínculo. Nota-se que para uma melhor caracterização desse fenômeno é preciso considerar os aspectos que diferenciam a formação do apego em homens e mulheres.

Para isso, é necessário perguntar aos homens o que é o apego e de que forma eles expressam essa ligação emocional. Ao questioná-los sobre o que entendem sobre o apego, são abertas possibilidades de reflexões mais amplas a respeito dos papéis assumidos por eles na vida sexual e reprodutiva e no cuidado com a criança. Permite-se também que novas ações em políticas públicas sejam pensadas para dar cada vez mais espaço à entrada dos homens nos serviços de saúde, de modo que a sua participação nas consultas pré-natal, no parto e no puerpério sejam incentivadas, sabendo que eles também desejam participar desses momentos e que essas ações se tornam necessárias na promoção do apego em pais.

Assim, o presente estudo está estruturado de forma que o leitor irá encontrar, inicialmente, uma seção de fundamentação teórica sobre o tema do apego em pais, a forma como esse conceito tem sido definido ao longo da história e também como tem sido avaliado em homens adultos. Em seguida, encontra-se a seção de justificativa, na qual são explicitadas as razões para a realização da presente pesquisa, bem como a relevância social advinda da

execução deste estudo. Segue-se para a seção dos objetivos da pesquisa e para a seção da metodologia, na qual são apresentados os três estudos que foram realizados, o delineamento de cada um deles, bem como os participantes, os critérios de inclusão e exclusão na amostra, os instrumentos que foram utilizados e os procedimentos adotados para realização do estudo (incluindo tanto os aspectos éticos quanto o treinamento da aplicação dos instrumentos), finalizando com a descrição de como foi feita a análise dos dados. Em seguida, apresentam-se os resultados obtidos a partir da realização dos três estudos e as discussões teóricas dos resultados.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Percurso histórico das teorias do Apego

As perspectivas teóricas que tratam das relações pais-bebê vêm mudando a forma como as concebem ao longo dos séculos XIX e XX. Na primeira metade do século XX, os pesquisadores da psicologia do desenvolvimento buscaram estabelecer normas para cada idade, obtidas a partir da investigação das competências das crianças. Esses estudos influenciaram o estudo das relações de apego, numa perspectiva *unidirecional* da relação pais-criança, entendendo-se que as atitudes e comportamentos dos pais têm forte impacto no desenvolvimento da criança. As investigações realizadas sobre apego tendem a se restringir à observação de alguns elementos específicos do sistema de apego, os quais, muitas vezes, focalizam o comportamento de um dos parceiros, ou da mãe ou da criança (Lopes & Piccinini, 1992). Nos estudos sobre apego inseridos na perspectiva unidirecional, a sensibilidade materna é um constructo central, sendo concebido como a capacidade dessa figura de apego perceber os sinais do seu bebê de forma precisa e responder prontamente de forma adequada (Lopes & Piccinini, 1992).

A partir de 1970 começam a surgir estudos sobre o apego que passam a mostrar o papel ativo da criança em seu processo de desenvolvimento, o que acabou por influenciar a teorização sobre a concepção *bidirecional* do apego, na qual a criança é considerada um parceiro ativo, inserido na relação. Essa nova concepção revela a importância da interação diádica desde o início da vida, e a figura materna é ressaltada como tendo forte influência no desenvolvimento do bebê (Lopes & Piccinini, 1992; Villachan-Lyra, 2008; Villachan-Lyra & Lyra, 2012).

É nesse cenário que John Bowlby (1969/1990) publica sua famosa trilogia “*Apego, Separação e Perda*” e inicia uma tradição de investigações sobre a relação afetiva que é

precocemente estabelecida entre o bebê e a figura responsável pelos seus cuidados iniciais. Nessa perspectiva, o apego é entendido como um comportamento que tem a função de manter a proximidade física e emocional entre a criança e o seu principal responsável, geralmente apontado na literatura científica como sendo a mãe. Dessa forma, a segurança quanto à disponibilidade materna e a possibilidade de retomada do contato com essa figura de apego se apresentam como características importantes da relação de apego (Lopes & Piccinini, 1992; Villachan-Lyra, 2008; Villachan-Lyra & Lyra, 2012).

Bowlby (1969/1990) argumenta que essa proximidade física e emocional com a mãe tem como origem evolucionária a sobrevivência do bebê e a sua adaptação ao ambiente. Já que o vínculo de apego estabelecido entre o bebê e a mãe tende a funcionar como um modelo que irá influenciar as relações sociais estabelecidas ao longo da vida. A partir daí, até os dias atuais, pode-se notar que a literatura científica apresenta, via de regra, a mãe como a figura responsável pelos cuidados do bebê, portanto, extremamente importante nos estudos sobre o apego (Lopes & Piccinini, 1992; Villachan-Lyra, 2008; Villachan-Lyra & Lyra, 2012).

Nessa perspectiva bidirecional do apego, Bowlby (1969/1990) ressaltou o papel ativo do bebê humano para o desenvolvimento do apego ao observar que, muitas vezes, eram os próprios bebês que tomavam a iniciativa nas relações com suas mães. Assim, na perspectiva bidirecional, o apego é entendido como um processo construído de forma relacional que tem origem no início da vida do bebê, envolve a participação ativa e a influência de ambos os parceiros diádicos ao longo dos primeiros anos de vida da criança (Villachan-Lyra, 2008; Villachan-Lyra & Lyra, 2012).

A partir da década de 80 as pesquisas sobre desenvolvimento na primeira infância passam a investigar a relação mãe-bebê como um sistema dinâmico, corregulado mutuamente e dependente de trocas entre os parceiros relacionais. Atualmente, as relações entre pais e crianças têm sido concebidas como sistemas em constante desenvolvimento que se auto

organizam em momentos de estabilidade e de mudança ao longo da história. Essa perspectiva tem sido chamada de *teoria dos sistemas* e tem contribuído bastante para as investigações de apego no início da vida (Thompson et al, 2005; Villachan-Lyra, 2008; Villachan-Lyra & Lyra, 2012).

Os teóricos dessa perspectiva questionaram se a sensibilidade materna, apesar de ser reconhecidamente importante para o desenvolvimento infantil, deveria ser concebida como o único ou o mais importante aspecto da relação de apego. Os estudos sobre o apego realizados a partir da teoria dos sistemas afirmam que muitos fatores de ordem individual, relacional e contextual, podem influenciar o desenvolvimento de um apego seguro entre pais e filhos. Tais fatores incluem a expressividade emocional da mãe e do bebê; a sincronia interacional; a atribuição por parte da mãe dos pensamentos, intenções e desejos do bebê; assim como variáveis situacionais, como o suporte social materno e o próprio ambiente de cuidados, o que revela que o apoio social aos pais também é um fator responsável pela formação do apego (Thompson et al, 2005; Villachan-Lyra, 2008; Villachan-Lyra & Lyra, 2012).

Segundo a teoria dos sistemas, o apego é concebido como um sistema aberto, em interação com o meio – ou contexto – no qual está inserido e composto por várias dimensões, tais como: 1) o uso da figura de apego como uma base segura, cuja presença favorece o comportamento exploratório da criança; 2) o uso da figura de apego como promotora de conforto em uma situação de medo ou tristeza; 3) comportamentos que indiquem sintonia emocional entre os parceiros diádicos; 4) busca de proximidade com a figura de apego; 5) expressões emocionais e tons de voz usados pelos parceiros relacionais; 6) gestos e posturas corporais; 7) e outras influências contextuais, como a disponibilidade de suporte social familiar, níveis de estresse em determinadas situações, entre outros (Thompson et al, 2005).

De acordo com essa perspectiva, todos esses aspectos compõem o sistema de apego e estão intrinsecamente relacionados, pois a interação entre esses elementos irá resultar na

manutenção ou reorganização do sistema de apego. O sistema de apego é um sistema aberto em desenvolvimento, composto por elementos característicos dos indivíduos envolvidos na relação e do ambiente social e cultural no qual estão inseridos, que apresenta momentos de estabilidade e mudança ao longo do tempo (Thompson et al, 2005).

Um importante fator para a construção do apego é o papel disciplinar dos pais, inclui-se aqui as experiências de conflito e desacordo e não apenas as trocas emocionalmente positivas entre eles. É de extrema importância termos acesso aos fatores apontados como contribuintes da formação do apego e ainda que, na maioria das vezes, eles estejam vinculados à figura da mãe, são também relevantes para pensarmos sobre a figura do pai envolvido no processo de construção do apego com a criança. Nesse contexto, as observações realizadas das díades (como em momentos de brincadeira, nas rotinas de dormir e em atividades de alimentação) favorecem a compreensão de algumas características relacionais que compõem o sistema de apego (Thompson et al, 2005).

É dentro da teoria dos sistemas que a pesquisadora brasileira Villacham-Lyra (2008), na busca por uma melhor compreensão das relações de apego, propôs a noção de “*frames* de apego”. Os “*frames*” são concebidos como padrões relacionais recorrentes, coconstruídos a partir da relação interpessoal – envolvendo formas particulares de mútua coorientação entre os participantes –, além de serem padrões comunicativos (verbais ou não verbais) cocriados pelos parceiros. Entende-se o apego aqui como algo que não pode ser concretamente delimitado apenas nas ações específicas dos parceiros, mas que pode ser inferido a partir da observação das relações interpessoais em um contexto comunicativo.

O apego, dentro da noção de “*frames* de apego”, refere-se ao desenvolvimento de um senso de segurança e cuidado, tanto em si como em seu parceiro relacional, que é construído, modificado ou mantido a partir do estabelecimento de diversas relações comunicativas. Assim os padrões de relações de apego (chamados na literatura científica de apego seguro ou

inseguro) são efetivados na relação diádica através da emergência de situações que envolvam: 1) a necessidade de cuidado e proteção e 2) a separação e o reencontro com as figuras de apego. Nessa proposta, a atenção está voltada para as características dinâmicas da relação diádica, sendo possível investigar a contribuição de cada parceiro na coconstrução da história da sua relação de apego.

Em uma avaliação da evolução histórica do conceito de apego, observamos que a perspectiva exposta por Villacham-Lyra (2008) acaba por ampliar a visão do apego como uma inter-relação, na qual os componentes da díade atuam e são influenciados mutuamente. No entanto, é interessante destacar que, nessa perspectiva, o apego é observado em comportamentos e isso não dá conta de avaliar os aspectos subjetivos do envolvimento, como as projeções de futuro que os pais fazem para os filhos, que revelam o lugar que o bebê ocupa em sua vida, em seu imaginário. Para acessar tais projeções, é preciso muito mais que a observação (metodologia proposta por Villacham-Lyra, 2008), é preciso perguntar aos pais sobre isso, visto que a observação pura de suas ações com o bebê não alcança a subjetividade das relações.

O presente estudo também se propõe a isso, pois a fim de criar um instrumento que avalie o apego em homens nos primeiros dias de nascimento do bebê, entende que é necessário ouvi-los para compreender como se constrói o apego.

Cabe aqui a reflexão de que se para as mães, que histórica e culturalmente são preparadas para o exercício da maternidade, o apoio social da sua família de origem já se revela importante para a construção do vínculo com o bebê, então podemos imaginar que esta variável situacional seja especialmente importante para os homens, que também precisam se preparar para assumir o papel de pai, principalmente nos dias atuais, em que esse papel tem sofrido mudanças impactantes, e não se encontra claramente definido.

1.2 Teorias do Apego

Usualmente, a literatura científica sobre apego se direciona para a relação mãe-filho, contudo, diante das transformações do papel de pai na atualidade é importante compreender como se constrói o apego entre o homem e o seu filho.

Os primeiros estudos empíricos sobre o apego com maior repercussão científica foram os efetuados por Bowlby (1969/1990) e sua equipe, quando desenvolveram a chamada Teoria do Apego. A Teoria do Apego de John Bowlby (1969/1990) é uma teoria psicológica, evolutiva e etológica sobre as relações entre os seres humanos – uma das mais influentes até os dias atuais sobre o desenvolvimento das relações sociais –, que propõe que os humanos são capazes de desenvolver vínculos emocionais durante o primeiro ano de vida através do sistema comportamental de apego. O foco desses estudos estava na contribuição do ambiente para o desenvolvimento psicológico, postulando, de início, que o apego seria a propensão dos seres humanos a construir ligações afetivas fortes a outros específicos.

Um dos conceitos postulados por Bowlby (1969/1990) foi o de comportamento de apego, que consiste em qualquer comportamento que resulte em alcançar e permanecer na proximidade a outro diferenciado, incluindo o choro, o seguir e/ou agarrar alguém, além do protesto quando a criança é deixada sozinha ou com estranhos. A função do comportamento de apego é manter uma proximidade física e emocional entre a criança e o adulto, por isso os comportamentos de apego têm sempre um componente afetivo. A sua construção se dá tanto pela idade, gênero e circunstâncias quanto pelas experiências que a criança teve com as suas figuras de apego na infância.

A busca de proximidade é uma estratégia primária do sistema comportamental de apego, uma vez que o indivíduo precisa de proteção e suporte para escolher um comportamento de seu repertório mais adequado à situação vivida (Bowlby, 1969/1990). A

soma do comportamento de apego da criança com a resposta do adulto forma os Sistemas de Apego, que podem ser considerados como Seguro, Evitativo ou Ambivalente (Bowlby, 1990; Vyllachan-Lyra, 2012).

A Teoria do Apego apresenta algumas características: a especificidade diz respeito ao comportamento de apego ser dirigido a apenas alguns indivíduos específicos; a duração refere-se ao fato de que os comportamentos de apego podem se transformar ou serem substituídos ao longo da vida, ainda que sempre presentes de alguma forma; o engajamento emocional diz respeito às nossas ligações afetivas, permeadas por emoções intensas; a aprendizagem significa que o apego pode ser construído ao longo do tempo; a organização refere-se às respostas mais simples iniciais do apego, que vão se sofisticando a partir dos modelos representacionais internalizados; e a função biológica diz respeito à constatação de que o comportamento de apego está presente em quase todas as espécies de animais, servindo para a sobrevivência e proteção (Bowlby, 1969/1990).

Na Teoria do Apego, o papel da figura de apego implica em permanecer disponível e responsivo à criança, intervindo apenas quando ela procura ou quando se encontra em situação de perigo. O papel da figura de apego é central na teoria de Bowlby (1990), pois não se limita apenas a estar próximo do indivíduo, já que é para essa figura que a criança (e mais tarde, o adulto) vai se dirigir quando precisar de proteção e suporte. A figura de apego tem a função de ser o alvo da busca por proximidade e servir como base segura (Bowlby, 1969/1990).

É necessário que esse cuidador proporcione uma base segura e encoraje a criança a explorar seu ambiente; para tanto, é preciso que ele possua uma compreensão empática e intuitiva do comportamento de apego da criança, além de prover os limites necessários para ela (Bowlby, 1969/1990). Observa-se que há uma noção de reciprocidade na relação de apego, uma vez que o adulto investe na criança de forma a permitir a transmissão dos seus

genes para a prole, isso torna mais adaptativo para a criança que ela se ligue a pessoa que mais se liga a ela. Dessa forma, na teoria de Bowlby o apego é bidirecional, já que ele emerge da relação entre a criança e o adulto e ambos têm papel ativo nessa relação. Nesse sistema de apego o papel do adulto é central, já que participa da coconstrução do desenvolvimento emocional e social da criança.

Para Bowlby (1969/1990), a figura de apego principal é aquela a quem a criança ficou vinculada devido à regularidade (inúmeras interações ao longo da vida) e à qualidade nos cuidados a criança. Esses dois critérios para a vinculação da criança a uma figura de apego primária levam a reflexão sobre a dificuldade do pai se estabelecer como essa figura, visto que a leis trabalhistas impedem essa regularidade de contato e poucos dias após o nascimento ele deve retornar ao trabalho. De modo que a mãe acaba se configurando como a figura de apego principal, pois as suas interações são mais regulares.

Bowlby (1969/1990) estabelece ainda quatro períodos principais de Desenvolvimento do Apego e descreve as mudanças ao longo desses períodos como modificações que ocorrem em função do tipo e contexto de interação entre a criança e a sua figura de apego e não em função da fase do desenvolvimento da criança. As fases do desenvolvimento do apego estão descritas a seguir:

De 0 a 3 meses de vida: o comportamento de apego é observado pela orientação do corpo da criança, a troca de olhares, os sorrisos, as vocalizações. Esses são comportamentos sociais que favorecem o estabelecimento e manutenção da proximidade física entre o bebê e o adulto, trata-se do período crucial para o desenvolvimento do Apego.

Entre 3 e 6 meses: a orientação do corpo e o comportamento de apego já estão direcionados à figura primária de apego, que se tornou a fonte de proteção e segurança. O bebê já distingue familiares e desconhecidos, pois já estabeleceu vínculos.

Entre 7º mês e 3 anos e meio: o comportamento é de seguir o cuidador na separação e demonstrar alegria no retorno, nessa fase é possível observar que o apego já está internalizado.

3 anos e meio em diante: a criança tem um entendimento da relação de causa-efeito entre o seu comportamento e o da figura de apego e age com a intenção de influenciar o comportamento da mãe (geralmente a figura de apego) para manter a proximidade física.

Para Bowlby (1969/1990), o terceiro período de desenvolvimento do apego é considerado o principal, pois na internalização do apego forma-se o Modelo Interno de Funcionamento, isto é, a representação mental que cada parceiro diádico constrói com base nas interações que estabelece. O modelo Interno de Funcionamento é importante para todo o desenvolvimento do sujeito porque favorece sua avaliação pessoal e da figura de apego, desenvolve crenças e expectativas que influenciam subsequentes experiências de apego e guia futuras interações afetivas. No entanto, Bowlby (1969/1990) observa que essas representações mentais podem ser mudadas, dependendo da exposição a experiências marcantes e repetidas na idade adulta.

Dando continuidade as pesquisas, a equipe de Bowlby (1969/1990) acolheu a pesquisadora Mary Ainsworth (1969 citado por Bowlby 1969/1990), que trouxe valiosa e reconhecida colaboração para Teoria do Apego ao realizar estudos longitudinais de observação naturalista em Uganda, os quais serviram de base para o estabelecimento do modelo de apego seguro ou inseguro. Segundo Bowlby (1969/1990), tais modelos de apego fornecem a base para a formação de um modelo funcional interno que se refere a forma como o indivíduo vai ver a si e ao mundo. O primeiro modelo funcional referia-se a quanto o indivíduo acreditava ser aceitável aos olhos da figura de apego; já o modelo funcional do outro referia-se a quanto o indivíduo acreditava que a figura de apego estaria disponível e receptiva quando fosse necessário (Bowlby, 1969/1990). De tal forma que a figura de apego

serviria tanto como base segura – a partir da qual a criança se sentiria segura para explorar o ambiente – quanto como refúgio seguro nos momentos em que ela se sentisse angustiada ou assustada durante a exploração (Bowlby, 1990; Chisholm, 1996). Dessa forma, o apego saudável estaria relacionado à sensibilidade do adulto (geralmente a mãe) que cuida da criança.

A participação da pesquisadora Mary Ainsworth (1969 citado por Bowlby, 1969/1990) na equipe de Bowlby foi essencial para o estudo empírico da variação existente na qualidade da relação mãe-bebê, pois ela desenvolveu um procedimento padronizado denominado Situação Estranha. A partir de seu experimento (realizado em diferentes culturas) tornou-se possível mensurar o apego através da observação das estratégias das crianças para receber atenção e proteção; o resultado foi a universalidade do Apego como resposta natural a sinais de perigo.

Esse procedimento tinha como objetivo ativar de forma gradativa o sistema comportamental de apego da criança baseado em duas separações da mãe, juntamente à presença de um estranho. A partir do resultado de experimentos em que esse procedimento foi utilizado, Ainsworth (1969 citado por Bowlby, 1969/1990) percebeu que era possível categorizar as crianças em três grupos de acordo com o estilo de apego: as com apego seguro, as com apego inseguro evitativo e as com apego inseguro ansioso/ambivalente.

As crianças classificadas na categoria do apego seguro demonstravam ser ativas nas brincadeiras, buscavam contato com a mãe após uma separação breve e eram confortadas com facilidade, esse foi o tipo de apego mais comumente observado. O cuidador funciona como base segura para que a criança explore o ambiente e sintam-se protegida. As crianças classificadas na categoria do apego inseguro/evitativo eram aquelas que após uma breve separação da mãe, evitavam reunir-se a ela em seu retorno, eram crianças que quase nunca choravam, que eram indiferentes e que não procuravam a mãe se precisassem de auxílio. Já as

crianças classificadas na categoria do apego inseguro/ambivalente demonstravam uma oscilação entre a busca por contato com a mãe e a resistência ao contato com ela, além de se mostrarem mais coléricas ou passivas que as demais crianças, são ansiosas pela separação e raivosas na ausência. A ambivalência se revela porque buscam contato com a mãe, mas são resistentes e agressivos, são crianças passivas e exploram pouco o ambiente.

Bowlby (1969/1990) fez três afirmações sobre a hipótese da existência de múltiplas vinculações na infância: em primeiro lugar, a maioria das crianças pode estabelecer mais do que uma relação de vinculação, que são formadas com os familiares, na maioria das vezes. Quase sempre a mãe constitui uma figura de vinculação para a criança, porém, o pai também pode ser um cuidador competente e costuma ser utilizado como figura de vinculação. Em segundo lugar, o autor postula que o potencial número de figuras de vinculação não é ilimitado e que, de acordo com alguns estudos efetuados, as crianças não estabelecem este tipo de relação com mais de três ou quatro pessoas. Em terceiro lugar, apesar de poderem existir múltiplas figuras de vinculação, assume-se que a criança forme uma hierarquia de vinculação e apresente uma tendência a preferir uma determinada figura de vinculação para lhe dar conforto e segurança em detrimento de outra.

Essas considerações se fazem especialmente interessantes no presente trabalho, porque nos levam a refletir sobre a possibilidade do pai se configurar como a figura de apego principal. Todavia, essa maior interação do pai com o bebê, nos primeiros dias de vida, dependeria da regularidade e da qualidade das interações com o bebê e de inúmeros outros fatores, como a possibilidade legal de uma licença paternidade maior, a permissão social da mãe, da equipe de saúde e da sociedade, em geral (Bowlby, 1969/1990). De modo que se faz necessária a reflexão sobre a construção dessa relação de apego do pai com o bebê.

Embora Bowlby (1969/1990) tenha reconhecido em diversos momentos a importância do estudo do apego ao longo de todas as etapas do Desenvolvimento Humano, suas

investigações centraram-se no período da infância. Para o autor, o apego seria uma propensão que já estaria presente no neonato em forma embrionária e continuaria na infância, vida adulta e velhice. No período da infância, os vínculos são estabelecidos com os pais ou substitutos que são procurados na busca de conforto, carinho e proteção. Na adolescência e vida adulta, esses laços persistem e são complementados por novos vínculos. É possível observar em sua obra o foco no desenvolvimento das relações de apego da criança e seus pais, especialmente com a mãe. Nessa perspectiva, os princípios da Teoria do Apego trazidos por Bowlby (1969/1990) são fundamentais na conceituação e definição do apego; ainda que no presente estudo pretenda-se entender o conceito de apego para homens adultos na sua relação com o filho recém-nascido, fazendo-se necessário visitar os teóricos que levaram adiante a Teoria do Apego.

1.3 Apego Adulto

A partir da década de 80, alguns pesquisadores se propuseram a explorar a Teoria do Apego no comportamento adulto, dentre eles Mary Main (Main, Hesse & Kaplan, 2005) e sua equipe destacaram-se, pois se dedicaram a estudar a dimensão representacional do vínculo, o que resultou na construção da *Adult Attachment Interview* (AAI), um roteiro de entrevista que se propõe a fazer emergir relatos do adulto sobre sua história de apego com os pais. Essas investigações sobre o apego adulto trouxeram contribuições para a compreensão de singularidades das características emocionais e comportamentais do adulto, apontando diferenças em relação ao apego infantil.

Na obra de Bowlby (1969/1990), constata-se que o apego durante a 1ª infância se caracteriza como um interesse insistente em manter proximidade com uma ou algumas pessoas selecionadas, a fim de utilizar esses indivíduos como base segura para a exploração

do desconhecido. Assim, o apego na infância é considerado como seguro ou inseguro com relação à figura de apego; já na idade adulta, segundo Main (Main, Hesse & Kaplan, 2005), não há uma identificação com uma figura de apego em particular, o que se investiga são as diferenças individuais na história global de apego do sujeito adulto. A autora estabeleceu correlações entre as categorias de apego infantil desenvolvidas por Bowlby (1969/1990), a partir do pressuposto da Teoria do Apego em que os modelos internos desenvolvidos nas relações com as figuras de apego primárias tendem a ser estáveis e a se generalizar em relações futuras. A partir das experiências infantis, a criança vai estruturando um tipo de apego que é influenciado pela interação que estabelece com seus pais ou substitutos (Bowlby, 1969/1990). Na idade adulta, porém, as funções dos laços de vinculação diferem daquelas das crianças e dos adolescentes, já que os indivíduos adultos possuem uma autonomia que lhes permite prover por si próprios sua sobrevivência (Schmidt & Argimon, 2009).

Bowlby (1969/1990) e os pesquisadores que o seguiram sugeriram que como resultado das experiências de vinculação precoces a criança acumula conhecimento e desenvolve um conjunto de representações mentais, denominadas de modelos internos dinâmicos sobre si próprio, os outros e o mundo. Nas fases iniciais da vida, esses modelos possibilitam a criança interpretar e prever o comportamento da figura de vinculação, já durante a adolescência e a idade adulta teriam a função de orientar o comportamento do indivíduo (Canavarro; Dias & Lima, 2006). Esses modelos internos dinâmicos, geralmente não são conscientes, regulam o sistema comportamental de vinculação, são resistentes à mudança e tendencialmente estáveis, todavia, são passíveis de mudança. A mudança pode acontecer se o indivíduo, através de experiências de vinculação significativas, desconfirmar experiências anteriores e/ou se conceitualizar as suas experiências passadas de outra forma. Esses modelos internalizados continuam presentes ao longo de todo o ciclo de vida e na vida adulta se tornam mais evidentes em situações de maior adversidade.

Canavarro e Dias e Lima (2006), em estudo de revisão crítica sobre o uso da Escala de Vinculação do Adulto na população portuguesa concluem que existem três congruências entre a vinculação durante a idade adulta e a vinculação durante a infância. A primeira delas refere-se à similaridade de características emocionais, pois seja na infância seja na idade adulta os sentimentos associados à ativação dos comportamentos de vinculação são os mesmos: propriedades motivacionais para dirigir a atenção e protesto quanto a separação. A segunda congruência diz respeito à generalização da experiência: os elementos emocionais ligados à vinculação durante a infância são expressos nas relações de vinculação na idade adulta, como a falta de confiança na disponibilidade da figura de vinculação, por exemplo. A terceira congruência refere-se à ligação temporal do vínculo, pois na idade adulta observa-se a formação de relações de vinculação com pares e uma diminuição dos progenitores como figuras primárias de vinculação. Os autores ainda enumeraram as dissemelhanças entre a vinculação durante a idade adulta e a vinculação durante a infância. Uma delas refere-se ao fato de as relações de vinculação nos adultos serem especialmente estabelecidas entre pares; além de o sistema comportamental de vinculação não se destacar de outros sistemas, já que a sobrevivência já não está em jogo e as relações de vínculo estabelecidas na idade adulta já podem ser de natureza sexual. Outra dissemelhança é que são necessários acontecimentos indutores de stress mais fortes para ativar comportamentos de vinculação. Por fim, as relações de vinculação já não são de essência complementar, mas de reciprocidade, pois o adulto presta e recebe cuidados alternadamente, de acordo com contexto e as necessidades de cada um na relação (Canavarro; Dias & Lima, 2006).

Dentre as teorias do apego há uma perspectiva sobre a estabilidade do vínculo, segundo a qual há uma transmissão intergeracional, um processo em que atitudes e comportamentos de uma geração precedente influenciam comportamentos numa próxima geração, intencionalmente ou não. A qualidade do relacionamento de apego entre os pais e

seus progenitores reflete-se em seu estilo de apego com a criança e o modelo internalizado de apego da mãe está relacionado com a habilidade de entender e responder às necessidades de seu filho. Desse modo, a representação mental do adulto e das suas próprias relações precoces de apego reflete-se nos subseqüentes comportamentos parentais (Schmidt & Argimon, 2009). A Teoria do Apego e os estudos posteriores indicam que a idade adulta é caracterizada pela estabilidade dos comportamentos de vinculação que se baseiam nos modelos internos de funcionamento. No adulto, os estilos de apego são reatualizados nas relações de vinculação por meio da relação amorosa e do acesso ao papel de progenitor com seus próprios filhos (Schmidt & Argimon, 2009).

Sobre as relações amorosas, Hazan e Shaver (1987) exploraram a possibilidade de o amor romântico em adultos estar fundamentado em um processo de apego. Segundo os autores, os modelos funcionais internos propostos por Bowlby (1969/1990) – estabelecidos com o cuidador principal durante as diversas interações na infância – continuariam a guiar e moldar o comportamento do indivíduo na idade adulta. Dessa forma, tais modelos poderiam ser extrapolados para outras relações interpessoais, como as relações românticas, por exemplo. Isso porque na interação cuidador principal-criança há formação de vínculos afetivos e noção de segurança e conforto quando a figura de apego está disponível, assim como existe angústia quando há separação (Fraley & Shaver, 2000).

Ainda sobre medidas de apego adulto, Bartholomew e Horowitz (1991) propuseram avaliar os estilos de apego em quatro categorias ao invés de três, pois levavam em consideração a imagem abstrata que o indivíduo possuía de si – modelo interno de si (positivo ou negativo) – e a imagem abstrata que o indivíduo possuía de outra pessoa – modelo interno do outro (positivo ou negativo). Sob essa perspectiva, o estilo inseguro evitativo foi desmembrado em evitativo medroso e evitativo rejeitador, o que resultou em quatro estilos de apego (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Posteriormente, Griffin e Bartholomew (1994) criaram o Questionário dos Estilos das Relações (*Relationships Questionnaire Styles*) essa escala de natureza *multi-item*, composta por 30 itens, permite avaliar o indivíduo tanto categoricamente quanto dimensionalmente. A escala demonstrou uma maior confiabilidade do que o instrumento proposto por Bartholomew e Horowitz (1991), uma vez que a classificação seria baseada não apenas em uma única frase, mas a partir de um conjunto de afirmações. A proposta de Griffin e Bartholomew (1994) chamou a atenção de pesquisadores, que passaram a ver que o apego seria mais bem compreendido por meio de dimensões. Com essa noção de um construto dimensional Brennan, Clark e Shaver (1998) desenvolveram uma escala que tem sido bastante utilizada e adaptada a diversas culturas, sobretudo por suas propriedades psicométricas e adequação conceitual à teoria: *Experience in Close Relationships Inventory*. No entanto, o ECR é um instrumento que se propõe a medir o apego adulto a partir da interação estabelecida em relacionamentos amorosos.

Ainda na perspectiva de que no adulto os estilos de apego são reatualizados nas relações de vinculação, por meio da relação amorosa e do acesso ao papel de progenitor com seus próprios filhos, as investigações sobre apego vêm sendo ampliadas e incluem também o período fetal como um período de vinculação para o adulto com o filho. No entanto, tais estudos têm se dedicado a evidenciar que o apego materno fetal é um preditor do apego pós-natal entre mãe e bebê, sendo o pai poucas vezes investigado nesse cenário. Os avanços técnico-científicos têm confirmado a existência de capacidades sensoriais no feto e no bebê recém-nascido e auxiliado a compreensão das interações feto maternas e suas repercussões no plano emocional, tanto da mãe quanto do bebê, o que torna ainda mais necessária a realização de pesquisas no período pré-natal e puerperal, de modo a estimular a formação do vínculo (Brazelton, 1994).

O Apego Materno Fetal (AMF) tem sido o termo utilizado para descrever os comportamentos e atitudes da mulher de adaptação à gravidez, com base nas suas representações cognitivas, como o imaginário da mãe e as atribuições que faz sobre as características físicas e emocionais do feto. O Apego Materno Fetal é definido em termos de intensidade com a qual a gestante manifesta comportamentos que representam a afiliação e a integração com a sua criança intra-útero. Estudos como os de Doan e Zimmerman (2003) e Schmidt e Argimon (2009) apresentam como fatores que podem ter correlação com o Apego Materno Fetal: (a) características de personalidade da mãe, incluindo empatia, ansiedade e depressão; (b) atitudes para com a gravidez; (c) fatores situacionais vivenciados durante a gestação; (d) apoio social recebido durante o período gestacional; (e) relacionamento marital; (f) características específicas da gravidez, como estágio da gestação, sintomas físicos e planejamento da concepção; (g) fatores demográficos, tais como idade materna e número de gestações; (h) perdas perinatais.

Além disso, a intensidade do Apego Materno Fetal ainda pode variar em função das variáveis que o influenciam positivamente, como o avanço da idade gestacional, a presença dos movimentos fetais, a história da gravidez e a história de apego da própria mãe. Ora, se esses fatores influenciam na formação do apego mãe-bebê desde muito precocemente, resta o interesse por estabelecer correlações entre os fatores promotores do apego na relação pai-bebê. Certas variáveis, como a personalidade do pai, o tipo de relação com a mãe do bebê e a desejabilidade da paternidade certamente influenciam no estabelecimento do vínculo com o bebê, principalmente durante o puerpério, período em que há as primeiras interações pai-filho. Assim, torna-se necessário conhecer o caminho de construção do apego pai-bebê, que passa inevitavelmente pela construção da sua identidade paterna.

1.4 O apego em Pais

Os atos de conceber e criar filhos são constituídos como experiências humanas culturalmente atribuídas às mulheres, nos quais o pai é inserido de forma parcimoniosa (Lyra da Fonseca, 1997). O cuidado com os filhos é uma atividade relacionada à produção e reprodução da vida humana, portanto, seria uma atividade do gênero feminino. Durante séculos e até os dias atuais, a associação entre o gênero feminino e as atividades de cuidado foram sendo naturalizadas, de modo que é culturalmente entendido que a maternidade e o amor à criança pequena são da natureza dos instintos femininos (Perosa & Pedro, 2009).

As mudanças sociais no desempenho do papel feminino e as consequentes transformações nas configurações familiares trazem mudanças no modo de entender as funções que os sujeitos desempenham nos papéis sociais que assumem. Ao mesmo tempo em que já existe a superação da expectativa de que o pai seja o único provedor financeiro da família, ainda existe a manutenção de valores da lógica patriarcal que influenciam no desempenho das funções de pai e de mãe, o que faz com que mesmo as mulheres chefes de família mantenham a expectativa de que o pai desempenhe a função da figura de autoridade com os filhos (Perucchi & Beirão, 2007).

Enquanto o papel social da mãe é sempre bem definido, o pai enfrenta uma grande lacuna quanto ao seu papel após o coito fecundante, vindo a ter uma definição mais clara da sua atuação apenas quando a criança chega à idade pré-escolar (Arihla, 1999; Lyra da Fonseca, 1997). Principalmente nos lares chefiados por mulheres, a paternidade parece ocupar outros lugares no universo de significações dessas mulheres (Perucchi & Beirão, 2007).

Culturalmente, a paternidade é associada ao papel da provisão material, caracterizando como um bom pai aquele que não deixa faltar o alimento em casa e dá lições de vida ao filho (Freitas et al., 2007). De acordo com Freitas et al. (2007), para o pai a primeira

responsabilidade social é com o provimento financeiro da família, o que implica dizer que ser pai não é só ter filhos, mas conseguir mantê-los. Hoga e Reberte (2009) chegaram a conclusão semelhante ao realizar um estudo com pais adolescentes e constatar que muitos deles começaram a trabalhar quando descobriram que iriam se tornar pais, o que revela que a prioridade do momento era prover o sustento da família, sendo essa a principal responsabilidade do pai. Com isso, para esses jovens o trabalho remunerado é referência fundamental para o exercício da paternidade (Freitas et al., 2007; Hoga & Reberte, 2009; Levandowski & Piccinini, 2006).

Freitas et al. (2009) corroboram dessa perspectiva, pois ao analisar os depoimentos dos pais adultos entrevistados, encontraram o discurso da paternidade como o encargo social que legitima o homem com a qualidade de provedor, de chefe da família. A atribuição de provedor financeiro tem o sentido de missão natural da paternidade: o pai se ocupa do sustento da família, enquanto a mãe se ocupa dos cuidados com os filhos (Carvalho et al., 2009; Freitas et al., 2009; Levandowski & Piccinini, 2006).

Dessa forma, a paternidade seria o eixo central da masculinidade adulta, pois a paternidade concretiza a capacidade de cuidar, sendo essa capacidade uma dimensão fundamental da verdadeira *hombría*, definida em termos de responsabilidade e de cuidado (Arihla, 1999). Ao tornar-se pai, o jovem perde no quesito liberdade e quando abdica dos prazeres juvenis, mas ganha ao receber o reconhecimento social da sua *hombría* (Carvalho et al., 2009; Meincke & Carraro, 2009). É interessante notar que essas atribuições de cuidado que constituem a identidade do homem adulto são atribuições não do homem, mas do pai, notando-se claramente a associação existente entre o ser pai e o ser homem. Hoga e Reberte (2009) corroboram dessa informação ao afirmar que para os pais adolescentes tornar-se pai significava a necessidade de dar prioridade às necessidades do filho e não mais às suas. Isso representava um processo de passagem do universo adolescente para o adulto, fazendo com

que os jovens repentinamente se sentissem mais maduros. As autoras constataram que muitos dos adolescentes participantes do estudo tornaram-se pais porque já desejavam isso, o que revela que existe uma associação entre paternidade e masculinidade (Hoga & Reberte, 2009).

No estudo realizado por Freitas et al. (2009) também foi observado no discurso dos pais adultos entrevistados que o tornar-se pai era identificado como o ponto de mutação entre a infância e a vida adulta. Nesse sentido, ter um filho transforma a vida do homem na medida em que sendo pai, é menos filho e mais adulto. Portanto, para esses sujeitos a paternidade é um constituinte da idade adulta do homem e a provisão material é o eixo orientador (Carvalho et al., 2009; Freitas et al., 2009; Meincke & Carraro, 2009). Visto que os homens vinculam a paternidade a um atributo moralmente valorizado: a capacidade de sustentar e educar os filhos (Carvalho et al., 2009; Hoga & Reberte, 2009). Ser pai é, além de garantir o sustento dos filhos, construir um aprendizado e modelos de comportamento que possam se perpetuar nos netos (Freitas et al., 2009).

O estabelecimento dessa relação de cuidado com a família é uma forma de inserção do masculino no âmbito privado/doméstico. Sabe-se que a representação do masculino está associada à esfera pública, pois é o homem quem sai de casa para trabalhar, para conquistar seu espaço no mercado de trabalho; já para a mulher são atribuídas funções de cuidado, realizadas na esfera privada, do lar (Lyra da Fonseca, 1997). Nesse ponto, os papéis de pai e mãe se diferenciam, em certa medida, até se opõem, pois à medida que as mães se envolvem com os filhos em casa, os pais se distanciam (Freitas et al., 2007).

A maior participação dos homens no cuidado aos seus filhos tende a provocar uma maior dinamização nas relações de gênero, principalmente porque as crianças poderão observar o comportamento dos pais nas atividades domésticas e ampliar o seu repertório quanto ao desempenho dos papéis masculinos e femininos. Pela observação dessa relação, as crianças podem entender que o pai, tanto quanto a mãe, tem um importante papel no

desenvolvimento infantil, não só na provisão financeira e material, mas também nas relações de afeto e cuidado.

Além disso, dependendo do tipo de relacionamento estabelecido entre os pais da criança, o desenvolvimento neuropsicomotor do bebê poderá ser afetado, uma vez que o ambiente familiar e fatores como o alto nível de estresse familiar, baixa responsividade materna e alteração da competência parental parecem atuar diretamente na formação do apego entre mãe e bebê, especialmente, no desenvolvimento infantil (Buarque, Lima, Scott e Vasconcelos, 2006).

Buarque, Lima e Scott e Vasconcelos (2006) constataram que na opinião das adolescentes entrevistadas, a existência de um ambiente familiar estável se caracteriza pela presença do apoio do pai do bebê, que pode interferir não só em aspectos psicossociais da criança, como também no seu desenvolvimento neurológico. Contudo, raramente o homem é questionado sobre como se dá a sua experiência de assumir a paternidade e quais fatores estão envolvidos nesse processo.

Para o pai, a gravidez da parceira pode trazer sentimentos diversos (alegria, tristeza, satisfação, insatisfação) e a forma como o homem vivencia a paternidade irá influenciar no estabelecimento de vínculos tanto com a parceira quanto com o bebê. De modo que essa vivência está marcada por questões emocionais, culturais, religiosas e familiares (Freitas et al., 2007).

Os pesquisadores que se dedicaram a conhecer os sentimentos envolvidos na paternidade revelam que durante a evolução da gravidez da parceira, o homem vai se deparar com uma diversidade de sentimentos, muitas vezes ambíguos. As reações iniciais do pai frente à notícia da gravidez da parceira são de surpresa, medo, abalo e preocupação, que, com o tempo, irão se transformar em sentimentos de conformação, aceitação, amor e felicidade

(Hoga, Reberte, 2009; Levandowski, Piccinini, 2006; Meincke, Carrara, 2009; Munhoz, 2006).

Munhoz (2006) afirma que o sentimento de medo relatado pelos pais frente à descoberta da gravidez da parceira é comum e acontece tanto com os pais adolescentes quanto com os adultos, uma vez que a paternidade é uma experiência nova em suas vidas e provoca a ideia de que não saberão lidar com a situação. Existem algumas justificativas para essas mudanças de sentimentos do pai que vão do medo à alegria durante a evolução da gravidez; alguns estudos apontam que para que o homem perceba que se tornou pai não é necessário somente tomar conhecimento da gravidez, a experiência da paternidade, geralmente, se inicia quando o pai começa a acompanhar os movimentos do bebê ou quando escuta os batimentos cardíacos, o que provoca sentimentos positivos de felicidade e prazer. É por isso que a participação do homem desde o início da gestação é crucial para a preparação do exercício da paternidade (Costa et al., 2005; Freitas, Coelho & Silva, 2007; Munhoz, 2006).

Nas duas últimas décadas vem sendo desenvolvido um constructo da Psicologia e das Ciências Sociais chamado envolvimento paterno, que visa dar conta dessa participação mais efetiva do homem nas atividades domésticas e, principalmente, no cuidado com os filhos (Silva & Piccinini, 2009). O envolvimento paterno é definido não só pela maior participação do pai nas atividades familiares, mas também pelo comportamento do pai na interação com a criança, nas atividades de cuidado, recreação e apoio à esposa, nos sentimentos do pai de satisfação com a paternidade e na qualidade da relação com a criança (Silva & Piccinini, 2009). É o envolvimento paterno que possibilita o surgimento de novas expectativas, atitudes e crenças a respeito do que o pai deve fazer nas relações familiares e o que faz surgir o papel social que tem sido chamado de “novo pai” ou “nova paternidade” (Lyra da Fonseca, 1997; Meincke & Carrara, 2009; Silva & Piccinini, 2009).

O “novo pai” participa sim das atividades de suporte econômico da família, de disciplina e controle das crianças, mas não se limita a essas atribuições e participa ativamente em todos os aspectos do cuidado com o filho, como na alimentação do bebê e, posteriormente, na educação dos filhos em todas as etapas do desenvolvimento (Lyra da Fonseca, 1997; Meincke & Carraro, 2009; Silva & Piccinini, 2009). Ao descrever o novo pai de forma mais específica, Lyra da Fonseca (1997) o caracteriza como um homem jovem, “entre 20 e 35 anos, que troca a fralda do bebê, lhe dá madeira, leva-o para passear e cuida dele” (Lyra da Fonseca, 1997, p.42).

É claro que o papel desse “novo pai” permanecerá em construção por muitos anos, mas a aposta que se faz para o futuro é que não haja uma mera troca de lugar com a mãe, mas que esse pai seja um homem que no contato com o bebê e com a criança lide com as reações complexas e ambivalentes até hoje reservadas só para a mãe (Lyra da Fonseca, 1997). Espera-se também que além de contribuir financeiramente com o sustento da família, ele esteja apto para dividir com a mãe as responsabilidades do cuidado da casa e das crianças e para envolver-se e comprometer-se na criação e educação dos filhos (Perosa & Pedro, 2009).

Para compreender o processo de tornar-se pai e de estabelecer com o filho uma relação de apego, é preciso refletir sobre as limitações impostas ao pleno exercício da paternidade e do estabelecimento do vínculo. Quando falamos de pais de camadas populares devemos considerar que eles são, na maioria dos casos, vulneráveis economicamente e têm dificuldade para conseguir emprego em função da pouca formação escolar. De modo que é justamente essa deficiência educacional e econômica que lhes causa ansiedade face à responsabilidade de se constituir como provedor material para a criança (Lyra da Fonseca, 1997; Arilha, 1999; Schelemberg et al., 2007).

Apesar de vulneráveis economicamente, alguns pais adolescentes envolvem-se física e psicologicamente nessa experiência. De acordo com Costa et al. (2005) há diferentes maneiras

de se assumir a paternidade. No plano legal o reconhecimento da paternidade se dá através do registro civil da criança – do ponto de vista social essa prática é considerada o mais legítimo reconhecimento da paternidade. O reconhecimento informal-voluntário da paternidade caracteriza-se pelo interesse do pai em acompanhar o desenvolvimento do filho, pelo estabelecimento do contato com a criança na alimentação e no cuidado, podendo incluir além do apoio emocional à criança, o suporte financeiro (Lyra da Fonseca, 1997). A paternidade deve, então, ser considerada como uma experiência que pode ser positiva para os pais, sendo necessário apoiar e permitir o envolvimento do homem nesse processo, admitindo que a criança poderá ter um desenvolvimento mais saudável quando dispõe dos cuidados de pai e mãe.

Estudos revelam que os homens precisam de apoio para desenvolver suas habilidades e tarefas enquanto pais e para expressar seus medos e inseguranças. Mello de Carvalho (2003) e Schmidt e Bonilha (2003) afirmam que há uma falta de modelo para exercer a paternagem, pois falta aos homens um modelo de pai cuidador, já que foram educados numa relação geralmente distante com os seus próprios pais. Além disso, há fatores que dificultam a aproximação pai-bebê ainda durante o parto e o puerpério, como a desqualificação do vínculo afetivo pai-bebê por parte dos profissionais de saúde, que reservam às mães a capacidade e responsabilidade exclusivas no cuidado com as crianças. Os profissionais de saúde que atuam nos cuidados iniciais do bebê e possuem essa visão não estimulam os pais a se vincularem às crianças, nem dão atenção às demandas da paternidade. Dá-se, assim, o cenário do pano de fundo da exclusão dos pais nos serviços obstétricos e pediátricos (Mello de Carvalho, 2003). É preciso considerar que o desejo do homem em compartilhar o nascimento do filho, para poder sentir a emoção de ser pai e permanecer com sua parceira, por exemplo. Porém, nem sempre essa vontade é concretizada em função das desigualdades institucionais e da conduta profissional, de modo que tornar-se cada vez mais necessário advogar a presença desse

homem como necessidade e prioridade para o bem-estar do casal e da família. Alguns pais têm a motivação para se envolver com o bebê frustradas em função da pouca atenção ou da própria rejeição à sua presença, o que revela um desacerto entre as ações de saúde e o incremento da paternidade participante (Mello de Carvalho, 2003).

Outro fator de exclusão dos pais na participação no parto e no puerpério é a própria decisão de algumas mulheres por acompanhantes femininas, alegando que os homens não “aguentariam” presenciar os partos. É importante refletir sobre tais comentários, presentes no estudo realizado por Mello de Carvalho (2003), pois revelam estratégias das mulheres para manter os homens fora dos ambientes “femininos” (Mello de Carvalho, 2003), ainda que nem sempre revelem um comportamento intencional. Desde as brincadeiras infantis, as mulheres são ensinadas a cuidar (das bonecas, dos filhos, dos maridos, dos familiares), assim, acabam por assumir o papel de cuidadoras oficiais da família, sempre que surge a necessidade. De forma que na ocasião do parto, a mãe do bebê é cercada pelas outras mulheres da família que se responsabilizam pelo cuidado da mãe e do bebê, autorizadas a essa atividade por já terem exercido outras vezes. O homem é assim afastado do cenário pela sua inexperiência no cuidado.

No entanto, é preciso considerar a perspectiva dos pais, pois, como Oliveira e Brito (2009) constataram a participação do homem no processo da gravidez é concebida pelos maridos/companheiros como envolvimento afetivo para com esposa e filho e se expressa por atitudes, comportamentos e sentimentos que se entrelaçam durante o ato de cuidar.

Em um estudo realizado por Guimarães & Monticelli (2007) concluiu-se que a formação do apego entre pais e filhos, nos casais estudados, antecedia o momento de hospitalização para o nascimento propriamente dito e era facilitada pelo desejo comum dos casais em expandir suas famílias. Um dos achados do estudo revelou que os atos de olhar, tocar e sentir o bebê no momento do nascimento contribuíam para que o pai fizesse a

transição do filho idealizado ao filho real e que mesmo que o tempo de aproximação entre eles e o filho fosse curto, sentiam-se pertencentes um ao outro e capazes de transmitir ao recém-nascido segurança e afeição (Guimarães & Monticelli, 2007). Em outras palavras, isso revela o quanto o contato precoce do pai com o bebê, durante o puerpério, favorece a formação do apego. O estudo realizado com pais de bebês pré-termo concluiu que o período do puerpério é, para a mãe e para o pai, um período marcado pelo aprendizado nas vivências diárias. O processo de se tornarem pais de bebê pré-termo faz com que o homem e a mulher se deparem com diferentes transformações que os levam a uma sobreposição de responsabilidades e compromissos, levando à fadiga corporal e mental, frente às múltiplas e complexas demandas para cuidar do filho, além de todas as alterações hormonais que a mulher está sujeita, em face da vivência puerperal (Guimarães & Monticelli, 2007).

Oliveira & Brito (2009) concluíram que após o nascimento o pai percebe as primeiras dez semanas da paternidade quase da mesma forma que a mãe. Para os pais entrevistados no estudo, o período do puerpério foi caracterizado pela incerteza, pelo aumento das responsabilidades, pela interrupção do sono e pela incapacidade de controlar o tempo necessário para cuidar do bebê. Além disso, os homens também incluíram a preocupação quanto à diminuição da atenção da parceira, a falta de reconhecimento da mulher quanto ao desejo do parceiro em participar da tomada de decisões e a limitação do tempo disponível para ele estabelecer um relacionamento com o filho (em função das leis trabalhistas que o obrigam a retornar rapidamente ao trabalho), o que tende a causar desequilíbrio na relação conjugal.

Sobre os relatos dos pais, Oliveira e Brito (2009) refletem que durante o puerpério o cuidado direto do pai com seu filho ainda ocorre de forma bastante limitada, suas ações, muitas vezes, são mediadas por atitudes de outros integrantes da própria família (geralmente, as mulheres da família), excluindo-o de experiências valiosas referentes à paternagem. Além

disso, a jornada de trabalho não permite a esse homem permanecer mais tempo em casa, pois grande parte da sociedade ainda entende que sua presença é, de certo modo, dispensável (Oliveira & Brito, 2009).

Os pais do estudo de Oliveira e Brito (2009) relataram ainda preocupação com o sustento financeiro da família, que tem início com a descoberta da gravidez. Para esses pais, o sentido de prover financeiramente a família tornava-se intensificado quando descobriam que seriam pais, reforçando a concepção da divisão sexual do trabalho, na qual cabe ao homem a responsabilidade de suprir as necessidades da família. Nesse sentido, a paternidade pode significar aumento da responsabilidade financeira traduzida pela preocupação em fornecer a sua família uma melhor qualidade de vida (Oliveira & Brito, 2009). E assim, não podemos esquecer que como a dimensão da provisão financeira é extremamente importante na assunção da paternidade, ela inevitavelmente se fará presente na formação do apego pai-bebê. Além de serem aptos a prover financeiramente o bebê, os pais querem ser reconhecidos como afetivamente importantes para os filhos, e também considerados aptos para providenciarem todos os cuidados necessários ao bem-estar destes, inclusive aqueles antigamente restritos às mães. Para cuidar do bebê, o cuidador deve conhecer e reconhecer as necessidades do outro e responder a elas de forma adequada (Oliveira & Brito, 2009).

Os profissionais de saúde podem contribuir atuando como rede de apoio ao pai durante o puerpério, reforçando que algumas atitudes do pai, como mostrar-se disponível seja para ajudar ativamente a cuidar do bebê seja apenas para ouvir a sua companheira, ajudam na prevenção do desgaste psicológico da mulher, no desenvolvimento do vínculo e do exercício da paternidade (Oliveira & Brito, 2009).

Assim, torna-se importante que os profissionais de saúde conheçam as emoções vividas pelo casal durante a gravidez, o parto e o puerpério e que visualizem formas de estratégia de ajuda e consolidação dos papéis de pai e mãe (Oliveira & Brito, 2009). Isso nos

revela a importância da realização de estudos com pais que promovam um maior e melhor conhecimento da participação dos homens na gravidez e no puerpério, assim como do que é necessário para promover o maior envolvimento dos homens nesse cenário.

Oliveira e Brito (2009) revelam que à medida que o pai vivencia a experiência do parto e dos primeiros cuidados com o bebê em conjunto com a mãe, ele desenvolve habilidades diante dos desafios de cuidar do seu descendente. Gomes (2012) afirma que se desde o parto, a mulher for estimulada a tocar, sentir e acariciar a criança assumirá o aprendizado das tarefas culturais da maternagem. Ora, nesse sentido pode-se concluir que a participação do pai no parto e no puerpério também contribuirá para que assuma a paternagem e estabeleça vínculos saudáveis com o bebê.

Nesse sentido, Gomes (2012) sugere algumas intervenções como estratégia para promoção de vínculos saudáveis entre pai e bebê: a) intervenções que sejam dirigidas a crianças e bebês (considerando que quanto mais precoce, mais fácil se estabelece o vínculo e mais saudável é para a criança); b) promova a interação pai e filho; c) estimule a capacidade do cuidador em responder à criança; d) o acolhimento do bebê no parto pelo pai (pois provoca estímulo do sistema sensorial do bebê e contribui para o aumento da atividade motora).

É especialmente interessante a estimulação da participação do pai no momento do parto e no puerpério como apontado acima por Gomes (2012), pois entende-se que a participação dos pais durante o parto é uma prática que traz o núcleo familiar para o ambiente institucional, o que se apresenta como um desafio para a construção de um modelo de assistência de qualidade do nascimento das crianças (Oliveira & Brito, 2009).

2 JUSTIFICATIVA

A partir do movimento feminista, principalmente durante a década de 60, a mulher foi conquistando alguns espaços que contribuíram para determinadas decisões na sua vida, como a busca por lugares de trabalho fora do ambiente familiar, o uso do anticoncepcional, entre outros (Perosa & Pedro, 2009). Pode-se listar ainda outros avanços da participação feminina na vida pública que vão além da sua participação no mercado de trabalho, como a participação nas organizações políticas e sindicais, o usufruto de benefícios como a licença maternidade, por exemplo, e de recursos econômicos. Em decorrência da ampliação da participação da mulher na esfera pública de trabalho foram geradas novas situações de relações parentais e do relacionamento homem/mulher no cenário social contemporâneo (Freitas et al., 2007).

As mudanças no papel social da mulher implicaram em mudanças no papel da mãe e, conseqüentemente no papel do pai. Ao mesmo tempo em que existe a superação da expectativa de que o pai seja o único provedor financeiro da família, existe ainda a manutenção de valores da lógica patriarcal, que influencia no desempenho das funções de pai e de mãe e faz com que mesmo as mulheres chefes de família mantenham a expectativa de que o pai desempenhe a função de figura de autoridade com os filhos (Perucchi & Beirão, 2007).

De toda forma, o papel social da mãe é bem definido, enquanto o pai, após o coito fecundante, enfrenta uma grande lacuna quanto ao seu papel, tendo uma definição mais clara da sua atuação apenas quando a criança chega à idade pré-escolar (Arihla, 1999; Lyra da Fonseca, 1997). Principalmente nos lares chefiados por mulheres, a paternidade parece ocupar outros lugares no universo de significações dessas mulheres (Perucchi & Beirão, 2007).

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho e o advento da pílula anticoncepcional, a divisão rígida dos papéis de mãe e de pai tem sofrido modificações. O pai, que antes se constituía exclusivamente como provedor financeiro e instalador da autoridade no lar, agora incorpora funções socialmente delegadas às mulheres, como a realização de tarefas domésticas e cuidado às crianças, além do acompanhamento do desenvolvimento delas. Todas essas mudanças no papel do pai têm sido lentamente incorporadas e ainda não há um papel bem definido para esse “novo pai”, o que faz com que alguns homens se sintam confusos diante da necessidade de assumir o papel de pai, sem ter as suas atribuições claramente definidas. Somado a isso, social, histórica e culturalmente a mulher possui mais espaços para falar sobre seus conflitos, além de existir um significativo número de serviços de atendimento e cuidado à sua saúde física e mental, tanto no sistema público de saúde quanto no privado.

Uma das consequências da pouca atenção que se dá a saúde do homem é que ele não possui espaços para falar sobre as situações de conflito, como o tornar-se pai, por exemplo. Além de culturalmente ser atribuído aos homens a função de manter-se estável emocionalmente e não expressar suas emoções. Todos esses fatores contribuem para o adoecimento dos homens, sendo a depressão paterna a expressão mais atual de todo o cenário descrito acima.

Atualmente, pesquisas têm revelado que os homens também sofrem de depressão após o nascimento do filho, em editorial publicado na Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, os autores Falceto, Fernandes & Kerber (2012) alertam para a ocorrência da depressão pós-parto paterna que já apresenta uma prevalência que varia entre 11,9 a 25,4% dos homens no Brasil. A depressão pós-parto sempre foi um fenômeno tipicamente feminino, mas recentemente tem atingido também os homens, em função de fatores sociais e culturais que estariam relacionados à dificuldade em formar uma ligação afetiva com o filho. No

período pós-parto aumentam as preocupações financeiras, conseqüentemente a dedicação do homem ao trabalho, o que pode diminuir ainda mais o tempo destinado ao relacionamento pai-filho. O medo de falhar nas tarefas de provedor, apoiador emocional e parceiro romântico está relacionado ao estresse psicológico paterno, que leva ao desenvolvimento de sintomas depressivos, em muitos casos (Falceto, Fernandes & Kerber, 2012).

Diante disso, faz-se necessário a realização de estudos com o público masculino, principalmente de estudos que permitam a verificação de fatores promotores da formação do vínculo pai-bebê e que possibilitem futuras intervenções de saúde pública, no sentido de promover tais fatores. O apoio social tem se mostrado o principal fator associado à formação do vínculo pai-bebê, o homem necessita que a sua família de origem e a sua parceira reconheçam sua capacidade de cuidar da criança que está por vir e construam uma atmosfera em que ele se sinta seguro para expressar suas emoções, ainda que ambivalentes, assim como ocorre para a mãe. A presença dos fatores que a literatura científica tem revelado serem promotores do apego pai-filho permite ao homem assumir o papel de pai de forma saudável, plena e criativa, de modo a participar ativamente em diversos aspectos da vida do seu filho. Pois, pai e filho se beneficiam amplamente de ações que promovam o fortalecimento desse vínculo.

A realização da presente pesquisa poderá permitir identificação dos fatores associados à formação do apego paterno ainda no puerpério, isso poderá contribuir como um sinal de alerta para que as políticas e serviços de saúde abram espaço para a participação ativa do pai em atividades que o preparam para o exercício da paternidade, como a participação nos exames pré-natais e no parto. O estudo dos fatores associados à formação do apego pai-filho ainda no puerpério torna-se relevante diante da necessidade de dar maior atenção e cuidado à saúde do homem.

Ao longo dos anos a literatura científica sobre o apego tem mostrado que este vínculo atua fortemente como promotor do desenvolvimento saudável do bebê. A formação de um vínculo entre o pai e o bebê já desde a gestação, principalmente no puerpério, permite ao homem uma melhor preparação para o exercício da paternidade. A formação desse vínculo pai-filho possibilita que o homem assuma de forma saudável o papel de pai, sem a ocorrência de alguns problemas da atualidade como a depressão paterna, que ocorre justamente pela falta de preparação do sujeito para assumir um papel definitivo e transformador da sua rotina e das suas relações.

Dessa forma, o presente estudo poderá contribuir para a criação de novas intervenções em políticas públicas, cujo alvo é a saúde sexual do homem, incentivando os profissionais a reconhecerem que os pais estão dispostos a se responsabilizar pelos cuidados à criança, mas que precisam do apoio da equipe de saúde para a preparação para o exercício da paternidade, através da facilitação da formação do vínculo pai-filho, especialmente, no período crítico do puerpério.

3 OBJETIVOS

Geral:

Elaborar um instrumento de verificação do apego paterno durante o puerpério e verificar as suas propriedades psicométricas.

Específicos:

- Caracterizar o estado da arte sobre a temática da formação do apego;
- Conhecer o conceito de apego dos participantes da pesquisa (na etapa de entrevista em profundidade);
- Desenvolver uma definição constitutiva do apego;
- Conhecer os fatores apontados pelos sujeitos como estando relacionados à formação do apego pai-filho;
- Estabelecer relações estatisticamente significantes entre os fatores socioeconômicos, do relacionamento do casal e da história da gravidez com a formação do apego paterno durante o puerpério;
- Verificar a presença do apego paterno através do instrumento construído com base nas respostas dos participantes da entrevista e com base na literatura científica sobre os comportamentos, sentimentos e expectativas paternas que indicam a formação do apego paterno;
- Verificar se há diferença na formação do apego paterno nos grupos separados em função da idade;
- Verificar se há diferença na formação do apego paterno nos grupos separados em função do tipo de relacionamento com a mãe do bebê;

- Verificar se há diferença na formação do apego paterno nos grupos separados em função da desejabilidade da gravidez;
- Verificar se há diferença na formação do apego paterno nos grupos separados em função da quantidade de filhos dos sujeitos (grupo de pais de primeira viagem e grupo de pais que têm mais de um filho).

4 METODOLOGIA

Delineamento da Pesquisa

O presente estudo é de tipo exploratório descritivo de corte transversal e analítico, realizado com pais cujos filhos tenham nascido na Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC); na Maternidade Municipal Leide Moraes; na Maternidade Municipal Araken Irerê Pinto; na Maternidade e Unidade Mista de Felipe Camarão, todas em Natal/RN; no Hospital Universitário Ana Bezerra, em Santa Cruz/RN; e no Hospital Regional Mariano Coelho, em Currais Novos/RN, e que estavam nas referidas Maternidades por ocasião da visita ao recém-nascido ou para o registro civil da criança. A coleta de dados também foi realizada em domicílio, no município de Caicó/RN, com pais que estavam no seu período de licença paternidade, poucos dias após o nascimento do filho. Para execução dessa pesquisa foram realizados três estudos, descritos nas seções que se seguem. Cada estudo será apresentado separadamente com informações sobre o método, resultados obtidos e discussão.

5 ESTUDO I

O Estudo I tem como base a realização de uma revisão integrativa sobre o apego. Portanto, busca-se responder ao seguinte objetivo específico: caracterizar o estado da arte sobre a temática da formação do apego e desenvolver uma definição constitutiva do apego.

A revisão integrativa é uma metodologia que oferece boa condição para análise crítica, além de sintetizar o acervo literário de maneira bastante integrada, possibilitando ao pesquisador gerar novas perspectivas sobre o tema (Torraco, 2005). Essa etapa de revisão integrativa deve ocorrer devido à relevância de elaborar uma explicitação teórica a respeito do construto para o qual se deseja desenvolver um instrumento de medida (Pasquali, 2010). Para isso, foram elaboradas duas revisões de literatura: uma a respeito das diversas maneiras como o apego tem sido definido e outra sobre os instrumentos utilizados para avaliação do apego paterno no puerpério, a fim de possibilitar o conhecimento das principais formas de definir e avaliar o apego adotados nas pesquisas científicas a respeito desta temática na atualidade. Salienta-se que as revisões de literatura visam auxiliar no desenvolvimento de projetos e na indicação de quais métodos de pesquisa foram utilizados em determinada área, norteando rumos para futuros estudos (Sampaio & Mancini, 2007).

As duas revisões integrativas realizadas adotaram o mesmo procedimento, proposto por Mendes, Silveira & Galvão (2008). Assim, foram seguidas as seguintes etapas: 1) identificação do tema e da questão de pesquisa; 2) definição dos critérios para inclusão e exclusão dos estudos; 3) escolha das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; 4) avaliação dos estudos incluídos na revisão; 5) interpretação dos resultados; 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento. Cada uma dessas etapas será melhor detalhada durante a apresentação de cada revisão integrativa.

5.1 Revisão 1 - Literatura sobre apego

Ser pai atualmente não é uma tarefa fácil, talvez nunca tenha sido, contudo, o contexto sociocultural e econômico contemporâneo dá origem a uma ampla diversidade relacional entre seus membros e os desafios se colocam de maneira premente. Quando se compara o número de estudos dentro do espectro maternal, é possível dizer que o pai é esquecido, pois, ainda não é amplamente compreendido e abordado no campo científico (Zampieri et al., 2012; Freitas, Coelho & Silva, 2007; Oliveira & Silva 2011; Oliveira et. al., 2009). Além disso, os períodos gestacional e perinatal constituem para o homem e para a mulher etapas de mudanças que trazem consigo incertezas, muitas delas oriundas da aquisição de novos papéis e responsabilidades antes inexistentes, incluindo-se as relacionadas com os (as) filhos (as), com a casa e com os demais membros da família (Freitas, Coelho & Silva, 2007). Atualmente, essas dubiedades são acentuadas em meio a ampliação das possibilidades de atuação, nesse quadro o homem pode não saber como ocupar seu espaço junto aos filhos e demais membros da família (Oliveira & Silva, 2011).

A literatura tem revelado que os homens estão cientes das novas demandas sociais e que eles vivenciam duas formas de paternidade ao mesmo tempo, que apresentam significados que se mostram complementares e, por vezes, antagônicos: uma forma é o pai afetivo, cuidador e educador e a outra, o pai provedor (Freitas, Coelho & Silva, 2007). Faz-se necessário, portanto, levar em consideração a importância da figura paterna, de seu envolvimento afetivo e de sua saúde mental para o bom desenvolvimento da criança e o bom relacionamento com sua parceira (Zampieri et al., 2012; Oliveira et. al., 2009; Silva & Piccinini, 2009).

Nesse sentido, perceber que a chegada de um filho proporciona transformações na vida do homem, da mulher, do casal e da família e estudar mais dedicadamente a formação do

apego paterno, atualmente, se mostra de grande valia para o auxílio e melhor compreensão do homem e das transformações pelas quais ele passa ao assumir a paternidade (Zampieri et al, 2012; Freitas, Coelho & Silva, 2007; Oliveira & Silva 2011; Oliveira et. al., 2009; Benczik, 2011; Staudt & Wagner, 2008; Benítez & Cárdenas, 2010; Lyra da Fonseca, 1997; Silva & Piccinini, 2009). Com efeito, a produção acadêmica dentro do espectro do apego em pais começaria a crescer, mesmo que tardiamente, a fim de suprir a falta existente devido ao enfoque somente na maternidade.

Diante do exposto, o presente estudo buscou responder à seguinte questão de pesquisa: “Qual (is) o (s) conceito (s) de apego em pais expresso (s) na literatura científica nos últimos dez anos? ” Dessa forma, o objetivo foi analisar artigos científicos da área da saúde, publicados no período de 2005 a 2014, que definiram explicitamente o conceito de apego paterno no texto.

5.1.1 Procedimentos

Em primeiro lugar, definiu-se a questão de pesquisa que embasa estudo de revisão, nesse estudo buscava-se saber: “Como o apego é definido? ”. Em seguida foram escolhidas as bases de dados, descritores e estratégias de busca a serem utilizadas, a busca bibliográfica foi realizada no portal de bases de dados eletrônicas *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na qual foram consultadas as bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE). Para a realização da busca sobre o conceito de apego, utilizaram-se os descritores “apego” e “pai” em português, e “*attachment*” e “*father*” como seus correspondentes em inglês. Essa etapa de busca ocorreu entre os meses de dezembro de 2014 a janeiro de 2015.

Os seguintes critério de inclusão foram adotados: artigos publicados nos últimos dez anos (entre 2005 e 2014) que tenham como idiomas português e inglês, aqueles em que o descritor “apego” consta no título do trabalho e artigos que tratem do conceito de apego para homens. Foram excluídos os artigos que não abordem no resumo o conceito de apego e que não estejam disponíveis online integral e gratuitamente. Após a realização da busca dos artigos, procedeu-se à leitura dos resumos com o intuito de melhor selecioná-los e de direcionar esforços àqueles que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão supracitados. Na etapa de leitura dos artigos é recomendado que dois leitores verifiquem se os trabalhos atendem completamente aos critérios de inclusão previamente definidos. Para tanto, além da pesquisadora responsável, uma bolsista da pesquisa, estudante do 8º período do curso de Psicologia da UFRN, foi treinada para a leitura dos artigos com atenção ao cumprimento dos critérios de inclusão já citados. Ainda nessa fase, caso algum trabalho não se adequasse completamente aos critérios de inclusão previamente definidos seria excluído.

Os dados dos artigos selecionados foram extraídos a partir da utilização de um instrumento de coleta validado por Ursi (2005), capaz de assegurar que a totalidade dos dados relevantes seja extraída, minimizar o risco de erros na transcrição, garantir precisão na checagem das informações e servir como registro. Os dados coletados incluíam definição dos sujeitos, metodologia, tamanho da amostra, método de análise e conceitos embasadores empregados (no caso, o conceito de apego para homens). As informações extraídas das leituras foram expressas em uma planilha do Excel abrangendo as seguintes informações: Título do artigo, título do periódico, autores, local de publicação, idioma, ano de publicação, instituição sede do estudo, metodologia empregada, amostra e conceito de apego.

A busca dos artigos foi efetuada por dois pesquisadores (a pesquisadora responsável e uma bolsista treinada), que liam os resumos (*abstracts*) identificados na busca inicial de maneira independente e cega. As buscas dos dois examinadores eram comparadas para,

posteriormente, ser efetuada a seleção inicial dos artigos. Para tanto, foram rigorosamente obedecidos os critérios de inclusão e exclusão e as possíveis discordâncias foram resolvidas por consenso entre os pesquisadores (Sampaio & Mancini, 2007).

A etapa seguinte foi a avaliação crítica dos estudos incluídos na revisão, buscando-se identificar os principais conceitos adotados para definir o apego, bem como se as estratégias metodológicas utilizadas estão adequadas e a necessidade de novos estudos. Na sequência foi efetuada a interpretação dos resultados e a apresentação da revisão, que representa a síntese do conhecimento pesquisado (Mendes, Silveira & Galvão, 2008).

5.1.2 Análise de dados

Os resultados oriundos desta etapa foram analisados por meio da análise de conteúdo clássica, que teve como objetivo caracterizar os principais conceitos de apego, bem como as características metodológicas dos estudos pesquisados. O primeiro passo da análise de conteúdo é estabelecer a unidade de análise – que se refere ao elemento básico de análise, relativo às palavras chave e/ou às proposições sobre determinado assunto. No presente estudo, a unidade de análise estabelecida foi o conceito de apego paterno, que trazia palavras-chave como “apego” e “apegado”.

A segunda fase da análise de conteúdo é determinar as categorias de análises, que se referem à seleção e classificação dos dados e tratam da identificação dos assuntos abordados nos artigos incluídos na revisão de literatura. No presente estudo, as categorias de análises foram estruturadas em um bloco, relativo à conceituação do apego e às palavras-chave utilizadas nos discursos presentes nos artigos incluídos na revisão.

A terceira e última etapa da análise de conteúdo consiste em selecionar uma amostra do material de análise, que trata dos critérios adotados para a seleção dos artigos incluídos na revisão. Por exemplo, os critérios de seleção dos artigos a serem analisados foram: ter sido

realizada pesquisa com pais e ter o conceito de apego explicitado. Nessa etapa, observou-se que os conceitos de apego explicitados nas entrevistas formaram duas categorias distintas, a partir da aparição de índices similares em discursos semelhantes. A análise qualitativa deve ser sempre fundada na presença do índice, e não na quantidade de vezes em que ele aparece (Bauer, 2002).

No presente estudo, a presença de palavras índices organizou a formação das categorias. Na primeira delas, a palavra “responsabilidade” foi o termo índice, caracterizando a definição de apego como o fato de assumir a responsabilidade de cuidar do filho, financeira e educacional. Em outra categoria de análise, o apego foi definido como a expressão do afeto pelos filhos e tinha como termos índice as palavras “amor” e “carinho”. Além disso, foi utilizada a estatística descritiva, a fim de auxiliar na apresentação dos resultados.

5.1.3 Resultados e Discussão

Considerando a pesquisa somente pelos descritores “apego” e “pai” e seus correspondentes em inglês, foram encontradas 68 publicações científicas na MEDLINE, 46 no PubMed e 72 na LILACS. Foi realizada uma avaliação que cumpriu rigorosamente os critérios de inclusão e exclusão já citados, procedeu-se a supressão das duplicatas, dos artigos não apresentados na íntegra e cuja temática não contemplava a abordagem deste estudo. Ao final, a amostra da revisão foi constituída por seis artigos científicos, sendo dois de revisão de literatura sobre a paternidade. Destes, um foi encontrado na base de dados PubMed, dois na LILACS e três na Medline. Os estudos selecionados foram realizados em diferentes países: dois no Brasil, dois no Reino Unido, dois nos Estados Unidos; com relação ao ano de publicação, o período se deu entre 2009 a 2014 e todos apresentavam homens adultos como público-alvo.

Pode-se perceber a incipiência de artigos científicos que discutam a paternidade, especialmente na tentativa de compreender a formação do apego. Todavia, um maior interesse pelo tema seria de alta relevância para a Psicologia, já que vivemos um momento de transição dos papéis sociais da mãe e do pai, em que o pai é cada vez mais convidado a assumir os cuidados com filho.

Após a realização da análise de conteúdo, chegamos a duas categorias de conceituação do apego em pais presentes na literatura científica analisada. O quadro 1, a seguir, representa as especificações de cada um dos artigos.

Quadro 1 Artigos especificados

PROCEDÊNCIA	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	PERIÓDICO, ANO	CONCEITO DE APEGO PATERNO EXPLICITADO
LILACS	Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê	Luciana Castoldi; Tonantzin Ribeiro Gonçalves; Rita de Cássia Sobreira Lopes.	Psicologia em Estudo, 2014	Os pais continuavam seguindo modelos tradicionais de paternidade, e definiam o apego quanto à acessibilidade dos filhos e à responsabilidade assumida, centrando-se na provisão financeira.
LILACS	Pai contemporâneo: Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008	Aline Grazieli de Oliveira; Rosanna Rita Silva	Psicologia Argumento, 2011	Dentro da nova perspectiva de paternidade, o apego se constrói na relação do com o filho.
MEDLINE	Men's Psychological Transition to Fatherhood: An Analysis of the Literature, 1989–2008	Lucia Genesoni; Maria Anna Tallandini	BIRTH, 2009	Presença de conflito de ideias sobre o apego paterno: pais tradicionais tendem a definir o apego como a postura mais autoritária com os filhos (pois assim estão assumindo o cuidado), e pais mais modernos definem apego como uma relação mais aberta para expressão de afetos, e para expressão de uma postura mais acolhedora.
PUBMED	Men, maternity and moral residue: negotiating the moral demands of the transition	Jonathan Ives	Sociology of Health & Illness, 2014	Ênfase nos aspectos do apego paterno vistos pelos homens como os mais significativos: expressão das emoções, do afeto, e uma relação de afeto recíproca entre a díade pai-filho.

	to first time fatherhood			
MEDLINE	The parenting role of African American fathers in the context of urban poverty	Jennifer M. Threlfall Kristen D. Seay Patricia L. Kohl	National Institute of Health Public Access, 2013	Um elemento essencial que comprova o apego paterno é ser provedor das necessidades materiais para seus filhos, pois assim o homem assume seu papel paternal. No entanto, os pais também viram que se demonstra o apego quando se pode suprir necessidades menos tangíveis dos filhos, tais como o apoio emocional e educação.
MEDLINE	Gender-Role Attitudes and Behavior Across the Transition to Parenthood	Sabra L. Katz-Wise, Heather A. Priess Janet S. Hyde	National Institute of Health Public Access, 2010	O papel de provedor econômico dos homens é confundido com a expressão do apego pelos filhos, pois esta é sua função suportada pela sociedade através de oportunidades de trabalho e salários mais elevados, levando assim os homens a acreditarem que a provisão material é a principal expressão do apego pelo filho.

Classe 1: Estar apegado é prover financeiramente

Nesta classe é possível perceber que a noção de provisão financeira e material da família é a forma mais tangível de expressão do afeto do pai pelo filho. Uma vez que o papel do pai é trabalhar para prover o sustento da família e arcar com as despesas da casa e dos filhos, ao cumprir essa função o homem revela o quanto está envolvido na relação com o filho. Nota-se que a responsabilidade do pai em ser provedor material é direcionada à família como um todo, incluindo esposa e filhos.

Os estudos realizados com homens adultos observaram nos participantes uma visão de paternidade pautada na preocupação com o futuro, sob o enfoque da provisão material e da restrição das necessidades dos filhos a essas bases. No estudo de Castoldi, Gonçalves e Lopes (2014), os pais seguiam modelos tradicionais de paternidade quanto a acessibilidade e a responsabilidade e suas definições de apego centravam-se no papel de provedor financeiro. Com isso, a expressão do apego está atrelada à forma como exercem a paternidade através da provisão material dos filhos, o que revela para os homens o seu grau de envolvimento com os

filhos e a família. No estudo de Threlfall, Seay e Kohl (2013), pertencente a essa categoria, a maioria dos pais relatou ser provedor para os filhos como um elemento essencial ou até mesmo um componente fundamental do seu apego paterno. Eles conceituaram isso, parcialmente, em termos de cumprimento das necessidades materiais de seus filhos: proporcionar um teto sobre suas cabeças, comida, roupas e sapatos.

Os estudos incluídos na revisão de literatura, como o de Katz-Wise, Priess e Hyde (2010) constataram que o papel de provedor econômico para homens é suportado pela sociedade através de oportunidades de trabalho e salários mais elevados, o que os leva a serem mais comprometidos com o papel de provedor do que com a expressão do afeto ou de outros tipos de cuidado. Esses dados estão em consonância com a literatura científica que trata do tema da paternidade, pois, embora a provisão material não seja a única concepção de paternidade, nem a única forma de expressão do apego, é a mais valorizada socialmente e mais comumente relatada por pesquisas sobre esse tema (Freitas et al., 2009; Hoga & Reberte, 2009; Levandowski & Piccinini, 2006).

É o caso do estudo realizado por Levandowski e Piccinini (2006) com o objetivo de comparar as expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos, em que foram encontrados resultados que revelaram que os pais de ambos os grupos caracterizaram o apego paterno como a provisão econômica e de suporte emocional para a família. Hoga e Reberte (2009) realizaram um estudo com pais adolescentes e obtiveram resultados semelhantes aos realizados com pais adultos quanto à caracterização do apego como provisão material da família. As autoras constataram que muitos dos seus participantes começaram a trabalhar quando descobriram que iriam se tornar pais, pois a prioridade do momento era prover o sustento da família, sendo essa a principal responsabilidade do pai (Hoga & Reberte, 2009).

A atribuição de provedor financeiro tem o sentido de missão natural da paternidade: o pai se ocupa do sustento da família, enquanto a mãe se ocupa dos cuidados com os filhos (Carvalho et al., 2009; Freitas et al., 2009; Levandowski & Piccinini, 2006).

Culturalmente, a paternidade é associada ao papel de provisão material, a característica de um bom pai é não deixar faltar o alimento em casa e dar lições de vida ao filho (Freitas et al., 2007). De acordo com Freitas et al. (2007), a primeira responsabilidade social para o pai é o provimento financeiro da família, o que implica dizer que ser pai não é só ter filhos, mas conseguir mantê-los. Isto é, o pai que gosta e está envolvido com os filhos não deixa faltar nada para eles. É sabido que as atividades de cuidado são culturalmente associadas ao gênero feminino, nessa categoria a definição de apego para os pais é quase exclusivamente limitada à provisão financeira e material da família. Assim, a forma como os pais expressam cuidado e apego aos filhos é através do trabalho, extremamente valorizado pelo homem como constituinte da identidade masculina adulta (Arihã, 1999; Freitas et al., 2007; Freitas et al., 2009; Levandowski & Piccinini, 2006).

Classe 2: O apego é cuidado e a expressão do afeto

Observa-se, nesta classe, que a conceituação do apego está relacionada à expressão do afeto pelo pai. Nos estudos que compuseram essa classe, estar apegado é dar carinho, amor e atenção aos filhos. Nessa categoria de respostas os homens definiram o apego a partir da sua participação na educação informal dos filhos, estando presente no dia-a-dia, aconselhando-os quando necessário, respeitando suas decisões e demonstrando carinho e amor em todas essas ações.

O estudo de Genesoni e Tallandini (2009) observou um elemento emergente comum a todos os períodos considerados importantes para a preparação do homem para assumir a paternidade: a importância da qualidade do relacionamento do homem com sua parceira; o

que indica que a dimensão afetiva da relação também compõe a definição de paternidade e têm influência na relação que se estabelece com o filho. Já o estudo de Ives (2014) concluiu que seus participantes conceituaram o apego como um relacionamento com ênfase nos aspectos da paternidade masculina que os sujeitos relataram como mais significativos: as emoções, a expressão de afeto e a reciprocidade do apego na díade pai-filho. Isso é muito semelhante ao estudo de Oliveira e Silva (2011) que concluiu que na nova perspectiva de paternidade, o apego paterno se constrói durante a relação da díade pai-filho.

Nos estudos incluídos nessa categoria pode-se observar uma visão de apego paterno que inclui aspectos vinculados ao envolvimento afetivo e ao cuidado no ambiente familiar (Freitas et al., 2009). O envolvimento paterno é definido não só pela maior participação do pai nas atividades familiares, mas também pelo comportamento do pai na interação com a criança, nas atividades de cuidado, de recreação, de apoio à esposa, nos sentimentos do pai de satisfação com a paternidade e na qualidade da relação com a criança (Silva & Piccinini, 2009). Esse envolvimento possibilita o surgimento de novas expectativas, atitudes e crenças a respeito do que o pai deve fazer nas relações familiares e faz emergir o papel social que tem sido chamado de “novo Pai” ou “nova paternidade” (Lyra da Fonseca, 1997; Meincke & Carraro, 2009; Silva & Piccinini, 2009). O “novo pai” participa ativamente em todos os aspectos do cuidado com o filho, desde a alimentação do bebê até a educação dos filhos em todas as etapas do desenvolvimento (Lyra da Fonseca, 1997; Meincke & Carraro, 2009; Silva & Piccinini, 2009).

Nesse sentido, Threlfall, Seay e Kohl (2013) concluíram que os sujeitos entrevistados tinham um “provedor” em suas mentes ao conceituar o apego paterno, mas acreditavam que o apego não se limitava a garantir que seus filhos tivessem bens materiais suficientes. Na verdade, eles acreditavam que parar por aí seria falhar na sua relação com os filhos, pois

enxergavam as necessidades menos tangíveis dos seus filhos, como apoio emocional e educação e se sentiam responsáveis por fornecê-las.

Os dados apresentados pelos estudos incluídos nessa categoria de respostas se assemelham aos que foram encontrados na literatura científica sobre paternidade, como o estudo realizado por Freitas et al. (2007) com pais adultos para compreender a vivência da paternidade. Os entrevistados descreveram o apego como um misto entre a provisão material e as novas formas de expressar o apego. Segundo as autoras, isso ocorreu porque os entrevistados eram os provedores financeiros da família, mas tentavam romper com o estereótipo do modelo tradicional de paternidade e vivenciar os aspectos afetivos dessa relação (Freitas et al., 2007).

Nessa categoria de respostas, o “novo pai” visita o pai tradicional, porém afasta-se dele ao construir um sentido mais amplo para o apego paterno e estabelecer a importância da construção de vínculos afetivos na relação pai e filho (Freitas et al., 2007). Na conceituação de apego paterno aqui presente, é possível perceber um foco maior na qualidade do relacionamento – mais íntimo e expressivo – entre pai e filho, pautado pelo gesto de cuidar (palavra fortemente associada à formação dessa categoria de respostas) (Silva & Piccinini, 2009).

Pela importância atribuída às atividades de cuidado, percebe-se que no conceito de apego em pais presente nessa categoria de respostas, a expectativa de desempenho do pai dá um salto qualitativo, uma vez a relação pai e filho é ampliada para além da provisão material, dando lugar ao envolvimento paterno em atividades comumente associadas à mãe, como acompanhar o desenvolvimento escolar e as atividades de lazer (Freitas et al., 2009). De forma geral, na análise de todas as categorias de respostas sobre o conceito de apego em pais é perceptível a existência de um movimento dialético que faz emergir reflexões no sujeito a respeito das suas próprias concepções de apego. Isso possibilita incorporar ao modelo do pai

provedor outras características que valorizem os vínculos afetivos e o cuidado com os filhos, posto que o papel do “novo pai” ainda está em construção, pois, de um lado existem as demandas do papel tradicional de pai (de provedor financeiro) e de outro, novas demandas de maior participação e envolvimento (Levandowski & Piccinini, 2006).

Outro ponto é a pouca atenção que se dá à saúde do homem, já que ele não possui espaços para falar sobre as suas situações de conflito (o tornar-se pai, por exemplo); além da atribuição cultural de que os homens devem manter-se estáveis emocionalmente e não expressar suas emoções. Em contraponto, a mulher possui – social, histórica e culturalmente – não só mais espaços para falar sobre seus conflitos, como também assistência de um número significativo de serviços de atendimento e cuidado à sua saúde física e mental, tanto no sistema público de saúde quanto no privado. Esses fatores contribuem para o adoecimento dos homens, em relação a depressão, por exemplo.

Diante disso, os achados dessa revisão de literatura apontam para a necessidade de realização de estudos com o público masculino, principalmente de estudos que se dediquem a conhecer a forma como os homens conceituam e vivenciam o apego paterno e as dificuldades que têm encontrado para expressá-lo. Pois, entende-se que uma revisão de literatura que aponta os principais conceitos de apego paterno existentes na atualidade pode contribuir para uma mudança de prática dos profissionais de saúde, que atuam de forma direta ou indireta com o público masculino. Esses profissionais devem ser sensíveis às diferenças sociais e culturais que permeiam a realidade desses homens, além de serem capazes de desenvolver projetos específicos e contextualizados, com segurança e ética. Isso exigirá do profissional de saúde um conhecimento sobre os diferentes estilos de vida, condições socioeconômicas, orientações religiosas e de gênero, de modo a considerar todos esses fatores no contexto do cuidado que oferece. Acima de tudo, é preciso que haja um entendimento, por parte dos

profissionais da educação em saúde, de que a paternagem e a maternagem devem ser responsabilidades da díade homem-mulher e exercidas de forma compartilhada.

Como contribuição dessa revisão de literatura sobre o conceito de apego em pais, aponta-se a provocação de um pensar crítico dos profissionais de saúde sobre suas práticas, deixando-os atentos para assuntos como a paternidade, para que possam cooperar com a construção de um lugar social para os pais comprometidos com o cuidado aos filhos.

Ainda que a realização dessa pesquisa não esgote a discussão sobre o tema e deixe perguntas em aberto, como “qual seria o comprometimento das Políticas Públicas voltadas para a saúde do homem em discutir a temática da paternidade sob a perspectiva dos homens?”, por exemplo; questiona-se o quanto as ações em saúde que abordam a temática da responsabilidade reprodutiva de homens e mulheres sofrem influência do conhecimento prévio dos profissionais envolvidos. E o quanto resultam em posturas de rechaça e rejeição aos homens que se tornam pais e desejam participar de todas as etapas, desde as consultas pré-natais até o parto, já que essas práticas são fundamentais à construção do apego (Perosa & Pedro, 2009).

5.2 Revisão 2 - Instrumentos que avaliam o apego paterno

O primeiro experimento para avaliação do apego foi desenvolvido por Mary Ainsworth (1969 citado por Bowlby, 1969/1990) e sua equipe, com o objetivo de medir e dimensionar o apego. O estudo longitudinal observou as interações das mães com seus bebês e identificou, ao final do estudo, diferenças individuais na qualidade da relação mãe-bebê que pareciam se associar a diferentes padrões de apego. Os três diferentes padrões de apego identificados são: a) apego seguro: bebês que choram pouco e exploram o ambiente; b) apego inseguro: bebês que choram com frequência e apresentam poucos comportamentos de exploração do ambiente, mesmo na presença da mãe; c) apego evitativo: bebês provavelmente

ainda não apegados à mãe, que mostram comportamentos indiferentes em relação a elas (Vyllachan-Lyra, 2008; Vyllachan-Lyra & Lyra, 2012).

O estudo de Mary Ainsworth (1969 citado por Bowlby, 1969/1990) desenvolveu o Procedimento de Situação Estranha, utilizado para observar o comportamento do bebê diante de um estranho em uma série de situações que envolvem a chegada e partida da mãe, através de um procedimento padronizado em laboratório. Essas situações provocam respostas no bebê indicativas da qualidade da relação de apego estabelecida entre ele e a sua principal figura de apego, comumente definida pela literatura como a mãe. Para a interpretação desses resultados, Ainsworth (1969 citado Bowlby, 1969/1990) baseou-se também nas observações realizadas das interações mãe-bebê no ambiente natural (suas casas), o que demonstrou complementaridade entre os dados provenientes de laboratório e as observações naturalísticas (Vyllachan-Lyra, 2008; Vyllachan-Lyra & Lyra, 2012).

Assim, Ainsworth (Bowlby, 1969/1990) passou posteriormente a classificar o Apego de três formas: a) Apego seguro: bebês que se mostravam aflitos em situação de separação da figura materna, não facilmente confortados por estranhos e que demonstravam alegria na reaproximação da mãe; b) Apego inseguro ansioso/resistente: bebês que se mostravam muito aflitos na separação da mãe, ansiosos pelo reencontro com ela que, quando acontecia, eram dificilmente reconfortados, permanecendo ansiosos pela separação; c) Apego inseguro ansioso-ambivalente: bebês que não demonstravam ansiedade diante da ausência da mãe e, se demonstravam, podiam ser facilmente confortados por estranhos; diante do retorno da mãe, não buscavam proximidade física com ela (Vyllachan-Lyra, 2008; Vyllachan-Lyra & Lyra, 2012).

Durante muito tempo, o procedimento da Situação Estranha foi utilizado como único procedimento de observação e avaliação do apego. Em seguida, outros procedimentos de avaliação foram desenvolvidos para observar e classificar o tipo de apego em crianças

maiores de 12 meses. Porém, com o aumento do interesse pelo tema Apego e a evolução dos estudos foi se tornando fundamental para a Psicologia do Desenvolvimento, a ampliação de instrumentos padronizados que, além da observação da interação da mãe com o bebê, pudessem avaliar o apego de outras maneiras. Isso certamente incentivou a realização crescente de estudos empíricos na área do apego (Vyllachan-Lyra, 2008; Vyllachan-Lyra & Lyra, 2012).

Desde os estudos de Bowlby (1969/1990) e Ainsworth (citado por Bowlby, 1969/1990) até os dias atuais, a maioria da produção científica sobre o apego objetiva compreender a formação desse vínculo na díade mãe-bebê. Contudo, a revisão de literatura realizada no presente estudo sobre o conceito de apego em pais revelou que existem características específicas na formação do apego em homens (como a noção da responsabilidade em ser provedor financeiro e material). Surge, então, a necessidade de verificar se os instrumentos de apego existentes conseguem captar essas especificidades. Embora a conceituação do apego, em teoria, seja semelhante para homens e mulheres, observamos que existem dimensões do apego para homens que lhes são específicas e qualquer instrumento que se proponha a verificar o apego em pais deve considerá-las.

É importante investigar se já existem instrumentos de verificação do apego adaptados à realidade brasileira e direcionados aos pais. A verificação dos aspectos psicométricos desses instrumentos, caso existam, seria uma das etapas para construção do instrumento de verificação do apego em pais durante o puerpério, que é o objetivo deste estudo.

5.2.1 Procedimentos

Em primeiro lugar, definiu-se que a questão de pesquisa a seguir embasa o estudo de revisão: “Quais instrumentos têm sido utilizados para avaliar o apego paterno em estudos indexados em meio eletrônico?”. Em seguida foram escolhidas as bases de dados, descritores

e estratégias de busca a serem utilizadas, a busca bibliográfica se deu no portal de bases de dados eletrônicas *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na qual foram consultadas as bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE). Para a busca sobre os instrumentos avaliadores do apego paterno utilizou-se os descritores “apego” e “escala” para o idioma português e “*attachment*” e “*scale*” para o inglês. É importante frisar que foram selecionados apenas artigos que traziam instrumentos adaptados para a realidade brasileira, uma vez que esta revisão integrativa é parte fundamental para a construção de um novo instrumento de avaliação do apego paterno a ser utilizado com o público brasileiro. De modo que as bases foram escolhidas conforme a relevância de publicações na área da saúde. Essa etapa de busca ocorreu durante os meses de fevereiro de 2015 a junho de 2015.

Como critério de inclusão, foram selecionados artigos publicados nos últimos dez anos (com um corte temporal de janeiro de 2005 a dezembro de 2014) que tenham como idioma português, cuja população-alvo foram homens adultos e que apresentasse claramente as características do instrumento de avaliação do apego paterno utilizado. Foram excluídos os artigos que traziam instrumentos de avaliação do apego paterno adaptados para outras culturas diferentes da brasileira e que não estavam disponíveis online integral e gratuitamente. Ademais, teses, dissertações e trabalhos fora do corte temporal não foram selecionados, assim como artigos que discutiam a avaliação do apego paterno em contextos específicos, como a adoção, a infertilidade e na presença de doenças, síndromes e transtornos específicos na criança ou no pai, visto que a formação do apego nesses casos carrega um forte enviesamento em função da vivência da situação.

Após a realização da busca dos artigos, procedeu-se com a leitura dos resumos com o intuito de melhor selecioná-los e de direcionar esforços àqueles que atendiam aos critérios de

inclusão e exclusão supracitados. Assim como na revisão integrativa apresentada anteriormente, os procedimentos de leitura dos artigos foram realizados por dois pesquisadores atentos para excluir qualquer trabalho que não se adequasse completamente aos critérios de inclusão previamente definidos.

Utilizou-se o mesmo instrumento da revisão integrativa anterior para a coleta de dados (Ursi, 2005). Os dados coletados incluíam definição dos sujeitos, metodologia, tamanho da amostra, método de análise e conceitos embasadores empregados (no caso, as características do instrumento para avaliação do apego paterno utilizado no estudo).

As informações extraídas das leituras foram expressas em uma planilha do Excel abrangendo as seguintes informações: Título do artigo, título do periódico, autores, local de publicação, idioma, ano de publicação, instituição sede do estudo, metodologia empregada, amostra e conceito de apego ou instrumento utilizado para avaliação do apego paterno.

5.2.2 Análise de dados

Os resultados oriundos desta etapa foram analisados por meio da análise de conteúdo clássica. Essa análise teve como objetivo caracterizar os principais instrumentos utilizados na avaliação do apego pai-bebê durante o puerpério, bem como as características de validade de tais instrumentos. Além disso, foi utilizada a estatística descritiva, a fim de auxiliar na apresentação dos resultados.

5.2.3 Resultados

Considerando a pesquisa somente pelos descritores “apego” e “escala” e seus correspondentes em inglês, foram encontradas 21 publicações científicas na base de dados SCIELO; 128 publicações na LILACS (121 para os descritores em português e 7 para os

descritores em inglês) e 99 publicações na MEDLINE. Foi realizada uma avaliação que cumpriu rigorosamente os critérios de inclusão e exclusão já citados. Procedeu-se também a supressão das duplicatas, dos artigos não apresentados na íntegra e cuja temática não contemplava a abordagem deste estudo.

Alguns artigos apresentavam instrumentos delineados para avaliar o apego mãe-bebê, mas possuíam também uma subescala que avaliava o apego pai-bebê. Após fazer a leitura completa desses artigos, observou-se que esses instrumentos não haviam sido adaptados e validados para a realidade brasileira. Além disso, alguns outros instrumentos que avaliam o apego pai-bebê tiveram que ser descartados por estarem voltados para uma relação que se desenvolve com a criança em fase escolar ou com o filho adolescente. Os itens desses instrumentos contemplavam situações para avaliação do apego como buscar a criança na escola e acompanhar as atividades escolares, que nada se assemelham às interações pai-bebê durante o puerpério. Por isso, tais instrumentos foram eliminados dos resultados. Assim, ao final do rigoroso cumprimento de todas as etapas da revisão sistemática, não foram encontrados artigos que avaliassem o apego pai-filho elaborados ou adaptados à realidade brasileira.

5.2.4 Discussão

Ainda que não se tenha encontrado respostas para a pergunta de pesquisa desta revisão de literatura – “Quais são os instrumentos adaptados e validados para cultura brasileira que avaliam o apego pai-bebê?” –, opta-se por apresentar aqui uma breve descrição de alguns instrumentos que avaliam o apego mãe-bebê e que possuem subescalas que também avaliam o apego pai-bebê. Mesmo que esses instrumentos não sejam adaptados para a cultura brasileira, a leitura sobre seus itens e escores são fontes de aprendizado para a elaboração do instrumento de apego paterno pretendido no presente estudo.

O *Parental Bonding Instrument* (PBI), apesar de não ser desenvolvido exclusivamente para pais nem para o período puerperal, é um dos instrumentos que mais se assemelha conceitualmente ao elaborado no presente estudo, pois baseia-se na Teoria do Apego (Bowlby, 1969/1990), que considera que as características do vínculo estabelecido com as figuras parentais na primeira infância organizam-se como padrões interativos, que se reproduzem ao longo do desenvolvimento em diversos aspectos relacionais do indivíduo (Schmidt & Argimon, 2009).

De acordo com Schmidt e Argimon (2009), o PBI foi elaborado através de análises fatoriais sucessivas, a partir de 14 itens retirados da literatura e considerados qualidades parentais importantes para o desenvolvimento normal da criança. Seu objetivo principal não é medir ou qualificar o tipo de apego na relação pai-bebê (por isso foi excluído da presente revisão de literatura), mas medir a contribuição do comportamento dos pais do respondente para o desenvolvimento de um vínculo adequado entre pais e filhos (Schmidt & Argimon, 2009). O vínculo parental, segundo o constructo do instrumento, compreende duas principais dimensões: cuidado e controle. A dimensão do cuidado envolve afeição, aconchego, empatia, sensibilidade, frieza emocional, indiferença e negligência. A dimensão do controle ou superproteção é definida em um polo pelo controle, superproteção, intrusão, contato excessivo, infantilização e prevenção de comportamento independente e no outro pela permissão da independência e autonomia. Trata-se de uma escala *likert* (0 a 3) autoaplicável, com 25 perguntas em relação ao pai e à mãe, em que o sujeito responde o quão parecido aquele comportamento é com o comportamento dos seus pais até os seus 16 anos (Schmidt & Argimon, 2009).

A partir dessas duas escalas, é possível obter quatro classificações de vínculos entre pais e filhos. Na primeira, chamada de Cuidado Ótimo, estão os pais que obtém alta pontuação em Cuidado e baixa em Superproteção/Controle. O segundo grupo, Controle

Afetivo, engloba pais com alta pontuação em Cuidado e em Superproteção/Controle. O terceiro, Controle sem Afeto, possui pais com baixa pontuação em Cuidado e alta em Superproteção/Controle e o último, chamado de Negligente, engloba os pais com baixa pontuação em Cuidado e em Superproteção/Controle (Schmidt & Argimon, 2009).

Em estudo realizado no Brasil, Nunes, Faraco e Vieira (2013) utilizaram a *Security Scale* que pede aos pais para avaliar a forma como percebem sua relação de apego com o filho, porém, os itens do instrumento se referem a uma relação com pré-adolescentes e traz situações específicas dessa fase do desenvolvimento, que não podem ser transpostas para a relação pai-bebê no puerpério.

Um dos instrumentos, o *Parental Stress Index* (PSI) investiga a relação pai-bebê e pode ser utilizado com crianças de um mês a doze anos de idade. Contudo, o instrumento é direcionado para identificar áreas de problemas nas relações pais-filhos e por isso acabou sendo muito utilizado na área jurídica, já que seus resultados indicam a presença de pais com necessidade de apoio e orientação; relações pais-filhos potencialmente disfuncionais e crianças com risco de problemas comportamentais e emocionais. O PSI possui 120 itens de *autorrelato* e avalia o nível de estresse no sistema pais-filhos, A partir da realização de estudos transculturais com populações chinesas e canadenses sua validade foi demonstrada em diferentes culturas. Porém, esse instrumento não possui estudos de validação para a população brasileira (Perrelli et al, 2014).

O *Adult Attachment Interview* (AAI) é instrumento que tem como objetivo prever a qualidade das interações pais-filhos e as relações de apego entre pais-bebê, assim como o instrumento elaborado na presente pesquisa, a AAI objetiva avaliar a qualidade do apego pai-bebê. No entanto, não foi incluído nos resultados da revisão de literatura por não ser específica para a relação pai-bebê durante o puerpério (Perrelli et al., 2014).

O AAI é uma entrevista estruturada – composta por 15 questões que focam nas experiências infantis de apego do entrevistado e os pensamentos atuais sobre elas – que foi desenvolvida para explorar as representações mentais de apego dos pais manifestadas no discurso de linguagem de experiências da infância. Seus resultados são analisados a partir da transcrição da entrevista e a tarefa do avaliador é classificar a visão geral do indivíduo sobre o apego. Os sujeitos são classificados conforme uma escala de nove pontos em seguros, inseguros, evitativos ou desorganizados (Perrelli et al., 2014).

Outro instrumento que apresentou várias ocorrências durante a busca nas bases de dados foi o *Parent Behavior Inventory* (PBI), que se trata de uma medida breve do comportamento parental e destina-se a pais de crianças pré-escolares e escolares. Pode ser usado como um instrumento de *autorrelato* a ser respondido pelos pais ou outros familiares ou como uma escala observacional. Possui duas escalas independentes: o apoio/engajamento e a hostilidade/coerção (Lago et al., 2010; Perrelli et al., 2014).

A dimensão hostilidade/coerção reflete tanto hostilidade quanto determinadas técnicas de controle disciplinar do comportamento infantil, tais como ameaça, coerção, castigo físico ou culpa (Lago et al, 2010; Perrelli et al., 2014). A dimensão apoio/engajamento corresponde ao construto afeto, que é reconhecido como uma dimensão definidora do estilo parental. O afeto parental é caracterizado por uma aceitação geral da criança, que inclui comprometimento com o bem-estar, responsividade às necessidades, engajamento nas atividades, entusiasmo acerca dos talentos e sensibilidade aos estados emocionais da criança. Essa definição coincide com a própria definição de apego (Lago et al, 2010; Perrelli et al., 2014). No entanto, ressalta-se que o PBI avalia uma ampla variedade de comportamentos parentais que são importantes para a conceitualização de funcionamento familiar mal adaptativo e compreensão das interações pais-filhos. Por isso, foi excluído dos resultados dessa revisão de literatura, pois trata-se de um instrumento globalmente voltado para atitudes

parentais e não para medir ou qualificar o apego pai-bebê (Lago et al, 2010; Perrelli et al., 2014).

Optou-se também por apresentar brevemente alguns instrumentos desenvolvidos para elaborar o vínculo mãe-bebê na gestação e no puerpério que – por possuírem uma subescala de avaliação do apego pai-bebê – podem contribuir teoricamente para a formulação do instrumento da presente pesquisa, apesar de tais instrumentos não serem validados para a realidade brasileira.

Perrelli et al. (2014) realizaram um estudo de revisão de literatura sobre instrumentos que avaliam o apego mãe-bebê na gestação e no puerpério. Um dos instrumentos encontrados para a avaliação do apego mãe-bebê durante a gestação foi a *Maternal Fetal Attachment Scale* (MFAS), que possui a versão paterna chamada *Paternal Fetal Attachment Scale* (PFAS) e tem o objetivo de medir o apego entre os genitores e o feto. O instrumento apresenta como fatores da avaliação do apego a preocupação com a saúde e o comportamento do feto; a preparação mental para cuidar da criança; a experiência da gravidez; a experiência com os movimentos fetais e o nome do bebê. Por se tratar de uma escala que avalia o apego mãe-bebê e pai-bebê (embora durante a gestação) é possível afirmar que tais fatores certamente serão levados em consideração para a elaboração do instrumento da presente pesquisa.

A versão feminina da MFAS encontra-se adaptada e validada para a população de mulheres brasileiras, mas apenas seu resumo encontra-se disponível para leitura. No resumo do estudo de validade desenvolvido por Feijó (1999), o autor destaca que a versão brasileira da MFAS apresentou consistência interna aceitável, todavia apresentou limitações em seu conteúdo semântico, mostrando restrições quanto a validade.

Perrelli et al. (2014) também chegaram à *Maternal Antenatal Attachment Scale* (MAAS), que é composta por duas versões: a materna com 19 itens e a paterna com 16. A escala possui dois componentes: qualidade e tempo de duração do vínculo. Os itens são

respondidos por meio de uma escala de cinco pontos, altos escores indicam um apego positivo e maior preocupação dos pais com o feto. Essas informações, por se tratar de uma escala que avalia o apego pai-bebê (embora não no período do puerpério), serão consideradas para o planejamento dos escores do instrumento elaborado na presente pesquisa.

Sobre as propriedades psicométricas, a MAAS encontra-se validada para a população de mulheres portuguesas com consistência interna aceitável. Quanto aos instrumentos que avaliam o apego no puerpério, as autoras Perrelli et al. (2014) observaram que a maioria estava voltado para uma avaliação da resposta emocional da mãe com relação ao bebê no período pós-parto, enquanto instrumentos voltados para a relação pai-bebê nesse período não foram encontrados.

Já o *Maternal Attachment Inventory* (MAI) revelou-se um importante instrumento realmente direcionado para mensurar o apego entre mãe e filho. É um inventário composto por 26 itens do tipo *Likert* de quatro pontos, seus resultados indicam que elevadas pontuações revelam maior apego entre mãe e bebê. Por se tratar de uma medida do apego no puerpério bem avaliada, o formato de elaboração desse instrumento (quantidade de itens, tipo de escore, entre outros) também será levado em consideração para a construção do instrumento da presente pesquisa. O instrumento encontra-se traduzido e adaptado para a população de mulheres coreanas e brasileiras, mas a versão brasileira não se encontra validada para mães de crianças menores de um ano.

Durante a busca nas bases de dados foram achados alguns estudos que avaliavam o apego em homens, porém após minuciosa leitura dos artigos, constatou-se que os estudos não poderiam ser incluídos na amostra porque não avaliavam a relação pai-bebê. Um dos exemplos desse tipo de estudo foi realizado por Shiramizu, Natividade e Lopes (2013) e tinha como objetivo verificar a forma como os homens vivem o apego em relacionamentos afetivos. Os autores utilizaram o *Experience in Close Relationships Inventory* (ECR), um instrumento

que se propõe a medir apego adulto a partir da interação estabelecida em relacionamentos amorosos, validando-a para a realidade brasileira.

Pode-se perceber a incipiência de artigos científicos que discutam a avaliação do apego em pais, o que seria de alta relevância para a Psicologia, já que vivemos um momento de reconhecimento cada vez maior do protagonismo paterno no desenvolvimento da criança. De tal modo, observa-se a necessidade de se adaptar e validar instrumentos que considerem as especificidades da formação do apego em pais brasileiros, especialmente durante o puerpério. Ainda assim, foi de grande relevância a leitura sobre a construção e validação de instrumentos que avaliam o apego em adultos, para compreender que o apego não é um constructo que possa ser avaliado com itens de escolha forçada. A maioria dos instrumentos, que avaliam o apego em adultos e possuem boa validade de constructo, elaboraram itens que permitem avaliar o apego por meio de dimensões e quanto à gradação dessa relação.

6 ESTUDO II

O Estudo II tem como base tanto o polo teórico (no que se refere a operacionalização do construto em itens) quanto o polo empírico ou experimental, que visa definir as etapas e técnicas necessárias para a realização do estudo piloto e da coleta válida dos dados (Pasquali, 2010). Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de modo que visa responder aos seguintes objetivos específicos: elaborar uma definição operacional do apego em pais de bebês recém-nascidos e construir um instrumento para avaliação do apego em pais de bebês recém-nascidos.

6.1 Participantes

Os participantes são os pais de bebês recém-nascidos na Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC), inicialmente escolhida por ser a maternidade de referência no estado do Rio Grande do Norte, onde se realiza o maior número de partos. Contudo, à medida que a coleta de dados foi iniciada percebeu-se a dificuldade em encontrar os pais no ambiente da Maternidade, visto que a própria equipe incentiva a participação de acompanhantes do sexo feminino para assistir o parto e auxiliar nos cuidados da parturiente. Diante de tal dificuldade em encontrar sujeitos de pesquisa, optou-se por ampliar o campo de coleta para incluir o Hospital Universitário Ana Bezerra (HUAB), também referência na assistência materno-infantil do Estado do Rio Grande do Norte. Posteriormente, ampliou-se ainda mais os locais de coleta de dados, incluindo-se as demais maternidades do Município de Natal/RN: Maternidade Leide Morais; Maternidade e Unidade Mista de Felipe Camarão; Maternidade Araken Irerê Pinto e o Hospital Regional Mariano Coelho, em Currais Novos/RN. Por fim, em contato com os Agentes Comunitários de Saúde de cinco Unidades Básicas de Saúde do

município de Caicó/RN foi possível chegar à residência dos pais que estavam em domicílio, durante o período da licença paternidade, e incluí-los na amostra.

Para a participação na pesquisa são adotados os seguintes critérios de inclusão: a) ter idade igual ou superior a 19 anos e igual ou inferior a 55 anos; b) aceitar participar da pesquisa, mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Os critérios de exclusão, a saber são: a) ser pai de recém-nascido pré-termo internado na UTI Neonatal; b) genitores que tiveram neonatos que foram a óbito ou com má-formação visível; c) não concordar em participar da pesquisa. Para realização da entrevista em profundidade e do estudo piloto, será adotado o critério de saturação da amostra (Fontanella, et al., 2008).

6.2 Aspectos Éticos

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), seguindo as diretrizes da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS. O parecer consubstanciado de número 706.680, com data de relatoria de 25/04/2014 (Anexo 1), dá conta da aprovação da pesquisa sem pendências ou inadequações. A participação dos pais na presente pesquisa é voluntária, de maneira que estes formalizarão que concordam em participar do presente trabalho mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

6.3 Procedimentos

Inicialmente, foi realizada uma entrevista em profundidade com doze pais de bebês recém-nascidos na Maternidade Escola Januário Cicco e no Hospital Universitário Ana Bezerra, a fim de auxiliar na operacionalização dos itens. A entrevista em profundidade foi

realizada com aqueles que, após a visita ao filho, tinham disponibilidade de tempo para participar da pesquisa. O procedimento de entrevista em profundidade foi realizado com o objetivo de conhecer o conceito de apego desses homens e permitir que expressem, de forma livre e aberta, seu relato sobre quais fatores influenciam na formação do apego com o bebê. Esse procedimento permite que o participante fale sobre fatores associados à formação do vínculo que podem não ser contemplados pela literatura científica e possibilita uma visão mais ampla e apurada do processo de formação do vínculo pai-bebê.

Os participantes foram contatados em duas das maternidades que sediam a presente pesquisa e a entrevista foi efetuada pela psicóloga responsável, em local apropriado, com duração média de 15 minutos. Além da assinatura do TCLE, nessa etapa foi necessária a assinatura do Termo de Autorização para Gravação de voz, já que na realização das entrevistas esta foi efetuada, a fim de auxiliar na transcrição das falas e na elaboração do corpus.

Após a realização e análise das entrevistas, deu-se a construção teórica dos itens do instrumento que pretende avaliar o vínculo pai-bebê no puerpério, bem como a adequação semântica. Para a avaliação da adequação semântica dos itens foi utilizado um instrumento proposto por Pasquali (2010), em que se pede aos juízes que avaliem o grau de dificuldade de cada item e façam sugestões de reformulações.

O instrumento para avaliação do apego paterno no puerpério foi elaborado pela pesquisadora a partir do polo teórico do Estudo I (revisão de literatura sobre o conceito de apego), bem como com base nos fatores apontados pelos sujeitos que responderam à entrevista em profundidade sobre os elementos relacionados à construção do apego pai-filho.

Posteriormente, juízes analisaram a validade do constructo apego presente no instrumento. Nessa etapa, o instrumento construído foi apreciado por profissionais com expertises na área de formação do apego, do desenvolvimento humano e conhecedores dos

métodos de validação instrumental, os quais avaliaram o conceito base utilizado para a apreensão do fenômeno pelo instrumento, bem como a pertinência dos itens. Após a análise de juízes – atendendo às sugestões de reformulações por eles estabelecidas – chegou-se à versão piloto do instrumento, que foi aplicada na população alvo. Durante a aplicação da versão piloto, foi perguntado aos sujeitos sobre o nível de compreensão de cada item, incentivando-os a darem sugestões sobre a forma de resposta e a organização geral do instrumento. As sugestões realizadas foram integradas ao instrumento, que passou por nova avaliação dos juízes, até que não necessitasse mais de modificações.

Por fim, foi efetuada a administração da versão final do instrumento nos participantes, que responderam individualmente à Escala. Salienta-se que em todas as etapas deste estudo aplicou-se um questionário sociodemográfico, aplicado aos participantes com o intuito de estabelecer correlações entre suas características socioeconômicas e a formação do apego pai-filho identificada pelo instrumento. Estas características, tais como renda, idade e tipo de relacionamento com a mãe do bebê, são apontadas na literatura científica como fatores relacionados à formação do apego, por isso, precisam ser verificados em todos os sujeitos dessa pesquisa.

6.4 Protocolos

Roteiro da Entrevista em Profundidade

O roteiro é composto pelas seguintes questões: 1) para você, o que é o apego?; 2) você se sente, de alguma forma, apegado ao seu filho recém-nascido? De que forma?; 3) como você percebe que está apegado ao seu filho recém-nascido?; 4) o que você acha que contribuiu para que você se sentisse apegado ao seu filho recém-nascido? (Tente lembrar desde antes da descoberta da gravidez); 5) o que você acha que não contribuiu para a

formação desse apego? 6) O que mais você gostaria de dizer sobre a sua relação com seu filho recém-nascido?

A entrevista individual em profundidade é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas, pois esse tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística.

O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos, o seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para a compreensão de uma situação ou a estrutura de um problema. Esta técnica se adequa perfeitamente aos objetivos dos estudos I e II desta pesquisa, posto que visam conhecer o conceito de apego dos participantes e elaborar uma definição constitutiva de apego em pais.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade, tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado quanto para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. As entrevistas são classificadas com grande variedade de tipologias, as abertas e semiabertas são do tipo em profundidade, que se caracterizam pela flexibilidade e pela capacidade de explorar ao máximo determinado tema, exigindo da fonte subordinação dinâmica ao entrevistado, já no caso das semiabertas há um roteiro-base.

O modelo de entrevista semiaberta tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa, “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (Triviños, 1990, p.146). A lista de questões desse

modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle, cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a perguntas específicas. O roteiro exige poucas questões, mas é necessário que sejam suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. Em grande medida, a entrevista é conduzida pelo entrevistado, valorizando o seu conhecimento, mas permanecendo ajustada ao roteiro do pesquisador.

Questionário Sociodemográfico

O questionário foi elaborado pela pesquisadora responsável para o presente estudo e tem como objetivo realizar uma caracterização sociodemográfica dos participantes (idade; naturalidade; estado civil; escolaridade; religião; renda familiar), a partir de variáveis apontadas na literatura científica como relacionadas à formação do apego. Portanto, serão abordadas informações como idade, município onde reside, estado civil, tempo de situação conjugal, escolaridade, escolaridade da companheira e renda familiar.

Esse questionário foi aplicado em todas as etapas da pesquisa, desde a entrevista em profundidade até a aplicação da versão final do instrumento. Faz-se necessário investigar esses fatores, porque a literatura científica aponta que fatores socioeconômicos do pai estão relacionados com a formação do apego.

Instrumento de Verificação do Apego paterno no puerpério

O instrumento tem por objetivo avaliar a formação do vínculo pai-filho no puerpério, a partir das atitudes e sentimentos apontados pela literatura científica e pelos relatos dos

entrevistados no Estudo II como expressões da formação do vínculo pai-filho. A avaliação envolve questões como a participação na decisão/desejo/planejamento da gestação; participação nas consultas pré-natal e em demais atividades que envolvam a gestação; apoio financeiro, emocional e social à mãe do bebê; planos para a criança e expectativa em relação ao seu desempenho como pai.

A versão final do instrumento para aplicação com os participantes contou com 51 itens. De acordo com os critérios para validação adotados por Pasquali (2010) seria necessário calcular uma amostra final que contabilizasse 5 participantes para cada item, o que resultou no cálculo de um “n” de 255 sujeitos. Todavia, apesar das estratégias de ampliação dos locais de coleta de dados, mantiveram-se as dificuldades para o encontro com o público masculino, de modo que no final obteve-se um “n” de 228 participantes, o que não trouxe invalidações estatísticas, como poderá ser observado na seção de Resultados deste Estudo.

6.5 Análise de dados

6.5.1 Dados da entrevista em profundidade

As perguntas presentes no roteiro da entrevista em profundidade buscam investigar o conceito de apego dos participantes, bem como os fatores que interferem na formação do apego, tomando como base de resposta o período do puerpério. Nesse caso, torna-se mais prudente adotar uma metodologia qualitativa que permita que os pais falem livremente sobre a formação do apego com o bebê, para que por iniciativa própria levantem os fatores que contribuíram para a formação de tal vínculo.

Os discursos dos pais durante a realização da entrevista em profundidade serão analisados utilizando a análise de conteúdo clássica, conforme é explicada por Bauer (2002). O primeiro passo da análise de conteúdo é estabelecer a unidade de análise, que se refere ao

elemento básico de análise, relativo às palavras chave e/ou às proposições sobre determinado assunto. No estudo II, a unidade de análise foi estabelecida a partir de cada uma das perguntas realizadas na entrevista em profundidade, de modo que cada pergunta gerou um corpus a ser analisado.

A segunda fase da análise de conteúdo é determinar as categorias de análises, que se referem à seleção e classificação dos dados e tratam da identificação dos assuntos abordados nas respostas a cada pergunta realizada. No presente estudo, as categorias de análises foram estruturadas a partir das respostas à cada pergunta, à medida que cada conjunto de respostas gerava categorias que tinham palavras-chave em comum oriundas dos discursos dos participantes.

A terceira etapa da Análise de Conteúdo consistiu em selecionar uma amostra do material de análise. Observou-se que às respostas às perguntas 1, 2 e 3 versavam sobre o conceito de apego e a forma como ele se expressa na relação pai e filho, assim foram elaboradas três perguntas semelhantes na tentativa de abarcar melhor o conceito de apego, de modo que as respostas à essas perguntas geraram categorias muito semelhantes.

No presente estudo, a presença de palavras índices que organizou a formação das categorias, que serão apresentadas na seção de Resultados.

6.6 Resultados

6.6.1 Caracterização sociodemográfica e de apoio social dos sujeitos

A média de idade dos entrevistados foi de 27,5 anos, a maioria (8) se encontra há mais de um ano em relacionamento estável com a mãe do bebê, um estava solteiro e três em relacionamento estável com a mãe do bebê há menos de um ano. Nenhum deles estuda atualmente e o nível de escolaridade, em geral, foi baixo (dois têm ensino superior incompleto

e os demais não concluíram o Ensino Médio ou Ensino Fundamental). Todos trabalham, seis deles têm emprego formal. A maioria dos entrevistados (10) tem renda média mensal entre 1 e 2 salários mínimos, um deles recebe menos de 1 salário mínimo por mês e o outro tem renda de cinco salários mínimos mensal.

Quando perguntados sobre a mãe do bebê, os entrevistados informaram que 50% delas trabalha e a maioria (10) não estuda. A média de idade das parceiras foi de 24,6 anos.

Quando perguntados se a gravidez atual foi desejada e/ou planejada, a metade deles relatou que foi desejada, mas não planejada. Ou seja, ter filhos fazia parte dos planos do casal, mas não foi realizado nenhum tipo de planejamento familiar para resultar em uma gravidez nesse momento. Dois afirmaram que a gravidez da parceira não foi desejada e um relatou que foi desejada pela esposa, mas não por ele. Três relataram que a gravidez atual foi desejada e planejada pelo casal.

Quando solicitados a avaliar o tipo de relacionamento com a parceira, a maioria (11) avaliou como sendo bom ou ótimo. Quanto ao apoio recebido quando souberam que seriam pais, a maioria (10) avaliou que esse apoio foi bom ou ótimo; um deles avaliou como péssimo e outro como regular.

Quando perguntados sobre a reação da mãe do bebê ao saber que estava grávida, dez deles avaliam que tal reação foi boa ou ótima; um deles avaliou como péssima e outro como regular. Quando solicitados a avaliar a sua reação ao saber que seriam pais deste bebê, a maioria (9) avaliou ter tido uma reação boa ou ótima; outros dois avaliaram como regular e um deles avaliou como péssima.

6.6.2 Dados da entrevista

No presente estudo, foi a presença de palavras índices que organizou a formação das categorias de análises, que foram estruturadas a partir de cada pergunta realizada, gerando categorias que tinham palavras-chave oriundas dos discursos dos participantes.

É importante ressaltar que as respostas às perguntas 1, 2 e 3 versam sobre o conceito de apego e a forma como ele se expressa na relação pai e filho. Foram elaboradas três perguntas semelhantes na tentativa de abarcar melhor o conceito de apego, por isso as respostas a essas perguntas geraram categorias semelhantes. A seguir, serão apresentadas as análises do *corpus* gerado a partir de cada uma das perguntas do roteiro da entrevista em profundidade; a análise de conteúdo realizada nesta etapa foi feita à luz da Teoria do Apego que embasa o presente estudo.

Corpus 1: “ para você, o que é o apego? ”

Neste corpus, observou-se que os conceitos de apego explicitados pelos entrevistados formavam duas categorias a partir da aparição de índices similares em discursos semelhantes, pois a análise qualitativa deve ser realizada levando em conta a presença do índice e não a frequência da sua aparição (Bauer, 2002).

Na primeira categoria a palavra “cuidar” foi o termo índice, a definição de apego pelos sujeitos entrevistados se caracterizava como a necessidade de estar próximo ao filho e cuidar dele. O cuidado, como veremos no presente estudo e na literatura científica, estende-se não somente à saúde da companheira, mas também à criança, pois se algo acontecer com ela atingirá o filho, já que este depende totalmente da genitora. A noção de cuidado expressa pelos pais entrevistados revela que cuidar é uma atitude que representa uma ação de envolvimento afetivo com o outro (Oliveira & Brito, 2009; Waldow, 2004). Como exemplo de uma das falas que compôs essa categoria, temos a seguinte resposta:

Quadro 2 Fala do participante S22

“ Bem, pra mim o apego, eu acho, é a vontade de estar próximo a alguém que você gosta muito. Estar com ele em todos os momentos”.(sic)	Sujeito 22
--	------------

A busca pela proximidade física e o contato com a figura específica de apego são atitudes que estão na base da definição do apego, segundo a Teoria de John Bowlby (1969/1990) o objetivo do sistema comportamental do apego é a sensação de segurança ou proteção e isso resulta na proximidade da figura de apego – no caso da obra de Bowlby (1969/1990) trata-se, prioritariamente, da mãe.

A pesquisadora Mary Ainsworth (1969 citado por Bowlby, 1969/1990), que deu continuidade as pesquisas da equipe de Bowlby (1969/1990), realizou estudos longitudinais de observação naturalista em Uganda que serviram de base para o estabelecimento do modelo de apego seguro ou inseguro. Tais modelos fornecem a base para a formação de um modelo funcional interno, que seria a forma como o indivíduo vai ver o mundo e a si próprio (Gomes, 2012). A partir de resultados de experimentos, Ainsworth (1969 citado por Bowlby, 1969/1990) percebeu que era possível categorizar as crianças participantes de sua pesquisa em três grupos, de acordo com o estilo de apego há aquelas com apego seguro, as com apego inseguro evitativo e as com apego inseguro ansioso/ambivalente. As crianças classificadas na categoria do Apego seguro demonstravam ser ativas nas brincadeiras, buscavam contato com a mãe após uma separação breve e eram confortadas com facilidade (Gomes, 2012).

A partir de tais conclusões, fica evidente para Bowlby (1969/1990) que o papel do cuidador (a figura de apego) implica em permanecer disponível e responsivo à criança, intervindo apenas quando a criança o procurar ou quando ela se encontrar em situação de perigo. O papel da figura de apego é central na teoria de Bowlby (1969/1990), pois, além de estar próximo do indivíduo, é para essa figura que a criança vai se dirigir quando precisar de

proteção e suporte. A figura de apego tem a função de ser o alvo da busca de proximidade, de servir como base segura.

Outros estudos, como o de Schmidt e Bonilha (2003) realizados com pais que participaram do pré-natal ou do parto do bebê, chegaram a resultados que revelavam que os pais tinham a expectativa de permanecer próximo fisicamente ao bebê durante o puerpério, com o intuito de lhes oferecer cuidado e formar um laço afetivo. No referido estudo, a intenção dos pais em permanecer próximo ao bebê para cuidar dele aparece em todas as categorias de respostas apresentadas pelos autores, explicando que os pais visualizam os diferentes benefícios a partir dessa proximidade física: cuidado à criança, cuidado à mãe e adquirir experiência junto com a mãe, no cuidado ao recém-nascido.

Assim, observa-se na presente categoria de respostas que o entendimento do apego como a busca por proximidade com o bebê encontra respaldo na literatura científica, principalmente, na Teoria do Apego de John Bowlby (1969/1990), principal referência para as teorizações sobre o apego.

Em outra categoria de análise, o apego foi definido como a expressão do afeto pelos filhos, tendo como termos índice dessa categoria as palavras “amor” e “carinho”. Nessa categoria, fica evidente que o conceito de apego para os pais passa pela expressão dos sentimentos envolvidos na relação pai-bebê, como o amor, em atitudes que revelem esses sentimentos, como o dar carinho. Como exemplo dessa categoria, apresentamos a fala a seguir:

Quadro 3 Fala do participante S34

“Eu acho que isso que sinto por ela, esse amor bem grande, essa vontade de botar ela no colo, de dar carinho”.	Sujeito 34
--	------------

Para Bowlby (1969/1990) a emoção e a expressão do afeto têm papéis cruciais na relação de apego e no sistema de cuidado, uma vez que a emoção é o catalisador das ações de proximidade da figura do apego em relação ao bebê. A emoção está na base da definição do apego para Bowlby (1969/1990), que se caracteriza como uma ligação emocional entre o indivíduo e a figura de apego que cria uma relação emocional significativa. Um dos achados do estudo realizado por Guimarães e Monticelli (2007) revela que os pais desejam estar próximos ao filho no nascimento e nos primeiros dias para transmitir-lhes segurança e afeição, para eles a proximidade física com o bebê é fundamental para a constituição do apego. Esse estudo buscava compreender a experiência da paternidade para pais com bebês pré-termo e concluiu que o desejo dos pais pelo contato corporal com o filho os ajudava a superar a sensação de fragilidade da vida da criança. Assim, as autoras concluem que o toque no corpo do bebê é um aliado importante para a troca de sentimentos entre pais e filho, pois o contato corporal transfere desde emoções comuns até aquelas com maior complexidade, através do calor transferido do adulto para o bebê. Quando os pais se disponibilizam a ter o filho em seus braços é porque, possivelmente, já superaram algumas dificuldades e estão conseguindo maior aproximação com a criança, o que revela a formação do vínculo pai-bebê. Diante disso, percebe-se um total alinhamento de ideias entre as definições de apego relatadas pelos entrevistados no presente estudo e as principais definições de apego do teórico de referência na temática (Bowlby, 1969/1990).

As duas categorias formadas se complementam na medida em que expressam a ideia que os pais, além de serem reconhecidos como afetivamente importantes para os filhos, também são aptos para providenciarem todos os cuidados necessários ao bem-estar destes, inclusive aqueles culturalmente considerados restritos às mães. A prática do cuidado requer que o cuidador seja capaz de entender as necessidades do outro e responder a elas de forma adequada, em uma relação que fortaleça o “self” do outro. Assim, os pais participantes dessa e

de outras pesquisas referem uma relação com o bebê permeada por sentimentos e atitudes voltados ao ato de cuidar, que são traduzidos como preocupação, ajuda, presença e responsabilidade. Conclui-se que o pai que deseja estar próximo fisicamente à criança para atender suas necessidades de cuidado e para dar-lhe afeto é um pai que demonstra forte vinculação ao bebê, ainda durante o puerpério.

Uma vez que os sujeitos entrevistados foram bastante breves nas suas respostas, embora o ambiente da entrevista garantisse a privacidade e o caráter confidencial dos dados tivesse sido explicado, é possível transcrever abaixo as demais respostas obtidas para a pergunta 1 (“ para você, o que é o apego? ”):

Quadro 4 Entrevistas - vários participantes

“Apego, eu acho que é assim, uma forma da gente se apegar, ter carinho. Quando ficar ausente é ter saudade de ver, é isso aí”.	Sujeito 21
“Estar apegado é ficar pensando nela direto, está querendo ficar junto toda hora, proteger e cuidar”.	Sujeito 03
“O carinho, o amor que a pessoa tem pelos filhos”.	Sujeito 04
“O amor, o carinho”.	Sujeito 05
“É a primeira vez que acontece comigo, que sou pai, e é muito bom. Apego é uma coisa boa. Acho que é amor, não sei explicar não”.	Sujeito 13
“Sentir amor”.	Sujeito 26
“Apego é estar próximo”.	Sujeito 27
“Pra mim é querer ficar junto, cuidar dele o tempo todo, me preocupar com ele”.	Sujeito 31
“É dar amor, carinho”.	Sujeito 32
“É cuidar pra ela ser bem feliz, fazer de tudo que eu puder pra ela ser bem feliz”.	Sujeito 33

Corpus 2: “ você se sente, de alguma forma, apegado ao seu filho recém-nascido? De que forma? ”

Neste corpus, a forma como o apego pode ser expresso pelos entrevistados gerou quatro categorias, a partir da aparição de índices similares em discursos semelhantes. Na

primeira, a expressão “estar próximo” foi o termo índice, caracterizando a expressão do apego pelos sujeitos entrevistados como a necessidade da proximidade física com o filho. O relato a seguir exemplifica essa categoria de respostas:

Quadro 5 Fala do participante s07

<p>“Sinto. Assim, eu trabalho longe aí eu sinto, mas assim não é muito próximo a ele, porque eu trabalho longe, não posso vê-lo assim de semana em semana. Mas o apego a ele é muito grande. O tempo que eu estive aqui, já mais de seis dias, eu sempre venho visitar ele no hospital. Todo dia, eu chego de manhã e só saio à noite. Visitando, apoiando ela, ajudando ela no hospital, porque ela precisa e a mãe dela também. Mas o apego é sempre perto dele, visitando e ajudando enquanto pode”.</p>	<p>Sujeito 07</p>
---	-------------------

A necessidade de proximidade física entre as figuras de apego permite ao pai constância no cuidado, pois pode cuidar do filho todos os dias. Bowlby (1969/1990) argumenta que essa proximidade física e emocional com a figura de apego primária tem como origem evolucionária a sobrevivência do bebê e a sua adaptação ao ambiente. De modo que o vínculo de apego estabelecido entre o bebê e a figura de apego tende a funcionar como um modelo, que irá influenciar as relações sociais a serem estabelecidas ao longo da vida.

Observa-se no discurso dos sujeitos que quando é necessário distanciar-se do filho, sente-se saudade e preocupação com o seu bem-estar. Foi possível perceber a noção de apego como um sentimento recíproco, à medida que o pai se aproximar do filho e viver com ele bons momentos, o filho se sentirá apegado ao pai. A noção de reciprocidade do sentimento de apego aparece quando um dos sujeitos afirma que o fato de cuidar do filho e manter-se próximo, o faz acreditar que o filho também se sentirá apegado a ele. Tal noção pode ser identificada na Teoria do Apego de Bowlby (1969/1990) quando afirma que a criança constrói uma relação de apego com sua figura ao longo do tempo, pois nos primeiros meses de vida ela não teria ainda habilidade para apreender seu cuidador e para que essa construção ocorra é necessário tempo e interação entre eles.

É interessante notar a disponibilidade dos pais em participar dos cuidados iniciais e do convívio com o bebê, pois ao vivenciar uma maior proximidade física com o bebê, investe-se tempo na relação para que ela se torne recíproca.

Em estudo realizado por Cardoso, Souto e Oliveira (2006) com pais de prematuros internados em UTI, as autoras reconhecem a importância do apego, dos cuidados maternos e os efeitos da separação ou dificuldade na vinculação para o desenvolvimento afetivo, neuromotor e mental do recém-nascido. Por isso, a presença dos pais nas unidades de internação é cada vez mais frequente, sobretudo da figura masculina, o que possibilita a participação do cuidado humanizado na interação com o filho enfermo. Cardoso, Souto e Oliveira (2006) afirmam que é fundamental respeitar a disposição dos pais ao quebrar as barreiras para tocar o próprio filho, incentivar a participação no cuidado e ajudá-los a perceber a sua capacidade para cuidar da criança, após a alta hospitalar. Os achados desse estudo revelam a importância de valorizar os relatos aqui apresentados, que manifestam o desejo de proximidade física dos pais com os bebês.

Os relatos que compõem essa categoria de respostas revelam uma resistência dos pais em participar ativamente da relação com o bebê, já que, em nossa cultura, sinais de exclusão do pai desde a gestação até o nascimento são muito presentes: a esposa desvia a atenção para o filho que nasce e também se torna centro das atenções (Schmidt & Bonilha, 2003). Fala-se em resistência, pois mesmo diante das referidas exclusões dos pais e havendo uma falta de modelo para o exercício da paternagem, os pais manifestam o desejo de estar próximos aos filhos e desenvolver com eles uma relação afetiva e duradoura (Mello de Carvalho, 2003; Schmidt & Bonilha, 2003).

Os relatos incluídos na categoria acima apresentam um forte alinhamento com as definições de apego construídas por Bowlby (1969/1990) e seus colaboradores ao longo dos anos. Em sua Teoria do Apego, Bowlby (1969/1990) descreveu que a ligação emocional

existente entre o indivíduo e a figura de apego provoca o desejo de manter-se próximo à pessoa, provocando sofrimento quando há a separação. A proximidade física é apontada, nessa teoria, como necessária para o fortalecimento da ligação emocional, pois, para Bowlby (1969/1990), a relação de apego é delineada a partir da experiência de interação com a figura de apego e quanto maior a interação, mais forte o apego.

Já em outra categoria de análise, a expressão do apego foi caracterizada como a preocupação com a mãe do bebê, sendo necessário prestar-lhe auxílio, no intuito de que se recupere bem do parto e possa cuidar do bebê. Nessa categoria, os termos índice foram as palavras “mãe” e “esposa”. Uma fala que exemplifica essa categoria de respostas é:

Quadro 6 Fala do participante s07

<p>“É importante para tirar aquele sofrimento todinho, porque foi cesárea e está no hospital esses dias todos, tem que ter carinho para apoiar ela, para cada dia melhorar mais, para ela ter alta e ir para casa. É isso que eu penso, dar carinho a ela”.</p>	<p>Sujeito 07</p>
---	-------------------

Observa-se aqui a ideia de que o homem é apenas uma figura que auxilia nos cuidados com o bebê, não um responsável principal. A responsabilidade estaria na figura da mulher, da mãe, que precisa se recuperar bem do parto para realizar os cuidados que o bebê necessita. Pode-se pensar que essa ideia apresentada pelos sujeitos seja fruto das transformações sociais, culturais e econômicas do mundo atual, que solicita ao homem uma participação mais ativa no cotidiano familiar, o que provoca a construção de um novo modelo de paternidade (Lyra da Fonseca, 1997; Perosa & Pedro, 2009; Freitas et al., 2007).

No entanto, nota-se que há uma dificuldade em assimilar a ampliação do papel do pai no cuidado com o filho, principalmente quando o filho ainda é recém-nascido e as suas necessidades básicas, como a amamentação, são atendidas pela mulher. Mello de Carvalho (2003) lembra que muitas vezes, as mães desencorajam os pais na realização dos cuidados

iniciais com o bebê, ao tecer comentários que parecem ser estratégias de poder das mulheres para a manutenção dos homens fora dos ambientes “femininos”.

Em estudo realizado por Schmidt e Bonilha (2003) sobre as expectativas do pai quanto ao Alojamento Conjunto, uma das categorias de resposta obtida referia-se à necessidade do pai em estar próximo ao bebê e à esposa para garantir os cuidados com a mulher e com o filho para além da provisão financeira, posto que há um entendimento de que essa é a responsabilidade do pai. A realização ou não desse cuidado iria depender das experiências anteriores dele e da permissão que recebera da equipe de saúde, da mãe e da sociedade. Schmidt e Bonilha (2003) lembram que os ambientes hospitalares, onde ocorrem os primeiros dias do puerpério, geram a sensação de estar emprestando o bebê aos pais, de modo que a equipe de saúde pode colaborar para a marginalização do pai e atrapalhar suas interações com o bebê. Assim, o pai tem que se esforçar para receber aprovação da mãe quanto aos cuidados que realiza. A mesma ideia é reforçada por Castoldi (2002) ao afirmar que na interação do pai com o filho, o apego pai-bebê é mediado pela atitude da mãe em relação ao papel do pai. Portanto, a mãe é figura fundamental para promover ou dificultar o vínculo entre o pai e o bebê (Castoldi, 2002).

Outra categoria de análise foi marcada pela expressão do apego como a preocupação com o bem-estar físico do filho, o termo índice dessa categoria foi “preocupação”. Pode-se observar que os pais acreditam que preocupar-se com a saúde e a provisão material para o bem-estar dos filhos seria a principal forma de expressão do apego paterno. Um exemplo dessa categoria é o relato a seguir:

Quadro 7 Fala do participante s34

<p>“Sim, trabalho longe, então não posso ver meu filho todo dia, mas fico pensando nele, se ele está bem, se estão cuidando bem dele. É muito difícil ficar longe, me preocupo com a mãe do meu filho também”.</p>	<p>Sujeito 34</p>
--	-------------------

Essa categoria revela que os pais entendem que ao se preocuparem em cumprir o papel socialmente esperado da paternidade estão expressando o apego ao bebê. Isso é compreensível, uma vez que a atribuição de provedor financeiro tem o sentido de missão natural da paternidade: o pai se ocupa do sustento da família, enquanto a mãe se ocupa dos cuidados com os filhos (Carvalho et al., 2009; Freitas et al., 2009). Além da exclusão do pai desde a gestação até o nascimento, os pais acreditam que ao cumprir sua função de provedor financeiro estão contribuindo para transmitir segurança à mulher, pois a ajuda, indiretamente, a sentir-se mais amorosa e dedicada ao filho (Oliveira & Brito, 2009).

Em estudo sobre os cuidados dos pais no puerpério, Oliveira e Brito (2009) refletem que o cuidado direto do genitor com o bebê ainda ocorre de forma bastante limitada. Suas ações são muitas vezes mediadas por atitudes de outros integrantes da própria família (como a mãe ou outras mulheres da família), alijando-o de experiências valiosas referentes à paternagem. Além disso, a jornada de trabalho não permite a esse homem permanecer mais tempo em casa, pois grande parte da sociedade ainda entende que sua presença é de algum modo dispensável.

Almeida e Hardy (2007) observaram que o trabalho, além de ser um importante elemento na construção da identidade masculina, também se constituía em uma espécie de universo moral para os jovens, o que resultava na primazia do trabalho em detrimento da escola. A conclusão é a de que, entre os rapazes de classes populares, a paternidade adolescente pode provocar uma relação maior de compromisso com o trabalho (Almeida & Hardy, 2007). Isso revela o quanto é desejado pelo homem ser reconhecido socialmente como capaz de cuidar e prover sua prole, pois expressar sua preocupação em cumprir tal função seria uma comprovação do seu envolvimento afetivo com o bebê e o desejo de participar da sua vida.

Na última categoria foi possível observar que a expressão do apego pelo pai é notada pelo orgulho de ser pai pela primeira vez, sendo a palavra “orgulho” o termo índice. O relato a seguir compôs essa categoria de resposta:

Quadro 8 Fala do participante s26

“Sim, gosto dela. Sinto orgulho e prazer porque é a primeira vez que vou ter filha e antes eu não era pai”.	Sujeito 26
---	------------

É possível compreender o sentimento de orgulho relatado pelos pais quando encontramos na literatura científica a constatação de que a paternidade seria o eixo central da masculinidade adulta, já que ela concretiza a capacidade de cuidar que é uma dimensão fundamental da verdadeira *hombria*, característica masculina definida em termos de responsabilidade e cuidado (Ariha, 1999). Ao tornar-se pai, o jovem perde em liberdade e em ter que abdicar dos prazeres juvenis, mas ganha em receber o reconhecimento social da sua *hombria* (Hoga & Reberte, 2009; Meincke & Carraro, 2009) e isso lhe causa orgulho.

Entende-se ainda que essa categoria complementa a ideia expressa na anterior, pois ambas demonstram que dentro da ordem familiar a figura paterna é vista como o provedor do sustento e mantenedor da família. O homem é divisado como o sujeito protetor e aquele que tem de cuidar e resolver os problemas de sua família. Complementarmente, aquele que cumpre essa função sente-se orgulhoso do seu papel (Cardoso & Oliveira, 2006). Assim, pode-se concluir que a existência do sentimento de orgulho em tornar-se pai e todo o reconhecimento social que advém disso promoveria a formação do apego na díade pai-filho.

Segue abaixo a transcrição de todas as respostas obtidas para a pergunta 2:

Quadro 9 Entrevistas - vários participantes

“Sinto. Assim, eu trabalho longe aí eu sinto, mas assim não é muito próximo a ele, porque eu trabalho longe, não posso vê-lo assim de semana em semana. Mas o apego a ele é muito grande. O tempo que eu estive aqui, já mais de seis dias, eu sempre venho	Sujeito 07
---	------------

visitar ele no hospital. Todo dia, eu chego de manhã e só saio à noite. Visitando, apoiando ela, ajudando ela no hospital, porque ela precisa e a mãe dela também. Mas o apego é sempre perto dele, visitando e ajudando enquanto pode. É importante para tirar aquele sofrimento todinho, porque foi cesárea e está no hospital esses dias todos, tem que ter carinho para apoiar ela, para cada dia melhorar mais, para ela ter alta e ir para casa. É isso que eu penso, dar carinho a ela. Me sinto apegado na forma que eu nunca tive um filho e agora na primeira vez ter esse filho, é muito importante para mim me sentir apegado a ele e quando ele crescer ele também se sinta apegado a mim. É assim que eu penso”.	
“Sim. Eu acho que é da mesma forma, assim, quando está ausente dela, fica com muita vontade de ver, de pegar, de abraçar. Porque na verdade o filho da gente é um pedaço da gente e ele não sai”.	Sujeito 21
“Sim, me sinto muito. A vontade de estar perto dele é imensa a todo tempo. Ontem à noite minha esposa ficou só e eu tive que ficar na pousada aqui ao lado e eu não conseguia dormir direito pensando nele, até mais nele do que nela”.	Sujeito 22
“Sim, gosto dela. Sinto orgulho e prazer porque é a primeira vez que vou ter filha e antes eu não era pai”.	Sujeito 26
“Muito apegado! Estando perto e apoiando a esposa, a gente fica um pouco assustado no começo porque não consegue pegar, não tem aquele jeito, mas tento ficar o mais próximo possível”.	Sujeito 27
“Sinto. Fico preocupado com ela”.	Sujeito 02
“Me sinto apegado a ela. Fico pensando nela e na mãe dela também. Trabalho o dia todo e passo a noite com ela. Sinto muita falta quando saio”.	Sujeito 31
“Sim. É a primeira vez que sou pai, então é tudo muito novo, isso de ter alguém pra cuidar todo dia”.	Sujeito 32
“Tenho muito apego”.	Sujeito 33
“Sim, trabalho longe, então não posso ver meu filho todo dia, mas fico pensando nele, se ele está bem, se estão cuidando bem dele. É muito difícil ficar longe, me preocupo com a mãe do meu filho também”.	Sujeito 34

Corpus 3: “Como você percebe que está apegado ao seu filho recém-nascido? ”

Mais uma vez, essa pergunta tinha como objetivo abarcar as formas de expressão do apego no pai. Neste corpus foram geradas três categorias de resposta que se referem à forma

como o pai percebe que está apegado ao filho, a partir da aparição de índices similares em discursos semelhantes.

Na primeira delas, o termo índice “proximidade física” revelou que o pai percebe que está apegado ao filho pelo desejo de estar próximo e pelos afetos positivos que surgem quando está na presença do filho. A resposta a seguir exemplifica essa categoria:

Quadro 10 Fala do participante s34

“Eu sempre quero ficar perto. Quando eu vou pra casa só quero estar com ele nos braços, quero trocar fralda, quero cuidar muito pra ele ficar sempre bem”.	Sujeito 34
--	------------

Da mesma forma, o pai revela que sente saudade quando está distante do filho, que deseja passar mais tempo próximo e cuidar da criança. Relatos como esse deixam claro a importância de políticas públicas e práticas dos profissionais de saúde no sentido de incentivar o contato precoce dos pais com os filhos e reconhecer o desejo dos pais para manter tais interações precoces; sem dúvida, essa é a conduta mais correta a ser adotada pelas equipes de saúde. Proporcionar aos pais a oportunidade de visualizar e tocar a criança será extremamente útil ao desenvolvimento do apego, bem como ao início e manutenção do vínculo afetivo após o nascimento (Cardoso, Souto & Oliveira, 2006).

Um dos achados da pesquisa de Guimarães e Monticelli (2007) revela que para os pais entrevistados, tocar e olhar para o bebê no nascimento e durante o puerpério, ainda que por um curto período de tempo, faziam os pais sentirem uma aproximação entre si e o filho, confirmando a relevância dessa interação. O puerpério se configura como o momento de sentirem-se pertencentes um ao outro, de identificarem-se, de (re)conhecerem-se e de transmitirem ao recém-nascido segurança e afeição, ainda que por um pequeno lapso de tempo.

Embora o pai se ache desajeitado e confuso em relação ao bebê, sua presença é de grande importância no desenvolvimento infantil. No primeiro ano de vida, o pai transmite ao filho uma sensação de força e de amor, um carinho distinto do materno. O seu interesse em acompanhar construtivamente o desenvolvimento da criança favorecerá resultados benéficos na formação de uma personalidade sadia da criança (Campos, Silveira & Cardoso, 2004).

Os conteúdos emergidos nesta categoria muito se assemelham ao que já foi discutido no corpus gerado pela pergunta 2, uma vez que as primeiras três perguntas da entrevista visavam abarcar todo o conceito de apego dos pais e a forma como ele se expressa. Uma segunda categoria revela que para os entrevistados, a percepção do apego se dá pela ansiedade que sentiam, ainda durante a gestação, em conhecer o filho, olhar para seu rosto e ver se há semelhança entre eles. Nessa categoria, o termo índice “ansiedade” revelou o desejo do pai em encontrar o bebê recém-nascido, ficar próximo dele e poder interagir. A seguir uma das respostas que compôs essa categoria:

Quadro 11 Fala do participante s21

“Mesmo antes de nascer a gente fica com ansiedade, que jeito é, quero pegar, eu quero ver, enfim, é isso aí”.	Sujeito 21
---	------------

Aqui, é notável a desejabilidade de interação com a figura de apego, marcada pela ansiedade do encontro com o bebê ainda durante a gestação. O desejo do encontro provoca no pai a expressão do apego através da interação com o bebê ainda na barriga da mãe. Essas interações, por meio de conversas com o bebê na barriga da mãe ou da cantoria de músicas para o bebê, são compreendidas como a expressão do apego do pai.

Para a literatura científica está bem estabelecido que a mãe necessita desejar a gravidez para estabelecer um vínculo com o bebê, porque o apego dos pais com seus filhos não é instantâneo e instintivo (Bowlby, 1969/1990). Trata-se de um processo contínuo,

iniciado na gestação com um bebê imaginário que passa a fazer parte do cotidiano da gestante, que é formado por fantasias, desejos, sonhos e representações dos modelos de ser mãe. A forma de compreensão da mulher sobre o apego com o seu filho tem impacto na sua habilidade de entender e responder às necessidades da criança. De modo que as interações entre pais e filhos influenciam a estrutura de vínculo afetivo desenvolvida pela criança desde o nascimento (Perreli et al., 2014). Isso revela que os pais que expressam ansiedade pelo encontro com o bebê desde a gestação, presumivelmente estão se preparando para a formação de vínculo com o bebê, o que evidencia que tanto a mãe quanto o pai precisam se preparar para o exercício da parentalidade.

Os pais do presente estudo que se mostram ansiosos pelo encontro com o bebê, provavelmente não serão apenas orgulhosos e satisfeitos com a paternidade, mas detecta-se aí também uma preocupação com o bem-estar do filho, além das responsabilidades que terão de assumir. Esses sentimentos de ansiedade e preocupação podem ainda ser intensificados quando se é pai pela primeira vez, visto que além de vivenciar situações expectantes que perpassam os sentimentos carregados de ansiedade e certas mudanças advindas do exercício de um novo papel na sociedade, também é necessário tempo para assimilar a ideia (Cardoso, Souto & Oliveira, 2006).

A terceira categoria revela que os entrevistados percebem que estão apegados ao bebê pelo fato de já desejarem ser pais, antes mesmo de saber da notícia da gravidez da parceira. A expressão “queria ser pai” foi o termo índice que marcou a formação dessa categoria de resposta. Uma das respostas que melhor exemplifica essa categoria é a seguinte:

Quadro 12 Fala do participante s22

<p>“Bem, há muito tempo que eu queria ser pai e sentia essa necessidade de ser pai vir dentro de mim. E demorou um pouco para acontecer, porque já estou com minha esposa há quase dez anos e esse é nosso primeiro filho. Então, quando ela fez o anuncio que</p>	<p>Sujeito 22</p>
--	-------------------

estava grávida fiquei muito emocionado e já começou a nascer essa vontade de poder tê-lo aqui em meus braços. E isso seria o apego, não é? ”.	
---	--

Ao afirmar que sabe que está apegado ao filho porque já desejava essa criança, o participante revela que o bebê já ocupava um lugar em seu imaginário, assim, quando soube que seria pai, a relação de apego facilmente se estabeleceu. Nesse sentido, Guimarães e Monticelli (2007) concluíram que a formação do apego entre pais e filhos antecede o momento de hospitalização para o nascimento propriamente dito. O desejo comum dos casais participantes em expandir suas famílias para o presente ou para futuro, parece trazer a sensação de estarem “mais completos” como família e conscientes das responsabilidades atribuídas na nova etapa de suas vidas.

É interessante notar que a literatura científica que trata da formação do apego na relação mãe-bebê aponta que a desejabilidade da maternidade como um fator promotor do apego (Silva & Piccinini, 2007). Nessa categoria de respostas é possível evidenciar que tal qual as mulheres, os homens também precisam desejar a paternidade, como em um exercício de preparação para assumir o papel. Nota-se que o desejo de ser pai atua como um fator promotor do apego pai-bebê.

As duas categorias anteriores se mostram complementares, uma vez que ambas trazem a noção de desejabilidade da gestação, sendo uma voltada para a ansiedade pelo encontro com o bebê e outra para o planejamento da gravidez e das emoções sentidas ao se confirmar a gestação. Abaixo estão transcritas as demais respostas à pergunta 3:

Quadro 13 Entrevistas - vários participantes

“Assim quando eu estou perto dele eu me sinto mais feliz. Quando eu estou perto dele eu sinto muita felicidade, quando estou perto do meu filho, do meu sangue, perto da minha esposa também. Gosto muito de estar perto dele, me sinto mais feliz, mais leve. Sempre quando eu estou em casa fico pensando nele a noite, quando eu vou dormir	Sujeito 07
--	------------

pensando, pensando no dia de amanhã, que ele esteja sempre o mesmo, sempre bem, cada vez melhor. Preocupado com ele”.	
“Mesmo antes de nascer a gente fica com ansiedade, que jeito é, quero pegar, eu quero ver, enfim, é isso aí”.	Sujeito 21
“Bem, há muito tempo que eu queria ser pai e sentia essa necessidade de ser pai vir dentro de mim. E demorou um pouco para acontecer, porque já estou com minha esposa há quase dez anos e esse é nosso primeiro filho. Então, quando ela fez o anuncio que estava grávida fiquei muito emocionado e já começou a nascer essa vontade de poder tê-lo aqui em meus braços. E isso seria o apego, não é? ”	Sujeito 22
“Sinto no meu coração que eu gosto dela”.	Sujeito 26
“Quando sinto falta”.	Sujeito 27
“Muita coisa. O carinho, muitas coisas, o afeto”.	Sujeito 02
“Assim, eu sinto muita falta. Como eu só fico com ela a noite, penso nela, sinto saudade, sinto preocupação”.	Sujeito 31
“Era um sonho ter filho, então mesmo antes dele nascer, eu já queria muito. Gosto demais dele, dou atenção, cuido, sempre penso muito nele”.	Sujeito 32
“Porque eu cuido dele, da mãe dele. E sinto falta quando fico longe. Acho que é isso mesmo”.	Sujeito 33
“Eu sempre quero ficar perto. Quando eu vou pra casa só quero estar com ele nos braços, quero trocar fralda, quero cuidar muito pra ele ficar sempre bem”.	Sujeito 34

Corpus 4: O que o senhor acha que contribuiu para que o senhor se sentisse apegado ao seu filho recém-nascido?

Neste corpus foram geradas quatro categorias de resposta, que se referem aos fatores que favoreceram a formação do apego paterno. Os pais relataram quatro fatores que ajudaram a promover o apego paterno, a partir da aparição de índices similares em discursos semelhantes.

A primeira categoria de resposta revela que um importante fator de promoção do apego foi a participação dos pais durante a gestação, interagindo com a criança de distintas maneiras, seja mexendo na barriga seja conversando com o feto, entre outras coisas. O fato de os pais terem relatado que a participação durante a gestação contribuiu para a formação do

vínculo revela que o pai, tanto quanto a mãe, precisa passar por um período de preparação para o exercício da paternidade, ou da nova paternidade, aquela que se caracteriza pela expressão do laço afetivo.

É importante reafirmar que tornar-se pai (especialmente de primeira viagem) traz situações expectantes, de modo que a participação ativa desse pai durante a gestação certamente contribuirá tanto para a formação do vínculo com o bebê quanto para a o exercício desse papel (Cardoso & Oliveira, 2006).

É preciso discutir também que a participação do pai, desde a gravidez até o nascimento da criança traz importantes contribuições e questões ao exercício dos direitos reprodutivos de homens e mulheres no nosso país (Arihla, 1999, Lyra da Fonseca, 1997). A escolha da mulher pela participação do pai durante o pré-natal e o parto faz parte das propostas de humanização da assistência (Ministério da Saúde [MS], 2001; OMS, 1996), com base nas evidências científicas que mostram que a presença desse acompanhante traz segurança emocional à mulher e acarreta em benefícios à sua saúde e à do bebê (Domingues, 2002). É recomendação do Ministério da Saúde que seja garantida a informação sobre o direito de escolha de acompanhante no pré-natal, recomendando a sua inclusão nas consultas obstétricas (MS, 2001). Além disso, essa participação facilita a formação de vínculo pai-bebê (Castoldi, 2002) provocando um gradativo envolvimento dos homens nos cuidados com as crianças (Mello de Carvalho, 2003).

A participação mais efetiva do homem nas atividades domésticas, principalmente no cuidado com os filhos, é pautada por um construto da Psicologia e das Ciências Sociais chamado de envolvimento paterno (Silva & Piccinini, 2009). O envolvimento paterno é definido não só pela maior participação do pai nas atividades familiares, mas também pelo comportamento do pai na interação com a criança, nas atividades de cuidado, de recreação, de

apoio à esposa, nos sentimentos do pai de satisfação com a paternidade e na qualidade da relação com a criança (Silva & Piccinini, 2009).

A partir dessa categoria, é possível que o envolvimento paterno começa na gestação, quando o pai busca interações com o bebê de diversas maneiras, o que é um importante fator promotor do apego. É preciso refletir sobre as situações em que não há uma abertura (por parte da mãe ou da história do casal) para esse tipo de interação do pai com o bebê, visto que a mulher precisa permitir essa interação, pois se dá através do seu corpo (Mello de Carvalho, 2003; Oliveira & Brito, 2009). Isso nos alerta para a importância de conhecer o maior número de fatores promotores do apego pai-bebê, para que quando um deles não estiver disponível, outros possam ser incentivados.

Na segunda categoria de respostas, o fator relatado como importante promotor do apego paterno foi o desejo já existente de ser pai, pois a formação do apego foi facilitada quando a notícia da gestação da parceira veio. Essa categoria traz conteúdos semelhantes à que foi gerada na pergunta 3, que também se refere à desejabilidade da paternidade. Ressalta-se que a ideia expressa nessa categoria é complementar a anterior e é reforçada pela literatura científica que afirma que a formação do apego entre pais e filhos antecede o momento do parto propriamente dito. O desejo comum do casal em expandir sua família se revela como um fator promotor do apego entre pais e filhos, na medida em que traz a sensação de estarem “mais completos” como família e conscientes das responsabilidades atribuídas nessa nova etapa de suas vidas (Guimarães e Monticelli, 2007). Novamente, é possível perceber que esse é um importante fator promotor do apego pai-bebê e que o homem precisa, tanto quanto as mulheres, desejar a paternidade, como num exercício de preparação para assumir esse papel (Silva & Piccinini, 2009). A relação de apego é facilitada quando há o desejo de ser pai, pois o filho já ocupa um lugar na vida e nas emoções do pai.

A terceira categoria de respostas revela que para os entrevistados os afetos positivos que eles sentem na presença da criança, como felicidade, alegria e o desejo de ver o bebê feliz e sorridente são apontados como fatores promotores do apego para os pais. Aqui podemos observar uma das características da Teoria do Apego detalhada por Bowlby (1969/1990), o engajamento emocional, que diz respeito às nossas ligações afetivas permeadas por emoções intensas. Quando os sujeitos revelam o desejo de fazer a criança feliz, significa que eles estão disponíveis para exercer um dos papéis do cuidador, que é ser a pessoa para quem a criança vai se dirigir quando precisar de proteção e suporte. Já que a figura de apego tem a função de ser o alvo da busca de proximidade, de servir como base segura (Bowlby, 1969/1990). Cumprindo essa função, a figura de apego permite à criança o pleno desenvolvimento de suas emoções e a capacidade de estabelecer ligações significativas.

Mello de Carvalho (2003) observou que um dos motivos para exclusão do pai no momento do parto e no puerpério era a compreensão de que esses momentos são perpassados por emoções que só outra mulher pode apoiar, aliada à noção de insensibilidade dos homens, o que desqualifica a presença deles no ambiente hospitalar e mostra um desconhecimento sobre as experiências afetivas dos pais. A autora entrevistou profissionais de saúde que expressaram a ideia de que os pais não se emocionam ao assistir o nascimento do filho, nem são capazes de estabelecer uma vinculação afetiva com o bebê nos primeiros dias. Para esses profissionais, a desqualificação do vínculo afetivo pai-bebê reserva às mães a capacidade e a responsabilidade exclusivas no cuidado com as crianças, sendo esse o pano de fundo da exclusão dos homens nos serviços obstétricos e pediátricos (Mello de Carvalho, 2003).

Dessa forma, os achados do presente estudo ganham ainda mais valor porque mostram a presença da afetividade nos pais marcando o momento do puerpério. Na quarta categoria observa-se que a experiência prévia, ou seja, o fato de já ser pai e se avaliar como um bom pai, permite inferir que o apego será também formado nessa nova relação. Como já dito,

dentro da ordem familiar a figura paterna é vista como a de provedor do sustento e mantenedor da família. O homem é dividido como o sujeito protetor, que tem de cuidar e resolver os problemas de sua família (Cardoso & Oliveira, 2006). Essa categoria revela que ser socialmente reconhecido como capaz de cumprir sua função paterna de cuidador e provedor é muito importante para o homem, pois isso possibilita que ele se sinta seguro e capaz de estabelecer novas relações de apego, de amor e de cuidado de outras pessoas.

A experiência anterior como pai é um fator promotor do vínculo no puerpério, porque leva os pais a acreditarem que ao seu modo são capazes de cuidar dos filhos. Para além da permissão que a mulher e a equipe de saúde lhe dão, o homem se sente livre para cuidar do bebê e esse sentimento de liberdade o torna mais próximo fisicamente e afetivamente da criança.

Um dos achados da pesquisa de Guimarães e Monticelli (2007), realizada com pais de bebês pré-termo internados em UTI, informa que os pais do neonato apontaram como fatores promotores do apego com a criança: a) o desejo de se sentirem “livres” para circular nas dependências da unidade; b) em complementaridade, ter o direito de permanecerem com a criança o tempo que acharem necessário e prazeroso. Na opinião dos pais esses fatores promoviam o apego, porque ajudava-os a entender as necessidades do bebê, a exercitar a paternagem e a maternagem, além de prepará-los para o momento do retorno ao domicílio. Os achados das pesquisadoras corroboram e ajudam a explicar o relato dos pais que compuseram essa categoria de respostas, pois fica claro que em primeiro lugar os pais precisam da autorização para exercerem a paternagem e do reconhecimento da sua capacidade, para que essa relação afetiva com o bebê se constitua e se estabeleça.

A confiança na sua experiência anterior como pai revela que o homem conhece as especificidades da paternidade. Essa é uma relevante informação que nos leva a pensar na

importância da proposição de grupos de pais que abordem os cuidados iniciais com o bebê, sendo fundamental a participação ou coordenação de pais experientes.

A seguir são apresentadas as transcrições das respostas de todos os entrevistados para a pergunta 4.

Quadro 14 Entrevistas - vários participantes

“Desde quando ele estava na barriga dela que eu sempre ficava com ela, mexendo na barriga dela, botava a mão na barriga. Sempre que botava a mão na barriga dela ele mexia. Me sentia muito apegado, sempre. Antes dela engravidar, eu queria ter um filho com ela. Eu sempre sonhava com um namoro, quando nós ficamos mais juntos assim, nós pensávamos em ter um filho eu e ela”.	Sujeito 07
“É porque, mesmo antes de engravidar nós queríamos ter filhos. Já desejamos ter filhos e depois que nasce a gente se apega e não tem dinheiro que pague”.	Sujeito 21
“É justamente pela saudade e a vontade de estar junto dele, como já tinha falado”.	Sujeito 22
“Conversando com ela quando estava na barriga, quando a peguei nos meus braços, conversei, andei com ela e coloquei para dormir”.	Sujeito 26
“Pelo fato de eu já ter uma filha e já sou muito apegado a ela. Aí acredito que vai ser do mesmo jeito”.	Sujeito 27
“Que ela seja feliz, com saúde, graças a Deus”.	Sujeito 02
“Quando ela ri eu acho muito bom. E fico sempre fazendo coisas pra ela rir, pra ela ficar bem”.	Sujeito 31
“Como eu sempre quis ter filhos, é muito bom ver que aconteceu de verdade, isso contribui muito. Eu sempre quis isso”.	Sujeito 32
“Aquela ansiedade de imaginar se ele ia se parecer comigo. E depois que ele nasceu eu gostei muito de ficar com ele, conversar com ele”.	Sujeito 33
“Eu sinto muita saudade, eu penso sempre nele, sabe. Fico muito ansioso pra levar logo pra casa meu filho e a minha esposa. Quando ela liga pra dizer como ele tá, eu fico feliz e querendo ir ver ele mais rápido”.	Sujeito 34

Corpus 5: O que você acha que não contribuiu para a formação desse apego?

Neste corpus foram geradas quatro categorias de resposta que se referem aos fatores que prejudicaram, ou que hipoteticamente poderiam prejudicar, a formação do apego nos pais.

Foram apresentadas quatro formas de discurso sobre os fatores não promotores do apego, a partir da aparição de índices similares em discursos semelhantes.

Na primeira categoria de resposta observa-se que, para os entrevistados, a falta de união familiar poderia ser um fator prejudicial à formação do apego. É possível perceber uma noção de família que enfatiza às contribuições que cada membro deve dar para o grupo familiar, pois essa contribuição seria o que caracteriza uma família, como apontado na obra de Sarti (2011). Em seu livro “*A família como espelho*”, a autora explica que é no âmbito da família que se estabelecem os padrões psicossociais de relacionamentos que vão se reproduzir na sociedade.

Nesse sentido, é interessante perceber que para os entrevistados neste estudo, a família é um fator importante para a promoção do apego, uma vez que é nela que os relacionamentos humanos se desenvolvem e se fortalecem; a partir da premissa de que dentro de um núcleo familiar todos têm um papel, todos precisam se ajudar e contribuir de alguma maneira com os demais membros da família. Segundo os entrevistados, a chamada falta de união entre os membros da família prejudicaria a formação do apego, na medida em que os membros da família, de alguma forma, não fornecem apoio (emocional, material ou financeiro) para que o pai esteja presente nos cuidados com a criança.

Na segunda categoria de respostas, o fator apontado como potencialmente prejudicial à formação do apego paterno seria a falta de religiosidade. O estudo de Nazaré, Fonseca & Canavarro (2013) buscou evidências de validade do instrumento “*Postpartum Bonding Questionnaire*” – aplicando-o com 125 mães e 125 pais, em Lisboa/ Portugal – e verificou uma correlação estatisticamente significativa entre a religiosidade dos participantes e sua vinculação afetiva com os pais, visto que quanto maior a religiosidade expressa por eles maior tende a ser o seu vínculo afetivo, tanto com a mãe quanto com o pai.

Na terceira categoria, os entrevistados revelaram que a distância física pode ser um fator que não favorece a formação do apego, já que o pai não poderia estar próximo ao filho e à esposa, o que traria prejuízo aos três envolvidos na relação. Uma vez que os entrevistados afirmaram, anteriormente, que estar apegado é estar próximo fisicamente do bebê, observa-se que é natural que a distância física seja citada como um importante fator prejudicial a formação do apego. Como já discutido anteriormente em outras categorias com conteúdo semelhante, a necessidade de proximidade física é, justamente, o fator promotor do apego e é nela que o apego se constrói. Pois, para se construir e fortalecer uma relação de apego é necessário que haja interação entre a díade, que é bidirecional e parte dos dois componentes (Bowlby, 1969/1990).

As três categorias acima apresentam ideias que se complementam, visto que a “falta de união”, “falta de religiosidade” e a “falta de proximidade física” são ideias que se referem à noção de família tradicional. Na família tradicional, heterossexual e cristã, composta pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos, cada um possui seu papel social bem determinado e essa determinação é influenciada pela moral religiosa cristã. Ao pai caberia a função da provisão material e da disciplina, à mãe a função do cuidado e do afeto e aos filhos a obediência. De forma que se todos cumprem o seu papel, a família se configura como o espaço harmônico onde os afetos podem se expressar. De modo que a falta de algum dos fatores apontados pelos entrevistados nas categorias acima (união, religiosidade e proximidade física) impediria a expressão dos afetos, portanto, a formação do apego.

Na última categoria, os entrevistados afirmam que nenhum fator poderia não favorecer a formação do vínculo, mesmo que hipoteticamente. Talvez seja possível inferir que no momento da entrevista, os sujeitos apresentavam uma emoção tão forte pelo nascimento do filho, que não conseguiram visualizar nenhum fator, ainda que hipotético, que pudesse interferir no apego, aparentemente, já formado entre o sujeito e o bebê. A noção de que sua

realidade será modificada com a chegada do bebê revela não só a maturidade cognitiva do pai, como também a sua preparação para o exercício da paternagem (Mello de Carvalho, 2003). Como revelado nas categorias sobre a formação do apego e em estudos da literatura científica, do mesmo modo que a preparação para ser pai é um fator promotor do vínculo, a não preparação seria um fator que dificultaria a formação do apego. Apresenta-se, abaixo, a transcrição de todas as respostas dos entrevistados à pergunta 5:

Quadro 15 Entrevistas -vários participantes

“Não ajudaria se eu estivesse longe dele e dela. E não viesse visitar eles sempre, muito longe dele e dela, vir só uma vez por mês, por semana ver ele e ver ela. Isso seria muito ruim para mim, para ela com certeza e para ele. O que atrapalha mesmo é a distância que eu trabalho longe né, só isso mesmo que não é muito, porque eu trabalho longe. Mas Graças a Deus até agora está tudo bem”.	Sujeito 07
“Nada. Porque não tem como não ser, não sendo apego”.	Sujeito 21
“Bem, nada. Porque assim, eu sou bastante apegado a ele, então nada ou algumas coisas poderiam não contribuir. Acho que uma família que não tem Deus, em primeiro lugar, não é unida e nem tem união entre seus familiares mais próximos, parentes e irmãos, talvez prejudicasse a contribuição para o apego. Mas no meu caso foi ao contrário, deu tudo certo”.	Sujeito 22
“Nada atrapalhou”.	Sujeito 26
“Não, não”.	Sujeito 27
“É, também”.	Sujeito 02
“Acho que se eu não pudesse ver minha filha todo dia isso podia atrapalhar. Tem que ficar perto sempre”.	Sujeito 31
“Nada”.	Sujeito 32
“Não sei. A gente é muito unido. Nossa família é pequena, mas a gente se ajuda o tempo todo. Se não fosse assim, acho que ficava mais difícil ter apego. Ainda bem que não é”.	Sujeito 33
“A distância atrapalha, porque eu demoro pra poder ir pra casa”.	Sujeito 34

Corpus 6: “O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa em relação ao seu filho? Que você queira falar em relação a ele? ”

Essa pergunta foi elaborada com a intenção de permitir que o entrevistado acrescentasse algo que ainda não havia falado, caso desejasse. Neste corpus foram geradas duas categorias de resposta quanto ao que, de forma espontânea, os sujeitos gostariam de acrescentar sobre sua relação com o bebê recém-nascido.

Na primeira categoria de respostas, os pais expressaram os afetos positivos envolvidos no nascimento do bebê, evento marcado pela presença de emoções fortes e “incontroláveis”, levando-os ao choro. A emoção dos pais também é revelada nos relatos da satisfação que sentiram ao saber que o bebê havia nascido saudável e que a parceira passava bem após o parto. Nessa categoria, é marcante a expressão da desejabilidade da paternidade, uma vez que os pais relatam que o nascimento do bebê foi a realização de um sonho. Observa-se a ideia de que o afeto sentido no início da relação pai-bebê irá crescer com o tempo, à medida que os dois forem interagindo.

A segunda categoria emergente desse corpus refere-se ao discurso sobre as expectativas positivas quanto ao futuro do bebê recém-nascido. Os discursos incluídos aqui revelam que os pais esperam e torcem para que seus filhos sejam felizes e saudáveis no futuro. Do mesmo modo, se faz presente nas expectativas dos pais o desejo de poder dar boas condições de vida ao filho, de que o relacionamento conjugal dure para sempre e de que haja disponibilidade de tempo para manter a proximidade física. A seguir estão transcritas todas as respostas ofertadas a pergunta 6:

Quadro 16 Entrevistas - vários participantes

<p>“No momento que eu estou pensando agora que estou muito feliz. Graças a Deus quando ele nasceu os exames que ele fez deu tudo bem. E ela também está feliz com ele. E eu espero que daqui para frente seja cada vez mais feliz eu e ela e que construa</p>	<p>Sujeito 07</p>
---	-------------------

uma família bem e saudável. E que nosso relacionamento dure para sempre. Isso que eu espero”.	
“Acho que nada, também. Porque daqui para frente é Deus mandar saúde e o resto à gente corre a trás e consegue”.	Sujeito 21
“Bem, eu gostaria de falar que é um momento único na vida de um homem. Não é? A realização de ser pai é um dom, que eu acho que é de Deus. E é uma emoção muito forte. Ontem quando ele nasceu pela manhã, antes dele sair da sala, eu estava de um lado para o outro, naquela agonia. E assim que o tive em meus braços, eu não aguentei e o choro rolou, rolou. Chorei até mais que ele”.	Sujeito 22
Nada.	Sujeito 26
“Quando é um bebezinho recém-nascido a gente vai criando aquele afeto aos poucos, dando carinho e, no decorrer do tempo, a gente vai amando cada vez mais”.	Sujeito 27
Nada.	Sujeito 02
“Eu quero que ele fique bem, que ele cresça com saúde, que é o mais importante”.	Sujeito 31
“Ele realizou meu sonho de ser pai, eu estou muito feliz. Chorei quando segurei ele pela primeira vez. Muito feliz”.	Sujeito 32
“Eu quero muito bem a ele”.	Sujeito 33
“Quero trabalhar para poder dar uma condição de vida boa pra ele. Por isso que eu fico longe. Mas espero trabalhar mais perto de casa um dia e poder ficar com meu filho todo dia”.	Sujeito 34

6.6.3 Construção do instrumento

A partir dos resultados apontados no Estudo I (realização da revisão de literatura sobre o Conceito de Apego e sobre os instrumentos brasileiros que avaliam o apego em pais) e dos resultados obtidos em uma das etapas do Estudo II (realização da entrevista em profundidade com os pais para investigação do seu conceito de apego), a fim de alcançar a saturação sobre o tema realizou-se a construção dos itens componentes do instrumento para verificar a existência do apego em pais durante o puerpério.

O intuito da realização de um extenso levantamento bibliográfico foi reconhecer todos os fatores que representam o conceito de apego para pais. A construção e elaboração desses itens teve como propósito cobrir todas as dimensões que compõem o fenômeno do apego para

os pais de recém-nascidos. Os itens foram elaborados em formato de autorrelato, tendo como fontes de consulta as escalas de apego já existentes: com dados psicométricos aceitáveis, utilizadas na realidade brasileira e que consideravam as especificidades da formação do apego para os homens. Os itens foram elaborados seguindo o modelo proposto por Pasquali (2007), um dos principais autores brasileiros que tratam da construção e validação de escalas. A seguir, a lista de critérios para construção e avaliação dos itens, segundo o autor:

Quadro 17 Lista de critérios para construção e avaliação dos itens, segundo Pasquali (2007)

a) critério comportamental: o item deve transmitir a representação clara de um comportamento, e não de uma abstração do fenômeno;
b) critério de desejabilidade: os itens devem expressar desejabilidade ou preferência, não existindo respostas certas ou erradas;
c) critério da simplicidade: o item deve expressar uma ideia única;
d) critério da clareza: o item deve ser inteligível para todas as parcelas da população a qual se propõe avaliar, tendo frases curtas e expressões simples;
e) critério de relevância: um item não deve remeter-se a um atributo diferente do estabelecido para o mesmo;
f) critério de precisão: o item deve ter um posicionamento no atributo e ser diferente dos demais itens;
g) critério de variedade: deve conter termos diferentes em cada item, e existir itens positivos e negativos;
h) critério da modalidade: não formular frases extremistas utilizando termos como infinitamente, sempre, nunca;
i) critério de tipicidade: formular itens com expressões próprias do atributo;
j) critério de credibilidade: o item deve ser formulado de forma que não pareça ridículo ou infantil;
l) critério de amplitude: o conjunto de itens deve cobrir toda a extensão do construto;
m) critério do equilíbrio: deve haver itens fáceis, médios e difíceis.

Para a construção dos itens atendeu-se aos critérios acima listados e a indicação de que para cada fator (no caso, cada categoria gerada a partir da revisão de literatura sobre apego e a partir da entrevista em profundidade) sejam elaborados entre 10 e 20 itens. Essa sugestão prevê que ao final de todas as etapas de construção do instrumento, após ter passado por

testagens de validação de conteúdo, muitos dos itens sejam retirados do instrumento, restando uma versão com aproximadamente 25 itens.

Os itens construídos têm a intenção de dar conta das categorias de respostas geradas a partir da revisão de literatura sobre o conceito de apego para pais e das categorias geradas a partir da realização das perguntas 1, 2 e 3 da entrevista em profundidade (“Para você, o que é o apego? ”; “Você se sente, de alguma forma, apegado ao seu filho recém-nascido? De que forma? ”; “Como você percebe que está apegado ao seu filho recém-nascido? ”). Na revisão de literatura sobre o conceito de apego para pais foram geradas duas categorias, que se referem a prover financeiramente o filho e ao cuidado e expressão do afeto.

Da primeira pergunta da entrevista em profundidade surgiram outras duas categorias de respostas para a definição de apego. Uma refere-se ao cuidar e caracteriza o apego como a necessidade de estar próximo ao filho e cuidar dele; a outra define o apego como a expressão do afeto pelos filhos. Portanto, o conteúdo das duas categorias se assemelha aos da categoria de respostas da revisão de literatura – que também conceitua o apego como o cuidado e a expressão do afeto –, de modo que ambas têm a mesma definição do apego. Dessa forma, para fins de construção dos itens, serão contabilizadas duas categorias de respostas para a definição do apego: a provisão material e o cuidado e expressão do afeto.

A partir da segunda pergunta da entrevista em profundidade foram geradas quatro categorias de respostas: a) o apego como a necessidade de proximidade física do bebê; b) a preocupação com a mãe do bebê; c) a preocupação com bem-estar físico do filho; d) o orgulho de ser pai pela primeira vez. A noção de apego como necessidade de proximidade física do bebê se repete, de modo que para fins de construção dos itens será considerado que essa categoria está incluída nas anteriores com o mesmo conteúdo.

A partir da terceira pergunta da entrevista, chegou-se a três categorias de resposta que expressam comportamentos de apego. Aqui, igualmente aparece a expressão do apego como a

necessidade de manter uma proximidade física do bebê, que também será considerada como já incluída nas categorias anteriores de conteúdo similar. A categoria seguinte refere-se ao comportamento de apego dos pais como a ansiedade que sentiam em conhecer o filho ainda durante a gestação. E a última categoria traz o comportamento de apego como o desejo em ser pai manifestado antes mesmo de se tomar conhecimento da gravidez da parceira.

Após a definição das dimensões, os construtos são descritos com base em conceitos da teoria e devem ser transformados em itens mensuráveis, que devem ser definidos operacionalmente. Ao final, totalizam-se sete categorias que representam distintas maneiras de conceituar o apego para pais e definir o comportamento de apego. Seguindo as indicações de Pasquali (2007), para a construção do instrumento de verificação do apego em pais devemos, inicialmente, elaborar aproximadamente 70 itens que contemplem as definições de apego apresentadas nesta pesquisa. Os itens que compuseram a primeira versão do instrumento são apresentados ao final deste documento no Apêndice 1.

Adequação Semântica e Validade do Constructo

Construídos os itens, estes devem ser submetidos à análise de juízes (peritos na área do construto) e à análise semântica que objetiva verificar se os mesmos podem ser compreendidos e se apresentam validade aparente (credibilidade), essa etapa compreende ao estudo de validade de conteúdo do instrumento. Após as etapas de validação do conteúdo, o pesquisador deve tomar a decisão – juntamente com as recomendações dos juízes – sobre a escolha do tipo de Escala que irá construir. Neste caso, a princípio, opta-se por uma Escala do tipo *Likert* com 5 opções de respostas do tipo numérica-gráfica, de modo que as maiores pontuações indicam uma maior graduação no vínculo pai-bebê, com exceção dos itens invertidos.

A tabela de avaliação de adequação semântica dos itens, que compõem o instrumento de verificação do apego em pais no puerpério, foi enviada via e-mail, além da seleção de cinco juízes com diferentes formações e níveis de instrução: duas psicólogas pesquisadoras da área de Desenvolvimento Humano, uma jornalista que atua como revisora de textos em uma revista científica e dois avaliadores com Ensino Médio completo.

Para a etapa de avaliação da validade de constructo, foram contatados via e-mail cinco estudiosos da temática do apego em adultos, para a verificação do conceito presente no instrumento elaborado no presente estudo, que deveriam indicar a qual dimensão do apego pertencia cada item da Escala. Após reunir as avaliações de todos os juízes, os itens em que havia discordância quanto à dimensão do apego a qual pertenciam foram descartados. Assim, restaram 51 itens na versão final do instrumento.

7 ESTUDO III

O estudo III se baseia no polo analítico, que está relacionado à realização das análises estatísticas que auxiliam na averiguação da validade e precisão do instrumento elaborado pela pesquisadora (Pasquali, 2010). Portanto, nesta etapa foi realizado o estudo dos aspectos psicométricos da escala.

7.1 Variáveis Investigadas

As variáveis incluídas nesse estudo são as características sociodemográficas; as características do relacionamento do pai com a mãe da criança; as características da gestação; os indicativos do vínculo pai-bebê; o apoio social percebido e o conceito de apego construído pelos sujeitos.

7.2 Procedimentos

O primeiro contato com os participantes foi feito nos corredores das Maternidades, enquanto eles aguardavam a autorização para visitar os recém-nascidos. Nesse momento, foi perguntado a idade com o objetivo de verificar se havia adequação aos critérios de inclusão na pesquisa. Em seguida, os participantes recebiam o convite para participar da investigação e eram informados adequadamente sobre os objetivos da pesquisa, a aplicação dos instrumentos, a privacidade e o destino dos dados. Os que concordavam em participar eram convidados a responder os instrumentos após a visita ao recém-nascido, medida adotada para não atrapalhar o momento de interação pai-bebê.

A pesquisadora responsável, as bolsistas (estudantes a partir do 8º período do curso de Psicologia) ou os residentes de Psicologia treinados para a realização dos procedimentos de coleta aguardavam a saída dos pais e os abordavam novamente, dessa vez convidando-os a uma sala que garantisse as condições mínimas para a coleta de dados, de modo a respeitar a dignidade e o bem-estar dos participantes. Em algumas maternidades, a entrevista se deu no ambulatório da Psicologia, em outras, na sala do Serviço Social. A fim de obter o consentimento livre e esclarecido do participante, foi entregue uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que o participante assinasse e autorizasse o uso dos dados para a pesquisa e outra cópia para que levasse para casa. Após a formalização da concordância com os objetivos da pesquisa mediante a assinatura, os participantes respondiam a entrevista nesse único encontro.

Na etapa de aplicação do instrumento elaborado pela pesquisadora, foram obedecidos os mesmos critérios de inclusão e exclusão de sujeitos e a mesma sequência de procedimentos (abordando o sujeito inicialmente para verificar sua disponibilidade em participar da pesquisa). A diferença que se deu nessa etapa se refere à realização da coleta também em visitas domiciliares, guiadas por Agentes Comunitários de Saúde (ACS) de bairros das cinco zonas distritais do Município de Caicó/RN. Uma vez que os ACS têm, por preconização do Ministério da Saúde, que realizar visita domiciliar as famílias das parturientes nos primeiros cinco dias pós-parto, essas visitas poderiam ser acompanhadas pela autora da pesquisa, que realizava a aplicação do instrumento com o consentimento dos sujeitos.

Para a aplicação foi realizada a leitura do instrumento pela pesquisadora ou pelas bolsistas e residentes treinados, em conjunto com o participante. O sujeito indicava sua resposta, que era assinalada no instrumento pela entrevistadora. Esse procedimento ocorreu uniformemente para todos os sujeitos submetidos à pesquisa, de modo que a aplicação sempre fosse antecedida por uma explicação geral sobre o modo de resposta dos instrumentos.

7.3 Análise de dados

Para a sumarização e a análise das informações coletadas sobre os participantes (provenientes do questionário sociodemográfico) e sobre o apego pai-bebê (provenientes do instrumento elaborado), foi utilizada estatística descritiva e inferencial. Todos os dados foram catalogados em uma planilha do Excel e depois transpostos para um software de análise estatística comumente utilizado nas Ciências Sociais. Neste estudo, foram realizadas análises da distribuição normal dos itens do instrumento na população estudada e os resultados são apresentados adiante. Adota-se como critério de significância estatística a obtenção do valor de 0,05%, ou seja, todas as vezes que o valor de p for menor ou igual a 0,05, os dados analisados são considerados estatisticamente significantes.

Os dados do instrumento elaborado foram analisados através da análise fatorial exploratória. Para realizar uma análise estatística de um instrumento psicológico faz-se, inicialmente, a suposição de que esse instrumento é unidimensional e que todos os itens do instrumento estão medindo um único construto. Todavia, à princípio não se sabe se o instrumento construído e aplicado é ou não unidimensional, por isso, recomenda-se que a primeira análise a ser feita sobre os dados coletados é a verificação da unidimensionalidade. A realização de uma análise fatorial verificará a dimensionalidade do instrumento e determinará quantos fatores o instrumento está medindo (Pasquali, 2010).

A adoção de critérios para extração de fatores na análise fatorial exploratória de ser realizada, já que nem todos os fatores são aproveitáveis ou estatisticamente importantes. Pasquali (2010) discute que a análise dos fatores aproveitáveis pode ser facilitada pela interpretação do gráfico de sedimentação, o *scree plot*, que mostra o número de fatores extraídos a partir dos seus autovalores (*eigenvalues*). É de praxe buscar o menor de número de fatores possíveis, geralmente equivalentes ao número de fatores anteriores e ao ponto de

inflexão da curva, pois são os fatores que apresentam autovalores consideravelmente mais elevados que os demais. No presente estudo, para a decisão do número de fatores utilizados para representar a estrutura latente dos dados será utilizada a análise do gráfico de sedimentação, além do critério de raiz latente, que seleciona apenas os fatores com autovalor acima de 1,5.

Além de definir o critério para extração de fatores, é importante definir o tipo de rotação fatorial. A partir da compreensão de que fatores são um eixo de classificação no qual as variáveis (itens) estão posicionadas, o tipo de rotação escolhida para extração dos fatores revela o grau de inter-relação que se supõe existir entre os fatores. No presente estudo admite-se que, em nível teórico, as variáveis estão correlacionadas, pois referem-se ao mesmo construto. Assim, a rotação oblíqua do tipo promax é recomendada, pois se deseja encontrar fatores correlacionados entre si.

A análise fatorial constitui a demonstração da própria validade do instrumento, informando se ele valida ou não a hipótese teórica sob a qual foi construído, ou seja, se avalia aquilo que se propõe. Além disso, a análise Fatorial representa igualmente a análise preliminar dos próprios itens, porque pela carga fatorial de cada item pode-se saber o quão ligado ele está a esse fator. A carga fatorial mostra o parentesco – a covariância – entre o item e o fator, de forma que quanto mais próximo de 100% de covariância melhor será o item, pois ele se constitui um excelente representante comportamental do fator – traço latente (Pasquali, 2010).

A partir dos itens que se associam ao fator, o pesquisador poderá realizar seu processo de teorização, já que poderá afirmar (pela carga fatorial) qual fator melhor explica o fenômeno investigado. As cargas fatoriais podem ir de -1,00 a +1,00, sendo que uma carga 0,00 significa que não há relação alguma entre o item e o fator. Nesse caso, o item seria uma representação comportamental totalmente equivocada do fator, portanto, deve ser eliminado

do instrumento. Pasquali (2010) recomenda o valor de 0,30 (positivo ou negativo) como uma carga mínima necessária para o item ser um representante útil do fator. Após a eliminação dos itens com baixa carga fatorial e que saturaram em mais de um fator, restam os itens que se mostraram representantes satisfatórios do traço latente que o instrumento mede.

7.4 Resultados

7.4.1 Caracterização dos participantes

A seguir são expostos os resultados referentes às características sociodemográficas dos participantes, além dos dados sobre como avaliam o relacionamento com a parceira e o apoio recebido durante a gestação. Foram realizadas estatísticas descritivas desses dados para fins de caracterização dos participantes.

Participaram da pesquisa 228 sujeitos que responderam ao instrumento de verificação do apego paterno no puerpério; ao questionário de caracterização sociodemográfica; às questões relativas à desejabilidade da gravidez e à avaliação da relação com a parceira. Uma vez obtidos os dados, estes foram sumarizados através das técnicas da estatística descritiva e serão apresentados a seguir como forma de caracterização dos participantes. Abaixo, apresenta-se a Tabela 1 com a média de idade dos pais participantes da pesquisa e das mães dos bebês, em que é possível observar que a amostra foi constituída majoritariamente por adultos jovens.

Tabela 1 Média de idade dos pais e das mães.

	Média	Desvio Padrão
Idade do Pai	29,05	7,67
Idade da parceira	25,90	6,69

Apesar da coleta de dados ter sido realizada em Natal e em três municípios do interior do RN (Santa Cruz, Currais Novos e Caicó), a maioria (59,7%) dos participantes relatou ser natural de Natal/RN. Questionados sobre a religião, 47,2% dos pais relatou ser de religião católica, seguido de 26% de religião evangélica.

Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos pais (32,5%) possui Ensino Médio completo, seguido de 22,5% com Ensino Médio incompleto. 80,5% deles não estava estudando no momento em que a pesquisa foi realizada. Sobre o estado civil, 45% dos pais afirmaram ter uma união estável com a parceira, 34,6% disseram estar casados e 19% solteiros.

A maioria (78,4%) dos pais afirmou estar trabalhando no momento; entre os que trabalham, 42,4% têm uma renda mensal entre dois e três salários mínimos, seguidos de 39% dos pais que afirmaram receber até um salário mínimo por mês. Perguntados sobre com quem residem, 76,2% afirmam ter uma família nuclear, residindo apenas com a esposa e filho (s). Os demais residem em uma família nuclear com agregados, que podem ser primos, tios, sogro ou sogra, por exemplo. Mais da metade dos pais participantes dessa pesquisa (55,8%) estavam, naquele momento, vivenciando o nascimento do seu primeiro filho, já 42,4% afirmaram possuir outros filhos.

Perguntou-se também aos pais sobre suas parceiras, a maioria delas (67,1%) não trabalha; entre as que trabalham 18,2% recebem até um salário mínimo e 19% de dois a três salários mínimos; uma possui renda entre quatro e cinco salários mínimos e outra acima de seis salários mínimos; as demais (61,5%) não possuem nenhum tipo de renda mensal. Sobre a escolaridade das parceiras, 43,7% possuem Ensino Médio completo e 19% têm Ensino Médio incompleto; 78,8% não estavam estudando no momento.

Uma importante pergunta para análise dos resultados do instrumento foi a respeito da desejabilidade da gravidez. A maior parte dos pais (79,2%) afirmou ter desejado a gravidez.

Infere-se que a desejabilidade da gravidez também tenha influência sobre a avaliação que os pais fizeram sobre o relacionamento com a parceira e sobre a sua reação ao saber da gravidez, apresentando uma forte tendência a uma avaliação positiva, como é apresentado nos Gráficos 1 e 2.

Gráfico 1 Avaliação do relacionamento com a parceira

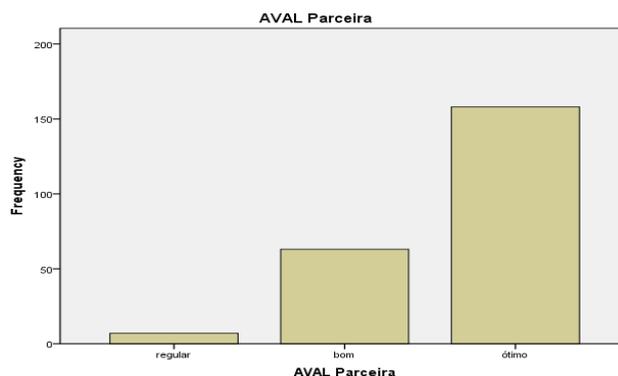
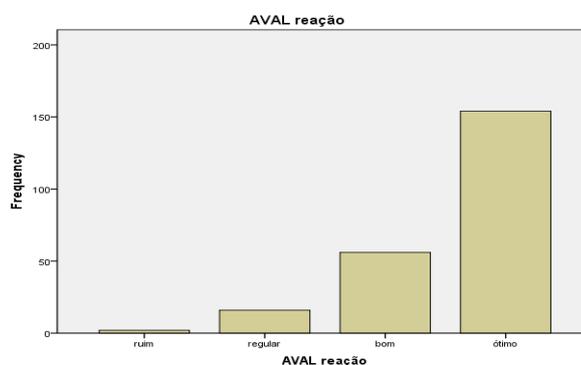


Gráfico 2 Avaliação da reação ao saber da gravidez



Sobre o apoio recebido da família e dos amigos durante a gestação, os pais apresentaram a tendência a avaliar de forma positiva, como é mostrado no Gráfico 3.

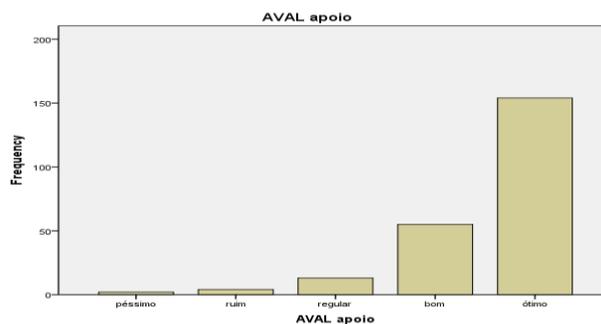


Gráfico 3 Avaliação do apoio recebido durante a gestação

7.4.2 Análise das Propriedades Psicométricas do Instrumento

a) Validade de Construto

Para verificar a estrutura fatorial do instrumento elaborado, procedeu-se a uma Análise de Componentes Principais (ACP), inicialmente com rotação Varimax (supondo-se que os fatores não apresentam correlação entre si) e sem definição prévia de fatores. Os resultados dessa análise são apresentados na Tabela 2. Os testes de Kaiser Meyer-Olkin (KMO) e de esfericidade de Bartlett são realizados para verificar a validade da aplicação do modelo fatorial aos dados analisados. A hipótese nula do teste de Bartlett é de não haver correlação entre as variáveis, para ser rejeitado o valor de p precisa ser menor ou igual a 0,05. Quando os valores do teste de KMO são maiores que 0,80 considera-se que há uma boa adequação ao modelo fatorial. No presente estudo, os valores de Kaiser Meyer-Olkin (0.843) e o nível de significância associado ao teste de Bartlett (0,000) mostraram que o instrumento elaborado composto por 51 itens se adequa ao modelo fatorial e que o tamanho da amostra foi adequado para a realização da análise.

Quando se opta por uma rotação ortogonal (varimax), os eixos que representam os fatores são rotacionados de forma perpendicular entre si, pois a intenção é que os fatores não sejam correlacionados. Realizou-se inicialmente uma rotação ortogonal e os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 Correlação dos fatores pela rotação varimax

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
<i>SS loadings</i>	7.236	3.604	2.780	2.346
<i>Proportion Var</i>	0.145	0.072	0.056	0.047
<i>Cumulative Var</i>	0.145	0.217	0.272	0.319

Destaca-se que ao realizar a análise teórica dos fatores, que deram origem ao instrumento elaborado, estava evidenciada uma correlação teórica entre eles. Assim, foi prudente seleccionar a rotação oblíqua (promax), quando os eixos não são mais rotacionados de forma perpendicular entre si e o intuito é estabelecer uma correlação entre eles. A realização desse tipo de rotação torna possível verificar se tal correlação entre os fatores poderia ser visualizada estatisticamente. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 Correlação dos fatores pela rotação promax

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Fator 1	1.000	0.389	0.576	0.677
Fator 2	0.389	1.000	0.406	-0.446
Fator 3	0.576	0.406	1.000	-0.668
Fator 4	-0.677	-0.446	-0.668	1.000

Os valores de correlação entre os fatores foram bem maiores e mais significativos quando se utiliza a rotação promax, o que evidencia um coeficiente de correlação considerado bom e confirma que, teoricamente e estatisticamente, há uma correlação entre os fatores que compõem o instrumento elaborado.

Apresenta-se, a seguir, a Tabela 4 com os fatores gerados utilizando a rotação promax (no Anexo 1 é apresentada a tabela de Variância total a partir do método de Análise dos Componentes Principais). Em destaque estão os itens que apresentam carga fatorial superior a 0,30, o mínimo aceitável para se afirmar que há uma correlação significativa entre o item e o

fator ao qual foi associado, ou seja, que tal item representa suficientemente bem o fator. Adotando-se esse critério sugerido por Pasquali (2010), 17 itens não adquiriram carga fatorial acima de 0,30 ou apresentaram saturação semelhante em mais de um fator. A partir da sugestão de Pasquali (2010), esses itens devem ser eliminados do instrumento elaborado e de quaisquer análises estatísticas posteriores.

Tabela 4 Carga Fatorial dos Itens

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Item1_1		0.246	0.275	0.283
Item2_1		0.115	-0.109	0.823
Item3_1		-0.148	0.462	0.402
Item4_1	-0.106			0.842
Item5_1	-0.101	0.282	0.226	-0.148
Item6_1	0.260	-0.253	-0.158	
Item7_1	-0.153		0.623	
Item8_1		0.461		
Item9_1	-0.134	0.427		0.112
Item10_1	-0.170		0.686	
Item11_1		-0.334	0.947	
Item12_1	0.204	0.281		0.207
Item13_1	0.228		0.334	
Item14_1				0.277
Item15_1	0.217	-0.114	0.312	
Item16_1	0.175		0.128	0.144
Item17_1	0.451			
Item18_1	0.357			0.169
Item19_1	0.487			0.144
Item20_1	-0.121	0.171		0.662
Item21_1	0.461			0.111
Item22_1		-0.133	0.137	0.303
Item23_1	-0.203		0.290	
Item24_1	-0.178	0.430		
Item25_1	-0.107	0.600	-0.145	
Item26_1	-0.162	0.813	-0.121	
Item27_1		0.710	-0.216	0.100
Item28_1	-0.189	0.662		
Item29_1		0.631	-0.258	0.135
Item30_1		0.273		
Item31_1	0.371	0.132	0.181	-0.108
Item32_1	0.293		0.185	
Item33_1		0.265	0.329	
Item34_1	0.312	0.366		
Item35_1	0.437	0.192	0.104	
Item36_1	0.320	0.217	-0.171	
Item37_1	0.455	-0.102	0.185	
Item38_1		0.106	0.235	
Item39_1	0.562			
Item40_1	0.961			-0.101
Item41_1	1.043	-0.197		
Item42_1	0.852	-0.132		
Item43_1	0.262	-0.140	0.156	
Item44_1	0.164	0.306		

Item45_1	0.415	0.321		-0.116
Item46_1	0.422	0.287		-0.124
Item47_1	0.345	0.367		
Item48_1	0.481		-0.182	0.150
Item49_1	0.471	0.470	-0.210	
Item50_1	0.488	0.387		
Item51_1	0.615			

Observa-se que foram gerados quatro fatores; o critério de decisão do número de fatores utilizados para representar a estrutura latente dos dados foi o de raiz latente, que seleciona apenas os fatores com autovalor acima de 1,5. Além disso, utiliza-se também o critério para seleção de fatores a partir da análise do gráfico de sedimentação, chamado *scree plot*. Pelo critério do *scree plot*, o número de fatores a ser extraído é a quantidade de fatores que está à esquerda do ponto de inflexão da curva, que também são os fatores que apresentam autovalor consideravelmente mais elevado que os demais.

A partir da análise do Gráfico 4, é possível perceber que dois fatores se distinguiram bem e que outros dois, apesar de terem valor próprio maiores que os que estão após a curva, ainda permanecem muito próximos. Isso indica que, provavelmente, os itens do instrumento estariam melhor organizados em apenas dois fatores.

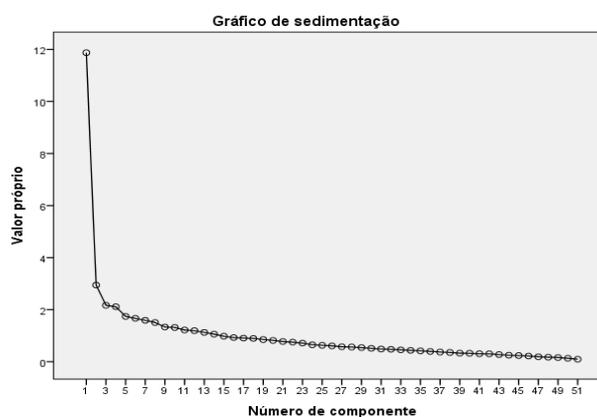


Gráfico 4 Sedimentação da primeira análise fatorial

Dessa forma, após a exclusão dos 17 itens que essa primeira análise fatorial revelou serem problemáticos (por apresentar carga fatorial abaixo de 0,30 e ter apresentado saturação em mais de um fator), optou-se por realizar uma nova análise fatorial, observando se haveria uma nova configuração dos fatores. Na segunda Análise Fatorial utilizou-se novamente a rotação promax, os resultados da correlação entre os fatores são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 Correlação entre os Fatores

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Item2_1	-0.101		0.850	
Item4_1	-0.113		0.837	0.122
Item7_1	-0.148		0.122	0.564
Item8_1	0.144	0.417		
Item9_1	-0.125	0.530		
Item10_1	-0.182		0.104	0.650
Item11_1		-0.248		0.905
Item13_1	0.257			0.267
Item15_1	0.210			0.247
Item17_1	0.440			
Item18_1	0.347		0.162	
Item19_1	0.480		0.161	
Item20_1	-0.116	0.123	0.678	
Item21_1	0.459		0.114	-0.105
Item22_1			0.323	0.123
Item24_1	-0.149	0.377		
Item25_1	-0.114	0.660		-0.121
Item26_1	-0.121	0.791		
Item27_1		0.680		-0.157
Item28_1	-0.160	0.717		
Item29_1		0.592	0.125	-0.205
Item31_1	0.375	0.140		0.163

Item33_1		0.200		0.367
Item35_1	0.456	0.136		0.105
Item36_1	0.354	0.140		-0.160
Item37_1	0.462			0.152
Item39_1	0.541			
Item40_1	0.980		-0.109	-0.104
Item41_1	1.048	-0.167		
Item42_1	0.824	-0.109		
Item44_1	0.164	0.292		
Item46_1	0.431	0.219	-0.108	
Item48_1	0.459		0.130	-0.169
Item51_1	0.600			

Apresenta-se na Tabela 5 os fatores gerados a partir da nova análise fatorial, os itens em destaque apresentaram carga fatorial maior que 0,30, o que justifica sua permanência para análises posteriores. Pode-se notar que três itens apresentaram carga fatorial menor que 0,30, portanto, foram eliminados do instrumento. Após a eliminação dos itens problemáticos, realizou-se o procedimento de cálculo do *alpha de Cronbach* de cada fator, índice responsável pela análise de consistência interna do instrumento, em que índices maiores que 0,7 são aceitáveis, conforme critério proposto por Pasquali (2010). O objetivo era realizar uma primeira análise de consistência interna do instrumento com a configuração de fatores apresentada.

Procedeu-se à uma inspeção individual de cada fator gerado, constatando-se que o fator 1 apresentou valor de *alpha de Cronbach* considerado muito bom (0,880) e os fatores 2 e 3 apresentaram valores considerados aceitáveis (0,761 e 0,742, respectivamente), já o fator 4 apresentou valor considerado ruim. A distribuição dos itens em cada fator e o valor do *alpha de Cronbach* por fator são apresentados no Anexo 2.

Ao analisar o comportamento do *alpha de Cronbach* do fator no caso da exclusão de um item (Anexo 2), percebeu-se que no fator 1 todos os itens contribuem muito bem para o fator, tanto que a exclusão de qualquer um deles diminuiria o valor do *alpha de Cronbach*. No fator 2 apenas a exclusão de um dos itens aumentaria levemente o valor do fator, o que revela que esse item não tem a mesma força de correlação com o fator que os demais. No fator 3, observou-se que há um item que, se excluído, elevaria de forma importante o valor do fator. No fator 4 todos os itens, se excluídos, diminuiriam o valor do fator, revelando que os itens estão bem associados a ele. Todavia, foi o fator que apresentou menor valor de *alpha de Cronbach*.

Com a distribuição dos fatores apresentada acima, foi possível entender que os valores do *alpha de Cronbach* descritos ainda não se mostravam completamente adequados para a validação do instrumento. Somado a isso, após a eliminação dos itens problemáticos na primeira análise fatorial e na realização da segunda análise fatorial, o software de processamento de dados indicou duas possibilidades para a extração dos fatores: a primeira é de que os itens do instrumentos estariam distribuídos em quatro fatores considerando-se a média dos valores próprios (*eigenvalues*) dos fatores; A segunda possibilidade é que, testando a significância de todas as cargas fatoriais dos fatores sugeridos e utilizando-se o intervalo de confiança de 95% (ao nível de significância de 5%), a inferência estatística sugere a existência de dois fatores.

O teste de significância das cargas fatoriais é um procedimento de estatística inferencial para os resultados de um estudo por análise fatorial, mais precisamente, para a significância da matriz principal de uma análise fatorial. Adota-se esse procedimento, porque em uma análise fatorial existem decisões que devem ser tomadas pelo pesquisador com base nos autovalores dos fatores estimados na amostra. O procedimento de inferência estatística permite que somente se considere na análise fatorial os fatores cujos autovalores são

significativos. Geralmente, em estudos com amostras grandes (maiores que 200 participantes) muitos fatores têm probabilidade de serem significantes, ainda que muitos sejam responsáveis por apenas uma pequena parcela da variância total. A realização de um teste de significância para as cargas fatoriais tem o objetivo de orientar sobre quais variáveis e cargas fatoriais devem incidir a nomeação de fatores. O que permite uma tomada de decisão administrativa, com uma confiança alta de que os resultados amostrais levados em consideração na análise de dados não são acidentais, frutos do acaso. Diante disso, ao optar pela realização desse procedimento, observou-se que os itens estão melhor distribuídos (de forma significantes) em dois fatores (o que já estava evidenciado pela análise do Gráfico 4).

Portanto, realizou-se a terceira análise fatorial já solicitando ao software a distribuição em dois fatores, utilizando-se a rotação promax e assumindo que os fatores estão correlacionados. Os novos resultados da correlação dos fatores na rotação promax são apresentados na Tabela 6; é possível perceber que há uma forte correlação entre eles.

Tabela 6 Correlação entre os fatores a partir da rotação promax

	Fator 1	Fator 2
Fator 1	1.000	0.733
Fator 2	0.733	1.000

Na Tabela 6 são apresentados os dois fatores gerados a partir da nova análise fatorial realizada. É importante esclarecer que essa análise fatorial foi realizada com os mesmos itens que restaram após a primeira análise, isto é, com os 34 itens que restaram (após a exclusão dos 17 itens que a análise inicial apontou como problemáticos). A partir dessa configuração do instrumento que o software considerou a possibilidade de distribuição em dois fatores, mencionada anteriormente. Desse modo, admitiu-se que deveria ser a partir dessa configuração que a nova análise, com um intervalo de confiança de 95%, deveria ser realizada.

É interessante notar que nessa nova análise, os mesmos três itens da análise anterior (evidenciados na Tabela 7) apresentaram carga fatorial menor que 0,30 indicando-se sua eliminação do instrumento elaborado.

Tabela 7 Carga fatorial dos itens finais que compuseram o instrumento

	Fator 1	Fator 2
Item2_1	-0.323	0.779
Item4_1	-0.305	0.800
Item7_1		0.315
Item8_1	0.229	0.299
Item9_1		0.559
Item10_1		0.448
Item11_1	0.159	0.277
Item13_1	0.359	0.118
Item15_1	0.300	
Item17_1	0.485	
Item18_1	0.318	0.176
Item19_1	0.419	0.127
Item20_1	-0.304	0.782
Item21_1	0.420	
Item22_1		0.324
Item24_1	-0.120	0.420
Item25_1		0.468
Item26_1		0.491
Item27_1		0.509
Item28_1		0.521
Item29_1		0.506
Item31_1	0.471	
Item33_1		0.377
Item35_1	0.517	0.134
Item36_1	0.349	
Item37_1	0.512	
Item39_1	0.572	
Item40_1	1.043	-0.256
Item41_1	1.106	0.308
Item42_1	0.864	-0.138
Item44_1	0.221	0.274
Item46_1	0.511	
Item48_1	0.405	

Na tabela acima é possível perceber que, de forma geral, os itens apresentaram maiores cargas fatoriais, o que indica que no modelo de dois fatores os itens estão associados a cada fator que representam de forma mais forte, ou seja, que o instrumento tem boa validade de construto, já que os itens representam bem o construto. Além disso, os dois fatores

apresentam forte correlação estatística entre si, o que é corroborado pela literatura científica e será discutido na seção de Discussão. Em seguida, ao eliminar os três itens problemáticos indicados por essa nova análise fatorial (com baixa carga fatorial), o Fator 1 e o Fator 2 ficam com 17 e 14 itens, respectivamente. O instrumento completo é composto por 31 itens ao final.

Outro importante dado é que, após a eliminação dos itens problemáticos, os dois fatores apresentaram bons valores de *alpha de Cronbach*, revelando uma boa consistência interna do instrumento. O valor do *alpha de Cronbach* do Fator 1 foi de 0,887 e do Fator 2 de 0,791 e podem ser visualizados no Anexo 3. No que se refere à análise da consistência interna do instrumento, realizou-se a inspeção de cada fator individualmente e observou-se que no Fator I a eliminação de qualquer um de seus itens tende a diminuir ou manter estável o valor do *alpha de Cronbach* do fator, isso significa que os itens apresentam boa correlação com o fator. No fator 2 também foi observado que a eliminação de qualquer um dos itens tende a diminuir o valor do *alpha de Cronbach*, o que diminui a consistência interna do instrumento e revelou que os itens estão bem correlacionados entre si e com o fator. Na Tabela 8 são apresentados os itens que compuseram o Fator 1.

Tabela 8 Itens que compuseram o Fator 1

Nº	Itens
13.	Sentia-me ansioso para conhecer o bebê (ver o rosto, ver se parece comigo)
15.	Eu visitei o bebê ainda no hospital.
17.	Eu me preocupo com o bem-estar da mãe do bebê
18.	Eu cuido da mãe do bebê porque acredito que isso fará bem para o bebê
19.	Tenho um bom relacionamento com a mãe do bebê
21.	Imagino que minha vida passará por mudanças boas após o nascimento do bebê
31.	Eu me preocupava em como seria a saúde do bebê ao nascer
35.	Eu sinto vontade de estar próximo fisicamente ao bebê durante os primeiros dias de vida
36.	Eu sinto saudade do bebê quando estou distante
37.	Quando estou distante, não sinto saudade do bebê
39.	Sinto vontade de ajudar financeiramente em tudo que se relaciona com o bebê
40.	Eu me preocupo com o bem-estar do bebê quando estou distante

41.	Eu me preocupo com o bem-estar da mãe do bebê quando estou distante
42.	Eu sinto vontade de dedicar mais tempo para estar próximo fisicamente do bebê
46.	Sinto-me orgulhoso por ser pai.
48.	Sinto-me triste quando estou longe do meu bebê
51.	Acredito que vou cuidar financeiramente do meu bebê

É interessante observar a presença de um item elaborado na forma negativa, que para fins de pontuação deve ter pontuação inversa aos demais. O item que apresentou maior carga fatorial no Fator 1 foi o de número 41, que se refere à busca por proximidade física com o bebê; quanto maior a carga fatorial do item em um fator, melhor ele o representa. Portanto, pode-se dizer que os itens que compuseram o Fator 1 tratam majoritariamente dos investimentos que o pai faz no bebê, mesmo que não cuidando diretamente dele, e sim da mãe para que ela cuide bem do bebê; além do desejo de cuidar financeiramente do filho. De forma geral, esses itens referem-se ao “Investimentos do Pai no Bebê” e assim será chamado esse fator. Na Tabela 9 são apresentados os itens que compuseram o Fator 2.

Tabela 9 Itens que compõem o Fator 2

Nº	Itens
2.	Eu já desejava ser pai nesse momento da minha vida
4.	Eu não desejava ser pai nesse momento da minha vida
7.	Eu não fiquei curioso para acompanhar o desenvolvimento do bebê durante a gravidez (buscando saber sobre ele)
9.	Eu já fazia planos para o bebê ainda durante a gravidez
10.	Não me senti feliz ao saber que seria pai
20.	Eu e a mãe do bebê já planejávamos ter esse filho
22.	Imagino que minha vida passará por mudanças ruins após o nascimento do bebê
24.	Eu participei das decisões sobre o parto
25.	Eu participei da escolha do nome do bebê
26.	Eu ajudei a mãe do bebê a se preparar para o parto (buscando informações sobre o procedimento, me preocupando com seu bem-estar)
27.	Eu buscava sentir o bebê na barriga da mãe
28.	Eu conversava, ou contava histórias ou cantava para o bebê ainda na barriga
29.	Eu ajudei a organizar o enxoval do bebê

33.	Eu me imagino cuidando do bebê durante os primeiros dias
-----	--

Observa-se a presença de três itens elaborados na forma negativa, que para fins de pontuação devem ter pontuação inversa aos demais. O item que apresentou maior carga fatorial no Fator 2 foi o de número 4, que se refere ao desejo de ser pai no momento atual da vida, contudo a frase é formulada na forma negativa. A interpretação dessa alta carga fatorial dá conta de que esse é o item que melhor representa o Fator 2. Os demais itens do Fator 2 referem-se às atitudes de participação nas decisões sobre o filho e a busca pela interação com o feto ainda durante a gestação, além de sentimentos e expectativas em relação ao encontro com o bebê. Em vista disso, fator denomina-se “Sentimentos, Atitudes e Expectativas dirigidos ao bebê”.

b) Validade de Critério

Não são apresentados dados sobre a validade de critério do instrumento, porque não há instrumentos disponíveis que meçam o apego pai-bebê no puerpério validados para a realidade brasileira. Desse modo, não foi possível verificar a validade do instrumento elaborado a partir de um critério externo. Embora na seção de Discussão sejam apresentadas sugestões e perspectivas para que estudos posteriores obtenham tal validação.

c) Fidedignidade

Foi possível realizar a análise da fidedignidade do instrumento mediante análise da consistência interna dos itens por meio do *alpha de Cronbach*. Dependendo da técnica utilizada para obter a precisão de um teste, surgem vários tipos de precisão: teste re-teste, formas paralelas e consistência interna. No caso do presente estudo, o teste re-teste não poderia ser realizado, dada a impossibilidade de localizar novamente os sujeitos que

participaram da pesquisa na maternidade onde seus filhos nasceram. O uso de formas paralelas também foi inviabilizado por não haver testes validados para o Brasil, que medissem construto semelhante no público de pais durante o período do puerpério (ou mais próximo a esse período). A forma possível para o cálculo da fidedignidade do instrumento elaborado foi a análise de consistência interna, que visa verificar a homogeneidade da amostra de itens do teste. São várias as técnicas estatísticas que visam verificar a homogeneidade da amostra de itens do teste, ou seja, a consistência interna do teste.

A técnica mais aceita é o coeficiente de *alpha de Cronbach*, que tem a vantagem de poder ser calculado quando o instrumento é aplicado uma única vez, como no caso do presente estudo. O *alpha de Cronbach* mede a extensão em que os itens que compõem um instrumento medem o mesmo construto, os valores do coeficiente alpha variam entre 0 e 1, quanto mais próximo de 1 melhor a consistência interna do instrumento. Muitos autores discutem o valor considerado aceitável para o coeficiente alpha, mas a maioria concorda que seja acima de 0,7. Apresenta-se na Tabela 10 o valor do *alpha de Cronbach* do instrumento inteiro, na sua versão com 31 itens (após análise fatorial).

Tabela 10 *Alpha de Cronbach* do Instrumento elaborado

<i>Alpha de Cronbach</i>	,688
<i>Alpha de Cronbach estandarizado</i>	,799
Nº de Itens	31

O valor do *alpha de Cronbach* obtido para essa versão do instrumento com 31 itens é considerado aceitável, mas é preciso também inspecionar o índice de correlação entre cada item e a escala como um todo, valores apresentados na terceira coluna da Tabela 11. Para a análise desses valores, é importante lembrar que os itens que apresentaram correlação negativa com o restante da escala foram elaborados na forma negativa. Também é necessário

analisar os valores apresentados na quarta coluna da Tabela 11, que indicam qual seria o valor do *alpha de Cronbach* da escala, caso o item fosse eliminado.

Tabela 11 Aspectos da análise de consistência interna do instrumento

	Média da escala se item deletado	Variância da escala se item deletado	Correlação escores do item - Total da Escala	Alpha de Cronbach se item deletado
Item 2	121,39	64,412	,263	,677
Item 4	123,67	77,109	-,392	,740
Item 7	124,01	73,192	-,237	,717
Item 9	121,14	62,164	,436	,661
Item 10	124,25	73,026	-,274	,710
Item 13	120,80	67,013	,303	,678
Item 15	120,79	68,032	,156	,685
Item 17	120,73	67,094	,392	,676
Item 18	120,80	66,690	,337	,676
Item 19	120,84	66,217	,410	,673
Item 20	121,75	61,040	,302	,674
Item 21	120,88	66,169	,389	,673
Item 22	123,85	72,804	-,203	,720
Item 24	122,35	61,371	,251	,682
Item 25	121,10	62,916	,392	,666
Item 26	121,41	60,508	,425	,660
Item 27	120,87	64,997	,499	,667
Item 28	121,50	60,032	,419	,660
Item 29	121,35	61,131	,427	,660
Item 31	120,74	66,670	,434	,674
Item 33	121,03	65,008	,312	,673
Item 35	120,81	65,909	,519	,670
Item 36	120,93	65,666	,328	,674
Item 37	124,21	74,370	-,383	,716
Item 39	120,78	66,783	,302	,677
Item 40	120,77	65,823	,576	,669
Item 41	120,78	66,192	,529	,671
Item 42	120,78	66,299	,497	,672
Item 46	120,67	67,646	,434	,678
Item 48	121,08	64,377	,306	,673
Item 51	120,73	66,519	,515	,673

Os valores da tabela acima indicam que aqueles que apresentaram melhores correlações com a escala foram os itens 40, 41, 35 e 51, respectivamente. Além disso, a eliminação de qualquer um dos itens da escala só tende a diminuir o *alpha de Cronbach* do instrumento. Os que mais contribuiriam para essa queda do valor do *alpha de Cronbach* do instrumento são os itens 26, 28 e 29, o que mostra quão forte estão associados à escala.

d) Correlação das variáveis do questionário com o Instrumento

Nesta seção apresentam-se os resultados das análises que pretendiam atender aos seguintes objetivos específicos: estabelecer relações estatisticamente significantes entre os fatores socioeconômicos e a formação do apego paterno durante o puerpério; verificar se há diferença na formação do apego paterno nos grupos separados em função da idade do pai; em função da avaliação sobre o relacionamento com a mãe do bebê; em função da desejabilidade da gravidez e em função da quantidade de filhos dos sujeitos (grupo de pais de primeira viagem e grupo de pais que têm mais de um filho).

Para alcançá-los foram realizados procedimentos estatísticos, a fim de estabelecer correlações entre os dois fatores que compõem o instrumento e algumas variáveis coletadas pelo questionário estruturado. Algumas das variáveis haviam sido apontadas pela literatura científica como relacionadas à promoção do apego em pais, outras foram incluídas com o objetivo de verificar se havia tal relação. Assim, procedeu-se à análise da correlação entre os escores dos indivíduos nos dois fatores do instrumento e nas variáveis, como idade do pai, trabalhar, possuir renda mensal, coabitar com a parceira, ter desejado a gravidez, avaliação do relacionamento com a parceira e possuir outros filhos. Inicialmente, foi verificado se os fatores apresentavam distribuição normal na amostra, mas não apresentam nem mesmo realizando transformações para z-escore. Diante disso, foi realizada estatística não-

paramétrica e serão descritos os resultados obtidos na análise do comportamento de cada uma das variáveis citadas em relação aos fatores do instrumento elaborado.

Quanto à variável desejabilidade da gravidez, intencionava-se verificar se há diferença quanto à pontuação no teste entre o grupo de pais que desejaram a gravidez da parceira e os que não desejaram (nos dois fatores, considerando que, globalmente, maiores pontuações no teste indicam vinculação mais forte). Portanto, foi realizado o teste *U-Mann Withney* para comparação entre grupos. O resultado revelou que os pais que desejaram a gravidez da parceira obtiveram pontuações mais elevadas tanto no Fator 1 quanto no Fator 2, se comparado aos pais que não desejaram a gravidez (Tabela 12). A diferença entre os grupos foi estatisticamente significativa, considerando um nível de significância $p < 0,05$.

Tabela 12 Relação Gravidez Desejada e Escore no Teste

	Fator_1	Fator_2
Mann-Whitney U	3251,500	2180,500
Wilcoxon W	4286,500	3215,500
Z	-2,226	-4,891
Sig. Assint. (2 caudas)	,026	,000

Quanto à avaliação que o pai fazia sobre o seu relacionamento com a parceira, sobre a sua reação ao saber da gestação e sobre a reação da parceira, essas três variáveis se mostraram correlacionadas de forma positiva com os escores dos sujeitos no Fator 1 e no Fator 2. A variável “avaliação do apoio recebido durante a gestação” foi correlacionada de forma positiva ao Fator 2. Todas essas correlações citadas foram estatisticamente significantes e podem ser observadas na Tabela 13.

CORRELAÇÕES	Fator 1	Fator 2	Idade	AVAL Parceira	AVAL reação	AVAL parceira reação	AVAL apoio
-------------	---------	---------	-------	---------------	-------------	----------------------	------------

Rô de Spearman	Fator_1	Correlações de coeficiente	1,000	,497**	,079	,254**	,223**	,228**	,188**
		Sig. (2extremidades)	.	,000	,234	,000	,001	,001	,004
		N	228	228	228	228	228	228	228
	Fator_2	Correlações de coeficiente	,497**	1,000	,104	,216**	,407**	,295**	,343**
		Sig. (2extremidades)	,000	.	,117	,001	,000	,000	,000
		N	228	228	228	228	228	228	228
** A correlação é significativa no nível 0,01.									

Tabela 13 Aspectos da análise de consistência interna do instrumento

Quanto à renda dos pais, essa variável foi categorizada em função do número de salários mínimos recebidos. Na intenção de verificar se pais com diferentes rendas obtinham diferentes pontuações no teste (nos dois fatores) foi realizado o teste ANOVA de Welch, que revelou diferenças estatisticamente significantes entre os grupos (Tabela 14).

Tabela 14 Diferença nos escores do teste quanto à renda

		Estatística ^a	df1	df2	Sig.
Fator_1	Welch	5,910	4	26,838	,002
Fator_2	Welch	4,899	4	22,729	,005
a. F distribuído assintoticamente.					

Procedendo-se à comparação entre os grupos: para o fator 1, os pais com renda de até um salário diferiram de pais com renda entre quatro e cinco salários e daqueles com renda acima de seis salários; para o fator 2, pais com renda de até um salário diferiram de pais com renda acima de seis salários mínimos (Tabela 15).

Tabela 15 Relação entre renda e escores no teste

Comparações múltiplas						
Games-Howell						
Variável dependente	(I) Renda	(J) Renda	Diferença média (I-J)	Modelo padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%

						Limite inferior	Limite superior
Fator_1	Até 1 salário mínimo	De dois a 3 s.m	-,10672	,04790	,174	-,2387	,0252
		De 4 a 5 s.m	-,20030*	,05061	,003	-,3448	-,0558
		Acima de 6 s.m	-,23884*	,05501	,006	-,4121	-,0656
		Sem renda	-,04734	,08381	,979	-,2952	,2005
Fator_2	Até 1 salário mínimo	De dois a 3 s.m	-,17081	,07530	,160	-,3782	,0366
		De 4 a 5 s.m	-,21877	,16854	,697	-,7530	,3155
		Acima de 6 s.m	-,48895*	,10982	,018	-,8823	-,0956
		Sem renda	-,01632	,15621	1,000	-,4852	,4526
* A diferença média é significativa no nível 0.05.							

Todavia, inspecionando o número de sujeitos em cada categoria de renda, torna-se difícil enfatizar esse resultado (Tabela 16).

Tabela 16 Quantitativo de sujeitos por faixa de renda

		Frequência	Porcentual
Válido	Até 1 salário mínimo	95	41,7
	De dois a 3 s.m	101	44,3
	De 4 a 5 s.m	11	4,8
	Acima de 6 s.m	5	2,2
	Sem renda	16	7,0
	Total	228	100,0

7.5 Discussão

7.5.1 Caracterização dos Participantes

A partir da caracterização dos participantes foi possível observar que de forma majoritária, os pais possuem baixo nível de instrução, mas compatível com o das mães dos bebês. A maioria dos pais e as mães são adultos jovens, os homens são um pouco mais velhos que as mulheres, moram com a parceira e o (s) filho (s) e são os responsáveis pelo provimento financeiro do lar, já que a maioria das mães não trabalha e não possui renda. O que se observa nessa caracterização é uma composição tradicional da família, composta por pai, mãe e filhos; provavelmente, caracterizada pela clássica divisão social dos papéis de homem e mulher, de pai e mãe, segundo a qual o homem é o responsável pela provisão financeira da casa e a mulher responsável pelos cuidados domésticos e com os filhos.

Para compreender essa composição familiar apresentada pelos participantes do presente estudo, é preciso levar em consideração a renda apresentada e o nível de instrução. Lyra da Fonseca (1997) afirma que quando tratamos dos projetos de autonomia e maturidade dos jovens, essa discussão deve ser marcada pelos aspectos socioeconômicos dos sujeitos envolvidos. Para os jovens de classe econômica média e alta, é atribuído um alto valor à educação como estratégia de ascensão social, o que lhes permite elaborar projetos de autonomia que se concretizam pela entrada em uma Universidade e pelo ingresso no mercado de trabalho. Para os jovens de camadas populares – como é o caso dos participantes do presente estudo – as barreiras enfrentadas no sistema de ensino são mais intensas e a saída do jovem da escola associa-se à necessidade e ao desejo de trabalhar, provocando uma inserção precoce (se comparado aos jovens de classe média e alta) desse jovem no mercado de trabalho (Lyra da Fonseca, 1997). O projeto de autonomia da juventude carrega a marca da diferença socioeconômica e da diferença em relação ao sexo. Se, para o rapaz das classes populares, o projeto de autonomia vem da inserção precoce no mercado de trabalho, para a moça esse projeto se concretiza, na maioria das vezes, a partir da constituição de uma nova família, casando-se e/ou tendo filhos (Lyra da Fonseca, 1997).

A inferência feita neste estudo é a de que os participantes tenham hoje uma baixa renda familiar em função do seu precário nível de instrução, que os obriga a precocemente entrar no mercado de trabalho e, pela responsabilidade assumida, ser socialmente reconhecido como adulto. Há de se considerar que como a provisão material é uma importante dimensão do papel masculino e de pai, essa dimensão também terá influência na expressão do apego em pais. Essa informação foi encontrada no Estudo I, na revisão de literatura sobre o apego em pais e no Estudo II, na realização das entrevistas em profundidade para conhecer o conceito de apego dos pais. A caracterização dos participantes revela outras informações importantes, que, mesmo antes da realização da análise do instrumento elaborado, nos ajudam a refletir sobre a formação do apego em pais.

Os participantes deste estudo são adultos jovens, a maioria está tendo o seu primeiro filho, de uma gravidez desejada, em uma relação que avaliam como boa, além da coabitação com a mãe. É importante que os participantes deste estudo, em sua maioria, apresentem tais características, pois essas são variáveis que a literatura científica aponta como promotoras da formação do apego em pais, desde a gestação até o puerpério. Provavelmente, a presença dessas características influencia na direção de respostas mais para os extremos dos itens do instrumento.

É interessante observar que os pais, participantes da entrevista em profundidade do Estudo II, apontaram como fatores promotores do apego a participação durante a gestação e o desejo de ser pai. O desejo de ser pai foi afirmado pela maioria ao responder o questionário, identificando-se aqui um fator promotor do apego no puerpério. Quanto à participação na gestação, infere-se que ela foi realizada a partir da informação de que os pais do presente estudo coabitam com a mãe do bebê. Nas entrevistas, os pais relataram que a participação durante a gestação pode se dar de diversas maneiras, interagir com a criança mexendo na barriga da mãe é um dos exemplos.

Cardoso, Souto & Oliveira (2006) afirmam que a participação ativa do pai durante a gestação contribuirá tanto para a formação do vínculo com o bebê quanto para o exercício do papel. Castoldi (2002) afirma que essa participação facilita a formação do vínculo pai-bebê, pois provoca um gradativo envolvimento dos homens nos cuidados com as crianças (Mello de Carvalho, 2003). Além disso, o desejo já existente de ser pai contribui tanto para uma reação positiva ao saber da notícia da gravidez da parceira quanto para a facilitação da formação do apego. O desejo comum do casal em expandir suas famílias se revela como um fator promotor do apego entre pais e filhos, na medida em que traz para o casal a sensação de estarem “mais completos” como família e conscientes das responsabilidades atribuídas nessa nova etapa de suas vidas (Guimarães e Monticelli, 2007). Mais uma vez, observamos que esse é um importante fator promotor do apego pai-bebê, porque o homem precisa tanto quanto a mulher desejar a parentalidade, como em um exercício de preparação para assumir esse papel (Silva & Piccinini, 2009).

De forma geral, os participantes deste estudo apresentaram características homogêneas quanto à escolaridade, renda, desejabilidade da gravidez, tipo de família em que vivem e avaliação do relacionamento com a parceira. Há que se considerar a possibilidade de que a presença desses fatores – considerados promotores do apego em pais – influenciem nas respostas do instrumento, o que evidencia uma formação mais saudável do apego pai-bebê.

7.5.2 Propriedades Psicométricas do Instrumento

O emprego da análise fatorial – método estatístico multivariado – permite analisar a relação entre as múltiplas variáveis, através da definição de um conjunto de dimensões chamadas de fatores. O objetivo da análise fatorial é reduzir o número de variáveis que explicam o construto ao condensar essas informações em fatores, que facilitam a interpretação das análises realizadas e a determinação do grau em que cada variável se relaciona com o

fator em questão. O que permite ao pesquisador analisar e interpretar a relação entre as variáveis e seu agrupamento em determinado fator. O passo seguinte é nomear cada fator e discorrer sobre o quanto cada fator é capaz de explicar o construto avaliado pelo instrumento.

A forma como os fatores se organizaram constituíram duas dimensões do apego em pais no puerpério: os “Investimentos do pai no bebê” e as “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”. Os nomes das dimensões foram atribuídos pela pesquisadora após análise e interpretação dos itens que compuseram cada fator. As duas dimensões foram bem avaliadas em seu aspecto estatístico, revelando tanto boa consistência interna quanto validade de construto, de modo que o instrumento de fato avalia o que se propôs a avaliar (o apego em pais no puerpério) e que os itens possuem relação entre si.

No presente estudo, foi efetivado o processo de validação de um instrumento, uma vez que procedimentos empíricos foram realizados para provar cientificamente a validade dele. A validade de construto do instrumento foi obtida conforme foram alcançadas medidas, que indicam a pertinência do teste ao construto que se pretende medir. Segundo Pasquali (2007), a validade é entendida como a propriedade de um teste estar de fato representando um construto (traço latente), que é o objeto que o teste pretende medir e é o referente em função do qual a qualidade do teste deve ser avaliada.

Pasquali (2007) conclui seu artigo, sobre o conceito de validade em testes psicológicos, afirmando que “o construto é o referencial para os resultados de um teste. Se estes são reais, então o referencial também deve ser real. Do contrário fica estranho se dizer, por exemplo: o teste X mede inteligência, mas inteligência não existe. As duas afirmações não podem ser simultaneamente verdadeiras. Uma delas é falsa. Como os resultados do teste X são reais, então o construto medido existe” (Pasquali, 2007, p. 106).

É com base nessa perspectiva que o construto apego em pais no puerpério é medido pelo instrumento elaborado no presente estudo, em nível ontológico isso significa que o

construto de fato existe. Maroco e Garcia-Marquez (2006) afirmam que um construto nunca pode ser comprovado como correto em termos absolutos, mas sim adotado como a melhor definição de trabalho.

De acordo com os resultados obtidos no presente estudo, é possível afirmar que foi realizada uma boa definição operacional do apego em pais no puerpério, que consiste em comportamentos, sentimentos e expectativas expressos em termos de: busca por proximidade física (interações com o bebê); desejo de investir no bebê (diretamente, inclusive pela provisão financeira ou indiretamente cuidando da mãe); participação nas decisões que envolvam o bem-estar do bebê e o desejo de ser pai.

A partir da validação do instrumento elaborado, é possível defender que o apego em pais no puerpério é definido como um conjunto de sentimentos e atitudes que se dirigem do pai para o bebê, mas que é mediado por outras relações, como a relação com a mãe do bebê (que facilita ou dificulta o estabelecimento do apego). O apego em pais tem componentes atitudinais e afetivos: os atitudinais se referem a busca por informação sobre o bebê; busca por proximidade física; provisão financeira e a realização de cuidados diretos com o bebê ou com a mãe do bebê. Os afetivos referem-se ao sentimento de orgulho que permeia a relação; a intenção de estar presente ou de prover financeiramente (mesmo quando não é possível) e as expectativas do pai quanto ao bebê (especificamente, a expectativa de uma boa relação com o bebê).

O conceito de apego validado neste estudo apresenta semelhanças com o conceito de apego de Bowlby (1969/1990), na medida em que traz como um dos aspectos definidores do apego a busca por proximidade com o bebê. Essa congruência com a Teoria do Apego também foi observada por Canavarro, Dias e Lima (2006) em estudo de revisão crítica sobre o uso da Escala de Vinculação do Adulto na população portuguesa, no qual concluíram haver uma similaridade de características emocionais entre a vinculação na idade adulta e a

vinculação durante a infância. Já que em ambas as fases os sentimentos associados à ativação dos comportamentos de vinculação são os mesmos: propriedades motivacionais para dirigir a atenção e protesto quando há separação. Assume-se que o desejo de ser pai nesse momento da vida é um dos fatores motivacionais para estabelecimento do vínculo, que vai se expressar na busca de proximidade (e na ansiedade ou raiva quando há ausência).

Contudo, o conceito de apego apresentado no presente estudo vai além da semelhança estabelecida com a Teoria do Apego, pois se diferencia ao acrescentar à definição características específicas do apego em pais, que remetem tanto ao papel social do pai quanto ao momento específico do puerpério (em que as interações com o bebê são geralmente limitadas).

A interação entre esses diversos elementos resulta no estabelecimento do apego na relação pai-bebê, que começa a se formar de maneira mais sólida no puerpério. Nessa definição de apego em pais percebe-se a presença de variáveis situacionais, como o apoio social (e o tipo de relacionamento com a parceira, que também se configura como uma forma de apoio social) e o desejo de ser pai no momento atual da vida.

No entanto, não se pode deixar de considerar que fatores do indivíduo também estão presentes na construção do apego, pois assumindo-se os pressupostos da Teoria do Apego, os modelos de apego internalizados continuam presentes ao longo de todo o ciclo de vida e se tornam mais evidentes na vida adulta. Nas fases iniciais da vida, esses modelos possibilitam à criança interpretar e prever o comportamento da figura de vinculação, que durante a adolescência e idade adulta teriam a função de orientar o comportamento do indivíduo (Bowlby, 1969/1990). Assim, assume-se que os modelos internalizados de apego do pai se expressam por meio de suas atitudes, sentimentos e expectativas.

No entanto, é importante destacar que o instrumento elaborado se propõe a identificar a formação do vínculo pai-bebê, e não a avaliar os estilos de apego estabelecidos. Neste

estudo partiu-se da concepção de apego de Bowlby (1990) para as formulações iniciais sobre o construto em questão, considerando que sua perspectiva teórica deu maior importância às interações da díade nos primeiros dias de vida como fundamental para a construção do apego. Considera-se que, no presente estudo, foi realizado um avanço teórico em relação a isso, na medida em que entende que as interações da díade pai-bebê são consideradas importantes para construção do apego, mas vai além ao vislumbrar de forma mais contemporânea a formação desse vínculo e incluir outros aspectos além das interações. De forma a contemplar aspectos de grande importância para a formação do vínculo pai-bebê, como o desejo de ser pai, a participação na gestação, o investimento no cuidado à mãe do bebê, entre outros.

Em sua perspectiva teórica, Bowlby (1990) estava interessado em conhecer a formação do apego na criança e afirmava que o fator motivador para o estabelecimento do apego era a necessidade de sobrevivência da criança. Porém, o apego em adultos é formado de maneira diferente do infantil, já que a necessidade de sobrevivência não está mais em jogo. No caso dos pais do presente estudo, foi revelado que fatores como o desejo de ser pai, o bom relacionamento com a parceira, o fato de trabalhar e possuir renda e de ter bom apoio social são motivadores da formação do apego pai-bebê nos primeiros dias de vida.

De tal modo, todos esses fatores são importantes para a compreensão do apego pai-bebê, revelados a partir do processo de validação realizado no presente estudo, e levam à conclusão de que para realizar a avaliação do apego em pais no puerpério, a observação das suas interações com o bebê não se mostra suficiente no cumprimento desse propósito. Vyllachan-Lyra (2012) afirma que os instrumentos padronizados geralmente não são uma boa opção para realizar a avaliação do apego, pois direcionam “o foco de investigação do apego para uma concepção caracteristicamente individual e estável” (Vyllachan-Lyra, 2012, p. 133). Em seus trabalhos, a autora opta pelo uso preferencial de métodos observacionais. Pois, apesar de os instrumentos padronizados oferecerem a vantagem de identificar diferenças

individuais e estabelecer uma relação de predição entre os padrões de apego da criança ao longo do seu desenvolvimento, os métodos observacionais são capazes de ressaltar o caráter relacional e dinâmico dos padrões de apego.

Apesar de considerar que os diferentes métodos utilizados para a avaliação do apego trazem vantagens e desvantagens, no presente estudo o instrumento elaborado para avaliação do apego em pais se mostrou eficaz, com boa validade e fidedignidade. Desse modo, defende-se a tese de que, nesse caso, métodos observacionais não contemplariam todos os aspectos envolvidos na formação dessa relação, visto que eles vão além da observação da interação pai-bebê e contemplam fatores como a intenção de prover financeiramente, as expectativas com relação ao bebê e os sentimentos envolvidos desde a descoberta da paternidade.

Avaliar o apego em pais apenas pela observação das suas efetivas interações seria insuficiente, pois é preciso considerar que os pais apresentam uma série de impossibilidades para estar presente e, efetivamente, realizar os cuidados com o bebê nos primeiros dias de vida. São barreiras que podem ser impostas pela própria mãe e/ou mulheres da família, que desacreditam na capacidade do pai em realizar os cuidados com o bebê pela sua inexperiência e desconsideram sua vontade de estar presente e aprender. Bem como das barreiras impostas pelas equipes de saúde, que à revelia da lei federal que permite que a paciente escolha seu acompanhante durante o parto e o pós-parto, estabelecem regras institucionais que só permitem a permanência de mulheres como acompanhantes da mãe no puerpério. Além das barreiras que são impostas pelo seu próprio trabalho, uma vez que o cumprimento da licença paternidade nem sempre é garantido em todos os empregos, principalmente nos informais, como é o caso da maioria dos participantes do presente estudo.

Diante das dificuldades apontadas, afirma-se que os comportamentos e interações observáveis são apenas um dos aspectos que revelam a formação do apego. É preciso levar em conta as intenções do pai em participar da gestação e do puerpério, ainda que não consiga

efetivamente estar presente. É preciso considerar suas expectativas com relação ao bebê, pois quando observamos que o homem já desejava a paternidade naquele momento da vida, o vínculo com o bebê se constrói com facilidade, posto que a criança já possui um lugar na sua vida. É preciso ter em consideração que os sentimentos de orgulho com a paternidade revelam a formação do vínculo, portanto, o pai se sente competente para cuidar do filho e o reconhecimento social dessa competência auxilia no estabelecimento do apego.

Neste estudo, foi possível correlacionar a percepção de apoio social dos pais com os seus escores no instrumento, o que evidencia que boas avaliações do apoio social se correlacionaram com altos escores no instrumento (que indicam a formação do apego saudável). Faz-se mister esclarecer que o intuito não é estabelecer uma padronização do instrumento, mas ressaltar a importância desse dado, tanto para a compreensão teórica da construção do apego em pais quanto para a reflexão sobre práticas que possam promover esse vínculo.

O dado acima aponta caminhos para algumas reflexões teóricas, uma delas é que não se pode conceituar o apego em pais distanciando-se do papel e das atribuições sociais do pai. No presente estudo ficou evidenciado que uma das formas pelas quais os pais expressam o apego pelo bebê é pelo desejo de provê-lo financeiramente, o que está completamente atrelado ao papel tradicional do pai em nossa sociedade ocidental, no qual se espera que o pai seja o provedor financeiro e a autoridade do lar.

A outra reflexão que se faz é sobre a necessidade do pai em se sentir reconhecido na sua competência parental, para se permitir viver de forma mais intensa a relação com o bebê. À medida que a família e os amigos o apoiam durante a gravidez e reconhecem nele a competência para cuidar – seja em termos financeiros, de responsabilidade ou de efetivos cuidados na interação com o bebê – o apego vai gradualmente se formando e se consolidando,

o que facilita a abertura do pai para maiores interações com o bebê, que fortalecerão ainda mais o vínculo.

Como já dito, os dois pontos de reflexão levantados revelam que a formação do apego em pais está intrinsecamente relacionada com o papel de pai vigente em nossa sociedade. Embora considere-se que esse papel vem sofrendo transformações nas últimas décadas, o pai deixa de ser exclusivamente provedor financeiro e autoridade do lar, já que tem sua entrada favorecida nos espaços domésticos, nas atividades da casa e no cuidado com os filhos. Certamente, tais mudanças provocam mudanças na forma como o apego é estabelecido entre o pai e o bebê, portanto, quanto mais espaços forem abertos para maiores interações pai-bebê no período crucial da formação do apego (até o 3º mês de vida do bebê, como aponta Bowlby, 1990) mais mudanças serão observadas na formação e consolidação desse vínculo, já que para se estabelecer o apego são necessárias interações regulares e de qualidade que o pai poderá desenvolver (Bowlby, 1969/1990).

Faz-se necessário esclarecer que quando a autora fala, neste trabalho, em abrir espaços para a entrada do homem, não existe nenhuma tentativa de direcionar culpa às mulheres pelas limitações das interações pai-bebê. Nem se trata, muito menos, de vitimar os homens como excluídos passivamente desses espaços e das tarefas culturalmente atribuídas às mulheres. De fato, uma das intenções do presente trabalho é identificar os fatores promotores do apego em pais para propor atuações nesse sentido. Assume-se a perspectiva de que a inserção dos pais nas atividades de cuidado com o filho, desde a gestação e passando pelo puerpério, não deve se dar de forma parcimoniosa, como um mero ajudante da mulher na tarefa que lhe é atribuída. A perspectiva da autora é justamente o contrário: é a de que os homens são tão responsáveis quanto as mulheres pelos cuidados com a vida do seu filho em todas as etapas, de que as barreiras impostas a sua participação são fundamentadas em noções culturais de que homens não sabem cuidar de bebês (pois não existe, de fato, uma inabilidade) e de que as

melhores acompanhantes para as mães no pós-parto são outras mulheres com experiência de cuidado.

Essas barreiras de origem cultural não têm mais se confirmado na atualidade, uma vez que o presente estudo revelou que os homens estabelecem uma relação de apego com o filho nos primeiros dias de vida. Portanto, desejam se aproximar do bebê, realizar os cuidados e participar das decisões sobre o filho. Conclui-se que esse desejo deve ser potente para o estabelecimento de uma relação com o filho, derrubando construções culturais de que o pai não é competente para o cuidado. Ainda que sem habilidade inicial, deve-se abrir espaço para sua interação, pois à medida que o pai interage e cuida do bebê e aprende a realizar tais atividades, o apego é construído.

É necessário relembrar que o que se pretende ao propor a elaboração de um instrumento de verificação do apego no puerpério é apontar que: 1) os homens, de fato, estabelecem uma relação de apego com o bebê logo nos primeiros dias de vida; 2) quanto mais ele interagir com o seu filho mais o apego se fortalece; 3) para isso, ele precisa ser apoiado e reconhecido na sua competência de cuidado, mesmo que aprendendo à medida em que realiza as atividades.

A partir das evidências obtidas neste estudo, é possível pensar sobre estratégias de ação que derrubem as barreiras de origem cultural à participação masculina, todavia por considerar que elas são desdobramentos da pesquisa, serão melhor discutidas na seção de considerações finais.

Dando continuidade à discussão sobre o processo de validação do instrumento, considera-se que os itens eliminados da versão final do instrumento também são importantes para a compreensão do processo de construção de itens e da operacionalização adequada do construto em avaliação, por isso serão discutidos a seguir.

Quanto aos itens que saturaram em mais de um fator ou não tiveram uma boa carga fatorial, apesar de descartados da versão final do instrumento são considerados importantes para a compreensão do processo de construção de itens e da operacionalização adequada do construto em avaliação.

Para a construção do instrumento, levou-se em consideração a categoria que se refere ao desejo de ser pai. De modo que itens foram elaborados na tentativa de operacionalizar essa dimensão do apego em pais no puerpério. Alguns itens (1 e 3) questionavam de forma geral sobre o desejo de ser pai e foram eliminados; outros especificavam a pergunta sobre o desejo de ser pai direcionando para o momento atual da vida, esses permaneceram na versão final do instrumento. Esse exemplo revela que tratando-se da avaliação do apego em pais no período específico do puerpério, o desejo da paternidade deve ser explorado como uma variável que contribui para a expressão do apego se considerado o momento atual de vida do homem, isto é, se ele desejava ser pai dessa criança nesse momento da sua vida.

Nesse sentido, uma vez que se pretenda avaliar a relação de apego construída no momento em que os dados são coletados (no puerpério), as perguntas devem ser direcionadas para esse momento, para essa relação específica. A Teoria de Bowlby (1969/1990) já apresentava como uma das características do conceito de apego a especificidade, que diz respeito ao comportamento de apego ser dirigido a apenas alguns indivíduos específicos. Logo, uma pergunta abrangente sobre o desejo de ser pai não é capaz de avaliar a relação específica que se constrói no momento do puerpério, em que pai e filho estabelecem as primeiras interações.

Os itens que avaliavam a participação dos pais nas consultas pré-natal ou o desejo de acompanhar (5, 6 e 8), ainda que impossibilitado, foram eliminados da versão final do instrumento, assim como o item 14 que avaliava o desejo do pai de assistir ao parto. Infere-se que os participantes tenham respondido a esses itens considerando apenas se realizaram ou

não as atividades e desconsiderando sua intenção ou desejo de participar desses momentos. Por consequência, os itens não evidenciaram correlação suficiente com a avaliação do apego em pais.

Acredita-se que o item 34, que avaliava se o pai se imaginava participando dos cuidados iniciais do bebê, também tenha sido eliminado da versão final do instrumento pelas mesmas razões, ou seja, por não ter sido considerada, pelo respondente, a sua intenção ou desejo de participar dos cuidados. No momento da resposta, os participantes, de forma geral, podem ter levado em consideração as dificuldades, que já vislumbravam para a realização desses cuidados nos primeiros dias, e terem respondido considerando suas impossibilidades, muito mais do que o desejo ou a intenção de participar.

O item 30 investigava se o pai realizou tarefas comumente feitas pela mãe, quando ela não pôde mais devido à gestação. Não é possível dizer que este tenha sofrido influência da desejabilidade social, pois os participantes respondiam com franqueza que não haviam realizado as atividades. Ressalta-se que, embora esse item tenha sido eliminado, em alguns casos foi interessante observar que a pergunta provocava no pai uma reflexão sobre suas atitudes. Alguns deles respondiam francamente que não haviam ajudado nas tarefas, mas que naquele momento, em que estavam pensando sobre isso, decidiram-se por realizar tais atividades ao chegar em casa.

O item 12 avaliava o sentimento de felicidade ao descobrir que seria pai, apesar de a maioria dos pais ter avaliado como boa ou ótima sua reação ao descobrir a gravidez da parceira, esse item não se revelou uma boa operacionalização do construto ou estar relacionado com a expressão do apego em pais durante o puerpério. Essa eliminação pode ser compreendida levando-se em conta o que afirmam Hoga e Reberte (2009) e Levandowski e Piccinini (2006) sobre os sentimentos do pai em relação à gravidez, que são de surpresa e abalo na descoberta, mas se transformam em orgulho e felicidade ao longo do tempo. O que

evidencia que os pais também passam por adaptações e precisam de preparação para assumir a paternidade. Desse modo, ainda que o pai não tenha se sentido feliz na descoberta da gravidez da parceira, outros fatores durante a gestação e o parto podem ter promovido a formação do apego no puerpério.

Em geral, esses fatores promotores do apego ocorrem mais próximos do parto, como ao sentir os movimentos fetais – fator que contribui para o início da experiência da paternidade – e que acontece apenas no último trimestre da gestação (Freitas, Coelho & Silva, 2007; Munhoz, 2006). Dessa maneira, o item que avalia o sentimento do pai na descoberta da gravidez pode não ter sido correlacionado com o apego no puerpério, por ser um fato já distante do momento em que os dados foram coletados.

O item 23 que afirmava “Imagino que as coisas não irão mudar na minha vida após o nascimento do bebê”, eliminado da versão final do instrumento, foi elaborado em complementaridade ao item 22 “imagino que a minha vida passará por mudanças ruins após o nascimento do bebê”. O intuito deles era avaliar se o nascimento do bebê já ocupava algum lugar nos planos do pai, e em caso afirmativo, se vinha carregado por afetos negativos, indicando que a formação do apego poderia ser prejudicada. É interessante notar que o item 22 permaneceu na versão final do instrumento associado à dimensão do apego intitulada “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”, porque se refere às expectativas do pai após o nascimento do filho. Infere-se que o item 23, apesar de se propor a avaliar o mesmo aspecto citado acima, tenha sido eliminado por ter sido elaborado de forma abrangente, não direcionada à relação de apego pai-bebê no puerpério. Acredita-se que as mudanças na vida do homem podem ocorrer ainda que não sejam motivadas pelo apego ao filho, e sim por qualquer outro fator; assim, o item não estaria necessariamente relacionado ao apego pai-bebê no puerpério.

O item 16 que afirmava “Acredito que o sentimento que tenho hoje pelo bebê ainda vai crescer” também foi eliminado da versão final do instrumento, a sua elaboração tinha a intenção de avaliar as expectativas do pai quanto ao futuro dessa relação, cuja construção havia sido iniciada no puerpério, momento da coleta de dados. A mesma intenção estava presente na elaboração do item 45 também eliminado, que afirmava “Eu acredito que meu bebê também vai se sentir apegado a mim”. Os planos para o futuro do filho foi um aspecto evidenciado nas entrevistas realizadas no Estudo II, quando os pais afirmaram saber que estavam apegados ao bebê, porque faziam planos para essa relação, acreditando que à medida que o bebê crescesse e se desenvolvesse, poderiam interagir diretamente com o filho e, assim, o apego só tenderia a se fortalecer.

Assume-se que essa é uma forma válida e significativa da expressão do apego em pais no puerpério, já que esse é um período em que a interação com o bebê é geralmente limitada ou mediada pela mãe. A expressão do apego se dá através do sonho de poder interagir diretamente com a criança quando ela for maior, o que fortalece a relação entre eles. Admite-se a hipótese de que a ideia que o item intencionava expressar não tenha sido compreendida, ou que o próprio item não tenha sido bem elaborado de forma a expressar claramente sua intenção, o que contribuiu para sua eliminação do instrumento.

O item 32 “Eu me preocupo quanto ao apoio financeiro que eu posso dar ao bebê” também foi eliminado, esse item já revelou problemas de compreensão na etapa de coleta de dados, visto que os pais se detinham à expressão “me preocupo” e a interpretavam com algo que os deixava estressados ou abalados; quando de fato, o item pretendia avaliar a intenção do pai em prover financeiramente o bebê. O item 51, que foi elaborado em complementaridade a esse e afirmava “Acredito que vou cuidar financeiramente do meu bebê” permaneceu na versão final do instrumento. Infere-se que o item 51 tenha sido elaborado como sugerido por Pasquali (2010), de forma modal e sem a expressão de emoções muito intensas. Isso permite

que a intensidade se dê na resposta do entrevistado, o que além de gerar uma maior variabilidade de respostas, está associado à qualidade do item. Infere-se, então, que o item 32 tenha sido eliminado por ter sido elaborado de forma extremada, gerando respostas muito semelhantes entre os participantes e com uma tendência a rejeição da afirmação.

A mesma inferência se dá para a eliminação do item 38, que afirmava “Não tenho desejo de ajudar financeiramente nos gastos com o bebê”, também elaborado de forma extremada, o que gerou respostas muito semelhantes com tendência à uma forte rejeição da ideia expressa pelo item. O item 43 que afirmava “Não me sinto preocupado com o bem-estar da mãe do bebê” também foi eliminado, pois se acredita que tenha sido elaborado de forma que os participantes tenham, em sua maioria, rejeitado a ideia expressa pelo item, o que gerou pouca variabilidade de respostas e interferindo na qualidade do item.

Os itens 44, 47, 49 e 50 afirmam, respectivamente: “Sinto que meu bebê também se sente apegado a mim”; “Sinto-me feliz quando estou na presença do meu bebê”; “Dou carinho ao meu bebê quando estou com ele” e “Sinto vontade de colocar o bebê no colo” foram eliminados da versão final do instrumento, porque se observa que todos eles se referem à interação do pai com o bebê nos primeiros dias de vida. Há que se considerar que a maioria dos participantes da pesquisa respondeu ao instrumento após uma única visita ao bebê, alguns deles nem o haviam visitado ainda, pois responderam ao instrumento na ocasião do registro civil da criança. Esse procedimento de coleta foi delineado para se obter uma amostra composta por pais que já expressavam indicativos da formação do vínculo (a partir da visita ao bebê na maternidade) e pais que não apresentavam, à princípio, tais indicativos.

Fica, então, evidenciado quão delicado é o processo de elaboração de um instrumento capaz de avaliar o apego em pais durante o puerpério, que atenda as exigências de possuir itens que contemplem a expressão do apego saudável (avaliando a qualidade e quantidade das

interação pai-bebê) e possua itens capazes de identificar quando esse apego ainda não foi estabelecido, como no caso de pais que não buscam a proximidade física no puerpério.

Os itens citados acima podem ter sido excluídos do instrumento porque supõem um grau de interação maior do que o experimentado pela maioria dos participantes, no momento da coleta de dados. Ainda que tenham sido adotados procedimentos para haver uma maior variabilidade de participantes quanto à avaliação do apego pai-bebê, as respostas foram homogêneas na maioria dos itens, o que pode ter gerado respostas muito semelhantes e que impactou na avaliação da qualidade dos itens.

No presente estudo, as evidências sobre a fidedignidade do instrumento foram verificadas através da análise de consistência interna. A fidedignidade, ou a precisão de um teste, diz respeito à característica que ele deve possuir de medir sem erros; de modo que o mesmo teste, medindo os mesmos sujeitos em ocasiões diferentes, produza resultados idênticos. Segundo Pasquali (2010), existem duas grandes técnicas estatísticas para decidir a precisão de um teste: a correlação e a análise da consistência interna. A técnica da correlação é utilizada no caso do teste re-teste e das formas paralelas de um teste.

Uma vez que não é possível reencontrar os sujeitos participantes do presente estudo, outra possibilidade sugerida por Pasquali (2010) para verificação da fidedignidade do instrumento é utilizá-lo junto a testes equivalentes, medindo os mesmos sujeitos na mesma ocasião e produzindo resultados idênticos. Como ainda não existem instrumentos que avaliem o apego paterno no puerpério validados e adaptados para realidade brasileira, não seria possível adotar tal procedimento para a verificação de fidedignidade.

Para o caso da análise da consistência interna existe um complexo de técnicas estatísticas, sendo a mais comumente aceita a do coeficiente *alpha de Cronbach*, que permite sua utilização quando o teste é aplicado em uma única ocasião. A análise de consistência interna trata-se de uma estimativa da precisão que supõe que se os itens se entendem e

covariam na dada ocasião da aplicação do teste, então irão se entender em qualquer outra ocasião de uso do teste (Pasquali, 2010).

A medida do *alpha de Cronbach* do instrumento foi realizada na sua versão com 31 itens, com obtenção de valor considerado bom (0,799). Para a interpretação desses resultados, Pasquali (2010) afirma que há um consenso entre os autores de que um *alpha de Cronbach* abaixo de 0,7 é inaceitável. No entanto, em alguns cenários de investigação das ciências sociais um alpha acima de 0,60 pode ser considerado desde que os resultados obtidos sejam interpretados com devida precaução, pois os níveis de confiabilidade recomendados por diversos autores devem servir como base de partida e não como critério definitivo de classificação.

O índice alpha estima o quão uniformemente os itens contribuem para a soma não ponderada do instrumento, em uma variação de escala de 0 a 1. Essa propriedade é conhecida por consistência interna da escala, pois quanto mais elevadas forem as correlações entre os itens, maior é a homogeneidade dos itens e a consistência com que medem a mesma dimensão ou constructo teórico. Por outro lado, a consistência interna estima a confiabilidade de um instrumento, porque quanto menor é a variabilidade de um mesmo item numa amostra de sujeitos, menor é o erro de medida associado que este possui.

Nesse sentido, como está em jogo a variabilidade do item para a análise de consistência interna, procedeu-se à análise da relação dos 31 itens com a escala inteira. O resultado obtido foi que os itens que apresentam melhores correlações com a escala são os itens 40, 41, 35 e 51, que se referem às seguintes afirmativas, respectivamente: “Eu me preocupo com o bem-estar do bebê quando estou distante”; “Eu me preocupo com o bem-estar da mãe quando estou distante”; “Eu sinto vontade de estar próximo fisicamente ao bebê durante os primeiros dias”; e “Acredito que vou cuidar financeiramente do bebê”.

Todos os itens acima pertencem ao Fator 1, denominado “Investimentos do Pai no bebê”. Da mesma forma que os itens representam bem a escala como um todo, o Fator 1 apresentou melhor valor de *alpha de Cronbach* quando comparado ao Fator 2, em uma indicação de que seus itens apresentam melhor associação com a escala. Além disso, como já discutido anteriormente, os itens que compuseram o Fator 1 se aproximam muito do conceito de apego de forma geral, definido pela Teoria do Apego (Bowlby, 1969/1990), pois trazem a noção de busca por proximidade física e ansiedade na separação da figura de apego. É interessante notar a presença de dois itens que avaliam a especificidade do apego em pais no puerpério, um se refere ao cuidado do pai com a mãe, para que ela possa cuidar bem do bebê, já que, muitas vezes, ele se julga despreparado para oferecer tais cuidados ou não tem possibilidade de realizá-los. O outro refere-se à intenção de prover financeiramente o bebê, revelando que o apego em pais está intrinsecamente relacionado com o papel de pai emergente na nossa sociedade. Assim, reforça-se o quanto os aspectos representados por esses itens são capazes de avaliar o apego em pais no puerpério.

Sobre a análise dos itens, observou-se que se os itens 26, 28 e 29 fossem eliminados, o *alpha de Cronbach* da escala cairia para 0,660 (em vez do atual 0,799), isso releva o quão fortemente esses itens estão associados à escala. Os itens pertencentes ao Fator 2, intitulado “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê” afirmam: “Eu ajudei a mãe do bebê a se preparar para o parto (buscando informações sobre o procedimento, me preocupando com seu bem-estar) ”; “Eu conversava, ou contava histórias, ou cantava para o bebê ainda na barriga” e “Eu ajudei a organizar o enxoval do bebê”. Apesar de o Fator 2 ter apresentado um *alpha de Cronbach* menor que o Fator 1, também apresenta itens que avaliam muito bem o construto. De tal modo, o apego em pais durante o puerpério está ligado à relação que o pai já estabelecia na gestação, ao demonstrar interesse em buscar interação com o feto e participar das decisões que envolvem o bem-estar dele e da mãe, o que corrobora com os dados da

literatura científica, de que fatores como a desejabilidade da paternidade e a interação com o feto desde a gestação são promotores do vínculo no puerpério e atuam como uma preparação do pai para o exercício da paternidade, já que se sente mais à vontade para interagir com o bebê e ser reconhecido na sua competência do cuidado (Cardoso & Oliveira, 2006; Mello de Carvalho, 2003).

Maroco e Garcia-Marques (2006) discutem que alguns fatores afetam a magnitude do índice de fidedignidade, como a variabilidade e a simetria da distribuição das respostas. No presente estudo, observou-se que as respostas dos participantes foram homogêneas, tendendo para os extremos da escala. Portanto, o fator variabilidade das respostas pode ter se configurado como uma influência no índice de fidedignidade do teste.

Todas as características dos contextos de coleta de dados que estejam, direta ou indiretamente, relacionadas com uma maior variabilidade observada nas respostas (quer intra sujeito quer inter sujeitos) afetam igualmente o valor do índice de *Cronbach*. De uma forma geral, quanto menor a variabilidade das respostas intra-sujeitos e maior a variabilidade das respostas inter-sujeitos, maior o *alpha de Cronbach*. No presente estudo, as respostas intra-sujeitos tiveram baixa variabilidade, bem como as inter sujeitos, o que pode ter contribuído para que a consistência interna não fosse considerada boa em uma das metades do instrumento.

Um dos fatores que pode ter provocado homogeneidade nas respostas (tendendo sempre aos extremos) foi a maioria dos dados ter sido coletada quando os sujeitos estavam na maternidade – por ocasião da visita ao recém-nascido ou do registro civil do filho. Qualquer uma dessas atitudes do pai se revelam como um fator que expressa a formação do vínculo pai-bebê. De tal modo, o local de coleta de dados pode ser identificado como um fator que contribuiu para que a maior parte dos participantes já tivesse estabelecido um apego saudável com o bebê, o que explicaria a tendência a respostas nos extremos da escala.

Além disso, o fato de os indivíduos tenderem a respostas nas extremidades pode se dever a forma de aplicação do instrumento. Uma vez que os itens estão elaborados no formato de autorrelato e a escala foi aplicada pela pesquisadora (que lia os itens para o sujeito e marcava as respostas), em alguma medida, isso pode ter causado constrangimento aos sujeitos em afirmar que não se identificavam com aquela frase. Essa forma de aplicação está sujeita ao efeito da desejabilidade social nas respostas dos participantes, quando ele responde o que pensa que o pesquisador espera ouvir. No entanto, tal forma de aplicação do instrumento foi uma sugestão do Comitê de Ética, a fim de evitar possíveis constrangimentos, como solicitar que o próprio participante leia e responda o instrumento e ele não compreenda ou não saiba ler, e sinta vergonha de comunicar ao pesquisador.

Isso indica que a fidedignidade do instrumento pode ser aprimorada revisando a forma de aplicação do instrumento, bem como o local de coleta de dados. De modo a preservar o bem-estar do participante e garantir que não haja constrangimentos na aplicação em estudos posteriores, o instrumento pode ser utilizado no formato de auto aplicação.

Para uma melhor verificação da fidedignidade da amostra, sugere-se que estudos posteriores realizem tal avaliação pelo procedimento teste re-teste ou de formas paralelas. Para a realização do procedimento de teste re-teste, há de se considerar a dificuldade na execução de pesquisas em que é preciso deslocar-se até a casa do participante, de acordo com a sua disponibilidade de horário.

No caso do instrumento elaborado no presente estudo, pesquisas futuras poderão aplicá-lo em dois momentos distintos, porém ainda durante o período do puerpério. Além das inúmeras variáveis que podem atuar no intervalo de tempo entre uma aplicação e outra (maior interação do pai com o bebê, que com o passar do tempo fortalece o vínculo; efeito da repetição da aplicação; possibilidade de retorno do pai ao trabalho; etc.), deve-se considerar que para a realização de procedimentos de validação de um instrumento é necessário um

grande quantitativo de sujeitos. Assim, o procedimento teste re-teste parece um dos menos exequíveis nessa situação.

O procedimento de formas paralelas (ou equivalentes) pressupõe que ao comparar os resultados do instrumento elaborado com os de outro instrumento equivalente, os resultados estejam relacionados, revelando a estabilidade ou consistência da medida. No entanto, até o momento de finalização desta pesquisa, esse procedimento parecia inviável diante da não existência de um instrumento voltado para as especificidades da formação do apego em pais validado para o Brasil. Ainda que existam instrumentos validados para a realidade brasileira que avaliem o envolvimento paterno, eles se referem às interações do pai com a criança em idade escolar e medem o apego a partir de interações pai-bebê, que são impossíveis de serem transpostas para o período do puerpério.

A validade de critério não pôde ser obtida no presente estudo, já que ela é medida utilizando-se um instrumento parâmetro que não estava disponível (validado para realidade brasileira) até o momento da realização desta pesquisa. A validade de critério é indicada, pois ainda que a operacionalização do construto tenha sido um sucesso, a coleta da informação empírica não está isenta de dificuldades, como a definição clara de grupos de critérios nos quais este construto possa ser idealmente estudado (Pasquali, 2010). No presente estudo, tentou-se abarcar uma variedade de homens, na tentativa de realizar a coleta empírica com homens que estavam dispostos a visitar o bebê, evidenciando o vínculo, e outros em que essa vinculação não foi evidenciada. Ainda assim, não é possível garantir que foi constituída uma amostra homogênea, não se sabe, então, se há impacto na validade de critério.

Há uma série de procedimentos para obtenção da validade de critério – o mais comum é a utilização de outros testes disponíveis – que pressupõe que os resultados obtidos por meio de outro teste válido (capaz de prever o mesmo desempenho que o teste a ser validado) sirvam de critério para determinar a validade do novo teste. Pasquali (2010) adverte que

quando não existem testes definitivamente validados para avaliar algum traço latente, a utilização desta validação concorrente (ou de critério) é extremamente precária e que essa situação é comum. Dessa forma, a validade concorrente só faz sentido se existirem testes comprovadamente válidos, que possam servir de critério contra o qual se quer validar um novo teste (Pasquali, 2010).

De toda forma, recomenda-se que estudos posteriores realizem a validade de critério do instrumento elaborado utilizando-se de testes que avaliem o apego em adultos na relação pai-bebê, partindo do pressuposto da Teoria do Apego que afirma que os modelos internos desenvolvidos nas relações com as figuras de apego primárias tendem, em geral, a ser estáveis e se generalizarem em relações futuras (Bowlby, 1969/1990). É preciso atentar que o teste escolhido, efetivamente, avalie o construto apego e não o papel parental, por exemplo. A Escala de Vinculação de Adultos (EVA), após realizada revisão de literatura sobre instrumentos que avaliam apego, pareceu um bom instrumento para ser aplicado concomitantemente ao instrumento elaborado no presente estudo. No entanto, a mesma encontra-se validada apenas para a população portuguesa (Canavarro, Dias & Lima, 2006), ainda necessitando ser validada e adaptada para realidade brasileira.

A amostra de conveniência deste estudo foi constituída, na sua maioria, por pais que estavam casados ou em união estável com o outro progenitor, com mais de 18 anos, majoritariamente trabalhando, sem filhos prévios e com uma gravidez planejada. Algumas dessas influências, além de um provável fator de desejabilidade social, poderão ter contribuído para o relativo enviezamento das respostas para o extremo mais alto da escala, embora não tenham impedido que um menor número de pais respondesse indicando sentimentos negativos ou de indiferença com relação ao bebê.

Genericamente, notas mais altas no instrumento elaborado indicam um estilo de vinculação mais positivo, mas estudos posteriores deverão ser realizados para obtenção de um

padrão *standart* com o qual os resultados possam ser comparados, para estabelecer um ponto de corte e definir níveis de vinculação “saudáveis” e “não saudáveis”. Até o momento, os resultados do presente estudo indicam que um baixo nível de vinculação pode definir-se apenas no sentido estatístico, em termos do grau em que um pai se desvia da média de um grupo “normal” de progenitores.

De forma geral, entende-se que a expressão de validade do instrumento elaborado é adequada, considerando os objetivos iniciais deste trabalho. Embora o instrumento tenha sido construído a partir de uma base teórica (bem delimitadas nos Estudos I e II), não estava descrito de forma operacionalizada na literatura o apego em pais durante o puerpério. A escassez de instrumentos validados para esse público aumentou o esforço de transpor da teoria para a operacionalização do construto. Portanto, a construção de itens que operacionalizam de forma eficaz o construto do apego em pais já é, por si só, inovadora.

Avalia-se que as análises realizadas no presente estudo fazem uma boa avaliação do instrumento e da relação dos itens com o construto avaliado. Contudo, sugere-se que estudos posteriores realizem análises individuais ulteriores, com o objetivo de verificar outras características que os itens devem apresentar dentro de um instrumento, como dificuldade e discriminação.

A dificuldade se refere à magnitude do traço latente que o sujeito deve possuir para poder aceitar o item. Quanto maior a magnitude do traço exigida para aceitar o item, mais difícil ele será considerado. A discriminação diz respeito à capacidade do item de distinguir sujeitos com magnitudes diferentes do traço latente. Quanto mais próximas forem as magnitudes do traço que o item puder diferenciar, mais discriminativo ele será (Pasquali, 2010).

A Teoria de Resposta ao Item (TRI) traz técnicas estatísticas que fazem uma boa análise desses aspectos dos itens. Existem vários modelos matemáticos na TRI, mas para

verificação das características dos itens do instrumento elaborado sugere-se o modelo Logístico de dois parâmetros, que avalia dificuldade e discriminação dos itens, assumindo que não haja respostas dadas ao acaso.

A indicação de que pesquisas posteriores utilizem o instrumento e realizem outras análises estatísticas tem por objetivo obter maiores evidências de validade, uma vez que Pasquali (2010) adverte que só o uso repetido do instrumento com diferentes amostras nos indica algo sobre a validade do processo inferencial. Um instrumento que repetidamente gera dados confiáveis pode dizer-se, com maior confiança, confiável.

Considera-se a elaboração do presente instrumento, que demonstrou evidências de validade, um importante passo nas discussões sobre o apego em pais durante o puerpério, sobre a maneira que ele é expresso e quais fatores o influenciam. Construir um instrumento capaz de verificar de forma válida o apego em pais, já é um grande avanço em um terreno científico que ainda volta suas atenções para o processo de apego mãe-bebê. Certamente, o estudo de fatores que contribuem para a formação do vínculo pai-bebê no puerpério contribui para uma melhor compreensão da relação parental, além de sugerir intervenções em saúde que visem a promoção desse vínculo.

Correlação das Variáveis do questionário com o Instrumento

A partir do cálculo do escore de cada dimensão do instrumento, foi possível estabelecer correlações com algumas variáveis do questionário estruturado. No entanto, cabe mais uma vez afirmar que a obtenção dos escores de cada dimensão do instrumento não corresponde a uma standardização do mesmo, serve apenas de base para o estabelecimento das correlações aqui discutidas.

Quanto à renda dos pais, essa variável foi categorizada em função do número de salários mínimos recebidos. Para o fator 1, intitulado “Investimentos do Pai no bebê”, pais

com renda de até um salário diferiram de pais com renda entre quatro e cinco salários e de pais com renda acima de seis salários. Para o fator 2, intitulado “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos aos bebês”, pais com renda de até um salário diferiram de pais com renda acima de seis salários. Embora tenham sido estabelecidas diferenças estatisticamente significantes nos casos citados, ao inspecionar o quantitativo de sujeitos em cada faixa salarial observou-se uma quantidade pequena de sujeitos que recebem entre quatro e cinco salários mínimos e acima de seis salários mínimos.

É possível inferir que no Fator “Investimentos do Pai no bebê” os sujeitos que recebem até um salário mínimo tenham se diferenciado dos sujeitos com rendas mais altas, justamente em função dos itens que pertencem a esse fator que avaliam, entre outras coisas, a intenção e disponibilidade do pai em prover financeiramente o bebê. Esses itens foram incluídos como aspectos específicos da formação do apego em pais, pois estão diretamente relacionados ao papel de pai tradicionalmente exercido na sociedade ocidental. Tanto na revisão de literatura (Estudo I) quanto nas entrevistas (Estudo II), chegou-se ao resultado de que para muitos pais, o apego revela-se pela sua vontade em prover financeiramente o bebê e nada lhe deixar faltar.

Os resultados da análise estatística, no entanto, revelam que há apenas uma diferença entre esses grupos de pais, mas não aponta em que direção ela se dá, ainda que seja possível inferir que os pais com renda de até um salário mínimo apresentem menor probabilidade de concordar com itens que avaliam à vontade ou possibilidade de prover financeiramente o recém-nascido. Assim, acredita-se que os pais com menores rendas tiveram menores pontuações no fator “Investimento do pai no bebê”, se comparados aos pais com rendas maiores.

Quanto ao Fator “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”, pais com renda de até um salário diferiram de pais com renda acima de seis salários mínimos. Esse

fator apresenta itens que avaliavam sentimentos como o desejo de ser pai, atitudes como o interesse em se informar sobre a gestação e o parto, de interagir com o bebê e de ter expectativas e planos para sua relação com o bebê. Para analisar essa relação, é preciso considerar que algumas atitudes avaliadas pelos itens, como conversar com o bebê na barriga e buscar informações sobre o desenvolvimento do bebê, estão associadas muito mais ao nível de escolaridade do que à faixa de renda. Entende-se aqui que a faixa de renda reportada pelos sujeitos seja reflexo de sua baixa instrução.

Supõe-se que a diferença entre os pais tenha se dado de forma que os pais com menor renda tenham obtido menores pontuações no fator “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”, sendo essa relação mediada pelo fator escolaridade. Uma vez que os itens desse fator avaliam atitudes, que requerem um certo nível de instrução para buscar informações sobre o bebê ou sobre o parto, por exemplo.

Em estudo realizado por Schmidt e Argimon (2009), a escolaridade e o Apego Materno Fetal (AMF) tiveram uma associação estatisticamente significativa ($p = 0,034$). No referido estudo, as gestantes com Ensino Fundamental incompleto apresentaram menores valores de AMF, enquanto as que tinham escolaridade maior (superior) apresentaram nível de AMF mais alto. O grau de escolaridade da gestante influenciou de forma positiva o AMF, o que sugere que o fator educacional pode ser importante para a promoção do apego entre a mãe e o feto. De tal modo, supõe-se que no presente estudo o grau de escolaridade também pode ter influenciado nos escores de apego obtido no instrumento elaborado, revelando a sua influência através da variável renda.

No presente estudo, a idade dos não pais se configurou como variável associada ao escore final do instrumento elaborado. A média de idade dos pais foi de 29,05, considerados adultos jovens. Assim, é preciso refletir que a idade dos pais pode não estar associada aos escores sobre o apego porque esses pais, além da idade, são homens que já trabalham,

coabitam com a parceira e provém o sustento do lar. Essas variáveis juntas contribuem para o reconhecimento social da maturidade do homem, portanto, da sua competência para cuidar do filho.

Em estudo realizado por Bolli (2002), a autora afirma que a maioria das mulheres tem dificuldade em permitir o envolvimento dos pais com os bebês, sugerindo que as mães têm um papel de controle da relação pai/bebê, tanto apoiando quanto inibindo o envolvimento do pai com o filho. O envolvimento paterno está positivamente relacionado à visão da esposa da competência do seu marido como cuidador: mães que veem seu parceiro como competente podem facilitar o seu envolvimento.

Essas reflexões vêm reforçar a inferência de que a idade dos pais, por si só, pode não estar relacionada à formação do apego, pois essa relação não pode ser compreendida de forma isolada. Há de se levar em conta outras variáveis que atuam em conjunto com a idade, como o trabalho remunerado dos pais e a coabitação com a parceira.

Em estudos realizados por Arilha (1999), Lyra da Fonseca (1997), Schelemberg et al. (2007) com o público adolescente, os autores consideraram que alguns pais adolescentes envolvem-se física e psicologicamente nessa experiência. No entanto, na maioria dos casos, eles são vulneráveis economicamente e têm dificuldade para conseguir emprego em função da pouca formação escolar. É justamente essa deficiência educacional e econômica que lhe causa ansiedade frente à responsabilidade de assumir a paternidade.

Gomez e Leal (2007), em estudo para validação da versão portuguesa da *antenatal emotional attachment scale*, verificaram se os escores do pai e da mãe se associam negativamente à idade. As autoras discutem esse dado ao afirmar que isso pode derivar da influência de outras variáveis associadas à idade, como a experiência parental e o decréscimo da satisfação conjugal com maior tempo de relação. Levandowski e Piccinini (2006) afirmam que a idade do pai é um determinante muito menos importante no tipo de envolvimento

paterno do que uma gama de fatores socioecológicos e de personalidade, frequentemente correlacionadas com a idade parental, o que obscurece as relações envolvidas. Tal reflexão corrobora a hipótese de que de forma isolada, a idade do pai não contribui para explicar a formação do apego paterno. Porém, a soma dessa variável com outras que contribuem para o reconhecimento desse homem como competente para cuidar do seu filho influenciam, significativamente, a formação do apego pai-bebê, principalmente durante o puerpério.

O resultado revelou que os pais que desejaram a gravidez da parceira obtiveram pontuações mais elevadas tanto no Fator “Investimentos do Pai no Bebê” quanto no Fator “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”, quando comparadas a dos pais que não desejaram a gravidez.

Parece intuitivo afirmar que desejar a gravidez é um fator que influencia no estabelecimento do vínculo pai-bebê. Contudo, é interessante lembrar que já nas entrevistas realizadas no Estudo II foi gerada uma categoria de respostas que revelava que os entrevistados percebem que estão apegados ao bebê pelo fato de já desejarem ser pais, antes mesmo de saber da notícia da gravidez da parceira.

Para a literatura científica já está bem estabelecido que a mãe necessita desejar a gravidez para estabelecer um vínculo com o bebê, posto que o apego dos pais com seus filhos não é instantâneo e instintivo (Bowlby, 1969/1990). Trata-se de um processo contínuo, iniciado na gestação com um bebê imaginário que passa a fazer parte do cotidiano da gestante e é formado por fantasias, desejos, sonhos e representações dos modelos de ser mãe. Assim, é de se esperar que o pai também sofra influência da desejabilidade da paternidade na formação do vínculo com o bebê. Ao desejar a paternidade, o bebê já ocupa um lugar no imaginário, de modo que a relação de apego é facilmente estabelecida. Não há dúvida da relação entre a desejabilidade da paternidade e a avaliação que o pai faz do seu relacionamento com a parceira, da sua reação ao saber da gestação e da reação da parceira. Todas essas variáveis se

mostraram correlacionadas de forma positiva com os escores obtidos nos dois fatores do instrumento e do apoio recebido. A variável “avaliação do apoio recebido durante a gestação” foi correlacionada de forma positiva ao Fator “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”.

No presente estudo, defende-se que as variáveis acima citadas precisam ser discutidas e compreendidas em conjunto, propondo-se a entender o que juntas elas dizem sobre o histórico do casal e o lugar que o filho ocupa nessa história. Assim, entra na discussão a variável “coabitar com a mãe do bebê”, identificada na maioria dos participantes conforme já descrito na caracterização dos mesmos. A maioria dos pais, deste estudo, são adultos que trabalham, coabitam com a esposa, desejaram a paternidade e pais do primeiro filho. Todas essas variáveis juntas contribuem para uma formação saudável do apego, portanto, para elevadas pontuações nas duas dimensões do instrumento elaborado.

Em pesquisa realizada por Schmidt e Argimon (2009) sobre a formação do apego materno fetal, as pesquisadoras chegaram à conclusão de que há uma associação significativa entre com quem a grávida residia e o tipo de vinculação que ela forma com o bebê, posto que as gestantes que residiam somente com o pai do bebê evidenciaram vinculação do tipo segura. Estudos com o público feminino sobre a formação do apego, desde a gestação até o puerpério, servem de base para a discussão do apego em pais durante o mesmo período. Levandowski e Piccinini (2006) já haviam apontado que os homens também passam por transformações psicossociais ao tornarem-se pais, além das mudanças de sentimentos frente à notícia da gravidez, que vão desde surpresa e abalo, até orgulho e felicidade.

Resultados como o apontado acima levam à inferência de que, assim como para as mães, a formação do apego em pais também sofre influência de fatores que os levem a se sentirem apoiados nesse momento de transformações. Entende-se que morar com a parceira, por exemplo, é um fator que permite ao casal uma preparação conjunta para o exercício da

parentalidade, com o aprofundamento dos laços e da relação do casal. Pois, uma das fontes de apoio social é a capacidade do pai e da mãe de juntos se adaptarem a experiência da parentalidade. Deduz-se que os pais do presente estudo que coabitam com a parceira e avaliaram positivamente seus relacionamentos afetivos possuem uma boa rede de apoio social (por isso avaliaram positivamente o apoio recebido) que influenciará na formação do apego pai-bebê no puerpério.

Além disso, coabitar com a parceira é um dos fatores responsáveis pela maior participação dos pais durante a gravidez, pois ao interagir com o feto na barriga da mãe, constrói-se um vínculo com o bebê. Assim, ao chegar à época do parto e do puerpério, o laço já está facilitado e é muito mais facilmente consolidado. Apesar de a associação entre as variáveis ser de correlação e não de causalidade, é possível inferir que morar com a parceira do bebê desde a gestação pode ser um fator que predispõe a formação do apego pai-bebê no puerpério. A avaliação que os pais fizeram do apoio recebido durante a gestação se correlacionou positivamente com a dimensão “Atitudes, Sentimentos e Expectativas dirigidos ao bebê”. Essa dimensão possui itens que avaliam a participação do pai no parto, nos primeiros dias de vida do bebê e a sua interação com o bebê ainda na barriga, por exemplo.

A partir da correlação estabelecida entre a avaliação do apoio recebido e os escores na dimensão 2 do instrumento, infere-se que aqueles pais que se sentiram mais apoiados (pela parceira, pela família, etc.), sentiram-se também mais livres para buscar interação com o bebê e superar barreiras que são, muitas vezes, impostas pela própria mãe ou pelas equipes de saúde. Mesmo com a inexperiência ou a falta de habilidade (já que a maioria dos pais do presente estudo não possuía outros filhos), o pai precisa sentir-se apoiado para buscar interação com o bebê e competente para realizar os cuidados nos primeiros dias de vida.

No período pós-parto aumentam as preocupações financeiras, conseqüentemente, aumenta a dedicação do homem ao trabalho, o que pode diminuir ainda mais o tempo

destinado ao relacionamento pai-filho. O medo de falhar nas tarefas de provedor, apoiador emocional e parceiro romântico está relacionado ao estresse psicológico paterno (Falceto, Fernandes & Kerber, 2012). Já que o período do puerpério é caracterizado por uma alta demanda de atividades de cuidado por parte dos pais, o apoio social permitirá que pai e mãe se sintam mutuamente apoiados nas suas capacidades de cuidado com o recém-nascido. Rapoport e Piccinini (2006), em revisão de estudo teóricos e empíricos que relacionavam apoio social e maternidade, indicaram que em situações estressantes o apoio social aumenta a responsividade materna e beneficiando tanto a relação mãe-bebê quanto a conjugal.

De tal modo, a correlação estabelecida entre o apoio recebido e a dimensão 2 do instrumento se torna especialmente importante, visto que um dos objetivos deste estudo era verificar a presença de fatores promotores da formação do vínculo pai-bebê que possibilitassem pensar futuras intervenções de saúde pública, no sentido de promovê-las. O apoio social tem se mostrado o principal fator associado à formação do vínculo pai-bebê, o que nos revela que o homem necessita que a sua família de origem e a sua parceira o reconheçam como capaz de cuidar da criança que está por vir e construam uma atmosfera em que ele se sinta seguro para expressar suas emoções, ainda que ambivalentes, tal qual ocorre para a mãe.

Essa correlação revela sua importância por evidenciar o que teoricamente já se aponta no presente estudo e em alguns estudos sobre a paternidade, de que o homem possui o desejo e a vontade de participar dos cuidados com o bebê, muitas vezes. Sua participação, é claro, depende de inúmeros fatores, entre os quais está a sua vinculação trabalhista que comumente permite apenas poucos dias na presença do bebê. Para além dessa limitação, existem os limites sociais que lhe são impostos pela desaprovação da sua interação com o bebê, por não ter experiência, dirigindo à mulher esta responsabilidade.

Torna-se evidente, inclusive a partir de critérios estatísticos, que a formação do apego pai-bebê durante o puerpério está relacionada ao apoio social que esse pai recebe. Para além da sua idade ou renda, o homem precisa se sentir e ser reconhecido como capaz de cuidar do filho, bem como encontrar espaços (institucionais e na relação com a parceira) para isso.

Sobre a correlação positiva estabelecida entre a avaliação que o pai realiza – do seu relacionamento com a parceira, da sua reação ao saber da gestação e da reação da parceira – com os escores nas duas dimensões do instrumento, é possível inferir que todas essas variáveis estejam interligadas. Ou seja, os pais que avaliaram positivamente o relacionamento com a parceira (caso da maioria dos participantes) e desejaram a paternidade, tendem a avaliar positivamente a sua reação e a reação da parceira ao descobrirem a gravidez. Além disso, avaliar positivamente a sua reação e a da parceira ao saber da gravidez revela que não só o pai, mas o casal já desejava a gravidez. Esses sentimentos, certamente, facilitam a formação do apego pai-bebê por se constituírem como fonte de apoio para o pai, associado ao fato do bebê desejado já ocupar um lugar nos planos e fantasias do casal, o que facilita o estabelecimento do vínculo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três estudos realizados nesta pesquisa de doutorado nos levam à conclusão que o apego em pais também é formado pelas dimensões que constituem seu papel social, como a provisão material, por exemplo. O que significa que os pais, como disseram os participantes da pesquisa, sabem que estão apegados ao bebê por desejarem provê-lo financeiramente.

Outra dimensão do apego em pais, especialmente no período do puerpério, refere-se a uma espécie de cuidado terceirizado realizado pelo pai, que diante das dificuldades na sua relação direta com o bebê, expressa o apego cuidando da mãe do bebê, pois entende que assim seu filho estará bem cuidado. Chegar a esses dois importantes achados sobre a formação de apego em pais no puerpério se constitui como uma contribuição importante na teorização sobre esse vínculo; desse modo, considera-se que este estudo já se mostra relevante.

Ademais, outras contribuições teóricas surgem a partir deste estudo, como a elaboração de um instrumento capaz de operacionalizar as variáveis envolvidas no apego paterno. Considera-se que o estudo atende plenamente os seus objetivos iniciais, que tratavam da construção e investigação de validade de uma escala para verificação do apego pai-bebê no puerpério. Ressalta-se que o instrumento construído buscava verificar a formação do apego e não a classificação dos estilos de apego. A partir daqui outros estudos serão possíveis, no sentido de aperfeiçoá-lo, pois, à medida que sabemos como se expressa o apego em pais no puerpério, é possível agir para a promoção desse vínculo tão importante para a vida do bebê, do pai e de toda a família.

Neste estudo, foi possível descobrir que o pai vivencia o período do puerpério com angústias e ansiedades semelhantes às da mãe, mas possui particularidades, como a impossibilidade de estar presente durante os primeiros dias de vida do bebê ainda na

Maternidade. As barreiras à presença do pai são impostas tanto pelo próprio trabalho, quanto pela equipe das instituições de saúde e, muitas vezes, pelas próprias mulheres da família.

Diante das impossibilidades institucionais, sociais e culturais impostas, os atos de cuidado que lhe são possíveis devem ser valorizados. Para os pais, sentimentos e atitudes voltados ao ato de cuidar são traduzidos como preocupação, ajuda, desejo de estar presente e responsabilidade. Por isso, para avaliar o apego em pais é importante considerar não só a efetiva presença do pai ao lado do bebê, mas o seu desejo de estar próximo, mesmo diante de algumas impossibilidades. Certamente, tais descobertas contribuirão para futuras pesquisas com esse público.

Ao se considerar que as intenções, sentimentos e expectativas dos pais (além, obviamente das interações com o bebê) são fundamentais para o estabelecimento do apego, não pretende-se afirmar que são suficientes ou que se encerram aí. Pretende-se defender que há de se abrir espaço para que as interações pai-bebê se concretizem e para que essa relação significativa possa se estabelecer ao longo da vida, através de interações de fato e diretas, não apenas intermediadas. Assume-se, assim, o posicionamento de que o bebê necessita tanto da figura do pai quanto da mãe e de que esse sistema familiar só pode ser beneficiado (e a relação fortalecida) com a participação dos dois nos cuidados com o bebê.

Para além das contribuições em pesquisas, as teorizações provenientes do presente estudo contribuirão também para a realização de ações na tentativa de promover o vínculo pai-bebê. Conhecer o desejo do pai em participar dos cuidados iniciais ao bebê, bem como a sua falta de habilidade para isso, permite pensar em estratégias que possibilitem a vivência dessa experiência e promovam o desenvolvimento de habilidades diante dos desafios de cuidar do seu descendente.

Um dos importantes achados desta pesquisa foi o estabelecimento da correlação do apoio social com a dimensão 2 do instrumento, que se refere às “Atitudes, Sentimentos e

Expectativas dirigidos ao bebê”. Isso traz a possibilidade de desdobramentos para a pesquisa, pois ao revelar que o apoio social está relacionando com o apego paterno, dispara-se um sinal de alerta para uma maior participação dos pais nas instituições. De modo que as equipes de saúde podem pensar em estratégias e posturas, que promovam apoio ao pai nos seus primeiros dias de interação com o bebê. Nesse cenário, tornam-se pertinentes propostas como a realização de cursos sobre os cuidados iniciais com o bebê, que pode ser realizado em nível de Atenção Básica, para desenvolver as habilidades de cuidado dos pais e ajudá-los a se sentirem apoiados na realização da sua função. Cada vez mais, é preciso discutir sobre o que é necessário fazer para trazer os pais para mais perto dos seus filhos, principalmente quando se sabe que esse é o desejo deles.

Nas reflexões iniciais deste trabalho, a Teoria do Apego de Bowlby (1969/1990) evidenciou que as características que possibilitam a formação do apego, da criança com uma figura de apego principal, são a regularidade (inúmeras interações ao longo da vida) e a qualidade nos cuidados à criança. A partir das teorias sobre apego, sabe-se que o período crítico para o desenvolvimento do apego é até os três meses de idade do bebê e que depende da regularidade das interações. Assim, pode-se concluir que os pais estão em desvantagem na construção desse vínculo, pois a própria legislação do trabalho, que só lhe permite ficar alguns dias com a criança, impossibilita a regularidade das interações com o bebê.

No período do puerpério, a qualidade das interações pai-bebê também pode ser afetada pelas dificuldades impostas – todas já citadas neste trabalho – ao cuidado direto do pai com o recém-nascido. De maneira que se perpetua a representação da sexualidade masculina dissociada dos cuidados com a reprodução e a mãe acaba por se configurar como a figura de apego principal, na maioria dos casos.

Na realidade diária dos serviços de maternidade e pediatria, é possível observar a desqualificação do vínculo afetivo pai-bebê, o que contribui para a responsabilização

exclusiva das mães no cuidado com as crianças. Apesar de iniciativas do Ministério da Saúde para promover uma maior participação dos pais desde o parto até os cuidados com o bebê e a criança, a postura de desencorajamento à essa participação foi identificada em praticamente todas as maternidades onde se deu a coleta de dados do presente estudo. Entende-se, então, que por questões sociais, culturais e legais, ainda resta um longo percurso para o avanço na promoção do apego pai-bebê, principalmente durante o puerpério, que se constitui como o período crítico para a formação do apego.

A formulação de garantias trabalhistas é condição fundamental para a participação dos pais no pré-natal, no trabalho de parto, no parto, no puerpério e nos atendimentos pediátricos. No entanto, foi identificada a dificuldade dos pais em participar dos cuidados iniciais ao recém-nascido pela sua falta de habilidade. De maneira que um dos possíveis desdobramentos desta pesquisa é a contribuição para a formulação de intervenções em saúde que levem em conta as especificidades da paternidade, como a oferta de cursos sobre cuidados com o bebê que contem com a colaboração de outros pais que já possuem experiência. Pois, ainda que se tenha consciência de que a participação dos pais em todos os serviços que envolvem o bebê – desde o pré-natal até o puerpério – constitui-se um desafio para a equipe de saúde, também há um entendimento de que isso possibilita a construção de uma assistência atenta à qualidade do nascimento das crianças, com um compromisso de respeito à vida humana.

Por fim, ressalta-se que é de grande valor trazer para o ambiente acadêmico as discussões sobre o apego e sobre os papéis sociais – em construção – do pai e da mãe, assumindo-se uma postura de que as produções científicas devem estar intrinsecamente relacionadas às produções sociais desses papéis que, muitas vezes, oprimem os sujeitos e suas vontades, principalmente no campo dos direitos reprodutivos, como observado nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. D., & Hardy, H. (2007). Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Rev Saúde Pública*, 41(4) pp. 565-572.
- Alves, C. A., & Brandão, E. R. (2009). Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 661-670.
- Aquino, R. R. (2007). Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) e Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT): evidência de validade. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Francisco, Itatiba.
- Arilha, M. M. S. (1999). Masculinidade e Gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Baptista, M. N. (2005). Desenvolvimento do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): Estudos psicométricos preliminares. *Psico-USF*, 10, pp.11-19.
- Baptista, M. N. (2007). Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): Estudo componencial em duas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27, pp.496-509.
- Baptista, M. N., Alves, G. A. S., & Santos, T. M. M. (2008). Suporte Familiar, Auto-Eficácia e Locus de Controle: evidências de validade entre os constructos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (2), pp.206-271.

- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Bauer, M.W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3a ed. Petrópolis/RJ: Vozes; pp.189-217
- Belo, M.A.V.; & Pinto e Silva, J.L. (2004). Conhecimento, Atitudes e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Revista de Saúde Pública*, 38 (4), pp.479-487.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), 67-75.
- Benítez, N.M.C & Cárdenas, C.H.R. (2010). La gestación: período fundamental para al nacimiento y el desarrollo del vínculo paterno. *Avances em enfermaria*, 28(2), 88-97.
- Bowlby, J. (1990). Apego - volume 1. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Brandão, E. R. (2009). Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), pp.1063-1071.
- Brazelton, T. Berry (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Orgs.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). Nova Iorque: Guilford Press.

- Buarque, V.; Lima, M. de C.; Scott, R.P.; Vasconcelos, M.G. (2006). The influence of support groups on the family of risk newborns and on neonatal unit workers. *Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)*, Jul-Ago; 82(4):295-301.
- Bolli, A. C. B. (2002). O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós graduação em Psicologia do Desenvolvimento.
- Cabral, C. S. (2003). Contracepção e Gravidez na adolescência na visão de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cad Saúde Pública*, 19, pp. 283-292.
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: Um Programa Informático de Análise Quantitativa de Dados Textuais. In: A. S. Moreira, *Perspectivas Teórico-Methodológicas em Representações Sociais*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, pp. 511-540.
- Campos, A. C. S.; Silveira, I. P.; Cardoso, M. V. L. M. L. (2004). Transpondo a vidraça: a visão do pai na unidade de internação neonatal. *Enferm. Atual*, 4(jan-fev), p.19-23.
- Canavarro, M. C.; Dias, P; Lima, V. (2006). Avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*. ISSN 0874-2049. Vol. XX, nº 1, p.154-186
- Cardoso, M V L M L; Souto, K C; Oliveira, M M C. (2006). Compreendendo a experiência de ser pai de recém-nascido prematuro internado na unidade neonatal. *Rev. RENE. Fortaleza*, 7 (3), p. 49-55, set-dez, p. 49-55.

- Carniel, E. F., Zanolli, M. L., Almeida, C. A. A., & Morcillo, A. M. (2006). Características das mães adolescentes e de seus recém-nascidos e fatores de risco para a gravidez na adolescência em Campinas, SP, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 6(4), pp. 419-426.
- Carvalho, G. M., Merighi, M. A., & Jesus, M. C. (2009). Recorrência da Parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. *Texto Contexto Enferm*, 18 (1), pp. 17-24.
- Castoldi, L. A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê – tese de doutorado – Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, 285f.
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. de C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em estudo*, 19(2), 247-259.
- Chalem, E.; Mitsuhiro, S. S.; Ferri, C. P.; Barros, M. C. M.; Guinsburg, R.; & Laranjeira, R. (2007). Gravidez na adolescência: Perfil sócio-demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23 (1), pp. 177-186.
- Chisholm, J. S. (1996). The evolutionary ecology of attachment organization. *Human Nature*, 7(1), 1-38.
- Costa, M. C. O.; Lima, I. C.; Júnior, D. F. M.; Santos, C. A. S. T. E, Assis, D. R. (2005). Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna: trajetória sociodemográficas e atitudes com a gestação e a criança. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10 (3), p.719-727.

- Dias, R. R. (2005). *Mães de Crianças hospitalizadas em UTI: Percepção de suporte familiar e saúde mental*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, pp. 157.
- Dias, A. B., & Aquino, E. M. L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22 (7), pp. 1447-1458.
- Doan, H., & Zimmerman, A. (2003). Conceptualizing prenatal attachment: Toward a multidimensional view. *Journal of Prenatal and Perinatal Psychology and Health*, 18, pp. 109-129.
- Domingues, R. M. S. M. (2002). A presença de um (a) acompanhante durante a atenção ao parto: A experiência da Maternidade Leila Diniz. In: *Interfaces – Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva* (R. M. Barbosa, E. M. L. Aquino, M. L. Heilborn, & E. Berquó, org.), pp. 279-307, Campinas: Editora da Unicamp.
- Falceto, Olga Garcia, Fernandes, Carmen Luisa, & Kerber, Suzi Roseli. (2012). Alerta sobre a depressão pós-parto paterna. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 34(7), 293-295. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032012000700001>.
- Feijó, M. C. C. (1999). Validação brasileira da Maternal- Fetal attachment scale. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 51(4), 52-62.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24, 17-27.

- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132-154.
- Freitas, W. M. F; Coelho, E. A. C., & Silva, A. T. M. C. (2007, Jan.). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23 (1), pp.137-145.
- Freitas, W. D.; Silva, A. T., Coelho, E. d., Guedes, R. N., Lucena, K. D., & Costa, A. P. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev Saúde Pública*, 43 (1), pp. 85-90.
- Genesoni L., & Tallandini M.A. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature, 1989-2008. *Birth*, 36(4), 305-318.
- Gomez, R. & Leal, I. (2007). Vinculação parental durante a gravidez: versão portuguesa da forma materna e paterna da antenatal emotional attachment scale. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8 (2), pp. 153-165.
- Gomes, A. A. (2012). *A Teoria do Apego no contexto da produção científica contemporânea*. São Paulo: Cultura acadêmica.
- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 430-445.

- Guimarães, G. P., Monticelli, M. A (2007). A formação do apego pais/recém-nascido pré-termo e/ou de baixo peso no método mãe-canguru: uma contribuição da enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 16(4), p.626-635, out-dez.
- Hazan, C.; Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 52, No. 3, 511-524.
- Hoga, L. A. K., & Reberte, L. M.(2009). Vivências de la paternidad em la adolescencia en una comunidad brasileña de baja renta. *Rev. Esc. Enfermagem USP*, 43(1), pp. 110-116.
- Ives., J. (2014). Men, maternity and moral residue: negotiating the moral demands of the transition to first time fatherhood. *Sociology of Health & Illness*, 36(7), 1003-1019.
- Katz-Wise S.L., Priess H.A., & Hyde JS. (2010). Gender-role attitudes and behavior across the transition to parenthood. *National Institute of Health Public Access*, 46(1), 18-28.
- Lago, V. M.; Amaral, C. E. S.; Bosa, C. A.; Bandeira, D. R. (2010). Instrumentos que avaliam a relação entre pais e filhos. *Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum*. 20(2): 330-341.
- Levandowski, D. C. (2001). Paternidade na Adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia*, pp. 195-209.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2006). A Interação Pai-Bebê entre Pais Adolescentes e Adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 15(2), pp. 413-424.

- Lima, C. T. B., Feliciano, K. V. O., Carvalho, M. F. S., Souza, A. P. P., Menabó, J. B. C., Ramos, L.S., et al. (2004). Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, 4(1), pp.71-83.
- Lopes, R. C. & Piccinini, C. (1992). *Procedimentos metodológicos da pesquisa em apego: problemas e perspectivas*. *Psicologia: Reflexão e crítica*: 5(2), 79-70.
- Lyra da Fonseca, J. L. C. (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Main, Mary.; Hesse, E.; Kaplan, N. (2005). Predictability of Attachment Behavior and Representational Processes at 1, 6 and 19 Years Old – The Berkeley Longitudinal Study. In: Grossmann, K. E.; Grossmann, K.; Waters, E. *Attachment from Infancy to Adulthood: The Major Longitudinal Studies*. New York: Guilford Press.
- Maroco, J.; Garcia-Marques, Teresa (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Rev. Laboratório de Psicologia*, 4(1): 65-90
- Meincke, S. M. K., & Carraro, T. E. (2009, Jan-Mar). Vivência da Paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. *Texto Contexto Enferm. Florianópolis*, 18(1), pp.83-91.
- Mello de Carvalho, M. L. (2003). Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2), p.389-398.

- Mendes, K.D.S, Silveira, R.C.C.P, & Galvão C.M. (2008) Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto – enferm*, 17(4), 758-64.
- Michelazzo, D., Yazlle, M. E. H. D., Mendes, M. C., Patta, M. C., Rocha, J. S. Y., & Moura, M. D. (2004). Indicadores sociais de grávidas adolescentes: Estudo caso-controle. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 26(8), pp. 633-639.
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G., Deslandes, S. F., & Souza, E. R. (2003). Possibilidades e Dificuldades nas relações entre ciências sociais e epidemiologia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), pp.97-107.
- Ministério da Saúde. (2001). *Assistência Humanizada ao Parto, Aborto e Puerpério*. Brasília: MS.
- Munhoz, F. J. S (2006). *Vivências e expectativas da paternidade, pelo adolescente, sob a ótica da enfermagem*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Paraná.
- Nazaré, B., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2013). Adaptive and maladaptive grief responses following TOPFA: Actor and partner effects of coping strategies. *Journal of Infant and Reproductive Psychology*, 31, 257-273. doi:10.1080/02646838.2013.806789.
- Nunes, S. A. N.; Faraco, A. M. X & Vieira, M. L. (2013). Attachment and Parental Practices as Predictors of Behavioral Disorders in Boys and Girls. *Paidéia*, 23 (56), pp.369-377.

- Oliveira, E. M. F.; Brito, R. S. (2009). Ações de Cuidado Desempenhadas pelo Pai no Puerpério. *Esc Anna Nery Rev Enfermagem*, 13 (3), p.595-601.
- Oliveira, S. C. de, Ferreira, J. G., Silva, P.M.P. da, Ferreira, J.M., Seabra, R. de A., & Fernando, V.C.N. (2009). A participação do homem/pai no acompanhamento da assistência pré- natal. *Cogitare Enferm*, 14(1), 73-8.
- Oliveira, A. G., & Silva, R. R. (2011). Pai contemporâneo: Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicologia Argumento*, 29(66), 353-360.
- OMS (Organização Mundial da Saúde) (1996). *Maternidade Segura. Assistência ao Parto Normal: Um Guia Prático*. Genebra: OMS.
- Papalia, O. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *Desenvolvimento Humano* (Cláudia Bressan e Susana Termignoni, trad.). 10^a ed. Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (2007) Validade dos Testes Psicológicos: Será Possível Reencontrar o Caminho? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 23 n. especial, pp. 099-107 Perosa, C. T., & Pedro, E. N. (2009). Perspectivas de Jovens Universitários da Região Norte do Rio Grande do Sul em relação à Paternidade. *Rev Esc Enferm USP*, pp. 300-306.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrelli, J. G.A.; Zambaldi, C. F.; Cantilino, A.; Sougey, E. B. (2014). Instrumentos de avaliação do vínculo entre mãe e bebê. *Rev Paul Pediatr*, 32(3), 257-265.

- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos Arranjos Familiares: Paternidade, Parentalidade e Relações de Gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psic. Clin.*, 19 (2), pp. 57-69.
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1980). *A Psicologia da Criança*. São Paulo - Rio de Janeiro: DIFEL.
- Rapoport, A., Piccinini, C.A. (2006). O apoio social e a experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 16 (2), pp.215-225.
- Riggotto, D. M. (2006). *Evidências de Validade entre suporte familiar, suporte social e autoconceito*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, pp.105.
- Sabroza, A. R., Leal, M. C., Gama, S. G. N., & Costa, J. V. (2004). Perfil sócio-demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do município do Rio de Janeiro, Brasil – 1999-2001. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(Sup.1), pp.112-120.
- Sampaio, RF, & Mancini, MC. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 11(1), 83-89.
- Sarti, C. A. (2011). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 7ª ed. São Paulo: Cortez.
- Schelemberg, J. M., Pereira, L. D. C., Grisard, N., & Hallal, A. L. (2007). Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, 36 (2), 62-68.

- Schmidt, M.L.S.; Bonilha, A.L.L. (2003). Alojamento conjunto: expectativas do pai com relação aos cuidados de sua mulher e do filho. *Rev. Gaúcha de Enfermagem*, 24(3), p.316-24.
- Sherbourne, C.D., Stewart, A. L. (1991). The MOS social support survey. *Social Science and Medicine*; 32, 705-714.
- Shiramizu, V. K. M.; Natividade, J. C. & Lopes, F. A. (2013). Evidências de validade do Experience in Close Relationships (ECR) Inventory para o Brasil. *Estudos de Psicologia*, 18(3), julho-setembro/2013, pp.457-465.
- Silva, M. d., & Piccinini, C. A. (outubro-dezembro de 2007). Sentimentos sobre a Paternidade e o Envolvimento Paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), pp. 561-573.
- Sousa, M. C. R., & Gomes, K. R. O. (2009). Conhecimento objetivo e percebido sobre contraceptivos hormonais orais entre adolescentes com antecedentes gestacionais. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(3), 645-654.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: teoria e prática*, 10(1), 174-185.
- Torraco, R.J. (2005). Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. *Human Resource Development Review*, 4(3), 356-367.
- Threlfall, J.M., Seay, K.D., & Patricia L.K. (2013). The parenting role of African American fathers in the context of urban poverty. *NIH Public Access*, 19(1), 45-61.

Thompson, R. A., Braun, K., Grossmann, K. E., Gunnar, M., Heinrichs, M., Keller, H., O'Connor, T., Spangler, G., Volland, E. & Wang, S. (2005). Early social attachment and its consequences: the dynamics of a developing relationship. In: Carter, L., Ahnert, K. E., Grossmann, M., Lamb, S. Porges & N. Sachser (Eds). *Attachment and bonding: a new synthesis*. Cambridge, MA: The MIT Press.

Triviños, A. N. S. (1990). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Ursi, E.S. (2005). *Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

Villchan-Lyra, P. (2008). *Relações de apego mãe-criança: um olhar dinâmico e histórico-relacional*. Recife: Editora Universitária.

Villchan-Lyra, P. & Lyra, M. C. D. P. (2012). A investigação das relações de apego: diferentes paradigmas e metodologias atuais. In: Piccinini, C. & Alvarenga, P. (2012). *Maternidade e Paternidade: a parentalidade em diferentes contextos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Waldow VR. (2004). *O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro e o cosmos*. Petrópolis (RJ): Vozes.

Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London: Tavistock/Routledge.

World Health Organization (WHO). *Health Topics: Adolescent health*. Disponível em http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/. Acesso em 13 de Novembro de 2010.

Zampieri, M. F. M., Guessser, J. C., Buendgens, B. B., Junckes, J. M., & Rodrigues, I. G. (2012) O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades, *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 14(3), 483-93.

ANEXOS

ANEXO 1

Variância total explicada

Componente	Valores próprios iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
1	11,875	23,285	23,285	11,875	23,285	23,285
2	2,946	5,776	29,061	2,946	5,776	29,061
3	2,169	4,253	33,314	2,169	4,253	33,314
4	2,115	4,147	37,461	2,115	4,147	37,461
5	1,742	3,416	40,877	1,742	3,416	40,877
6	1,666	3,267	44,144	1,666	3,267	44,144
7	1,591	3,120	47,264	1,591	3,120	47,264
8	1,508	2,956	50,220	1,508	2,956	50,220
9	1,336	2,619	52,839	1,336	2,619	52,839
10	1,317	2,582	55,422	1,317	2,582	55,422
11	1,220	2,392	57,814	1,220	2,392	57,814
12	1,194	2,341	60,155	1,194	2,341	60,155
13	1,128	2,213	62,368	1,128	2,213	62,368
14	1,060	2,079	64,447	1,060	2,079	64,447
15	,981	1,923	66,370			
16	,928	1,820	68,190			
17	,908	1,781	69,971			
18	,895	1,755	71,727			
19	,854	1,674	73,401			
20	,820	1,607	75,008			
21	,777	1,524	76,532			
22	,752	1,474	78,006			
23	,716	1,403	79,410			
24	,652	1,278	80,687			
25	,632	1,238	81,926			
26	,610	1,195	83,121			
27	,577	1,131	84,252			
28	,567	1,111	85,363			
29	,545	1,068	86,431			
30	,516	1,012	87,442			
31	,487	,956	88,398			
32	,478	,937	89,334			
33	,458	,897	90,232			
34	,437	,856	91,088			
35	,418	,820	91,908			
36	,397	,778	92,686			
37	,373	,731	93,417			

38	,357	,700	94,117		
39	,329	,645	94,762		
40	,324	,636	95,398		
41	,308	,604	96,001		
42	,303	,594	96,596		
43	,275	,539	97,135		
44	,250	,490	97,625		
45	,238	,468	98,093		
46	,219	,430	98,522		
47	,190	,372	98,894		
48	,173	,340	99,234		
49	,162	,317	99,550		
50	,133	,260	99,810		
51	,097	,190	100,000		

Método de extração: análise do componente principal.

ANEXO 2**ANÁLISE DE ALPHA DE CRONBACH DE CADA FATOR****FATOR 1****Itens 17, 18, 19, 21, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 51**

Alpha reliability = 0.8529

Standardized alpha = 0.8804

Reliability deleting each item in turn:

	Alpha	Std.Alpha	r(item, total)
item17_1	0.8462	0.8751	0.4548
item18_1	0.8469	0.8767	0.4275
item19_1	0.8415	0.8727	0.5405
item21_1	0.8431	0.8743	0.5029
item31_1	0.8456	0.8748	0.4640
item35_1	0.8420	0.8720	0.5483
item36_1	0.8502	0.8796	0.3994
item37_1	0.8456	0.8759	0.4774
item38_1	0.8584	0.8832	0.2897
item39_1	0.8446	0.8744	0.4754
item40_1	0.8353	0.8638	0.7314
item41_1	0.8344	0.8624	0.7552
item42_1	0.8376	0.8668	0.6665
item46_1	0.8461	0.8735	0.5061
item48_1	0.8547	0.8775	0.4309
item51_1	0.8418	0.8697	0.5826

FATOR 2**Itens 8, 9, 24, 25, 26, 27, 28, 29**

Alpha reliability = 0.73

Standardized alpha = 0.7611

Reliability deleting each item in turn:

	Alpha	Std.Alpha	r(item, total)
item8_1	0.7075	0.7402	0.4233
item9_1	0.6955	0.7366	0.4644
item24_1	0.7471	0.7637	0.3021
item25_1	0.6960	0.7332	0.4640
item26_1	0.6758	0.7205	0.5431
item27_1	0.7051	0.7240	0.5040
item28_1	0.6939	0.7288	0.4661
item29_1	0.7017	0.7384	0.4276

FATOR 3**Itens 2, 4, 20, 22**

Alpha reliability = 0.7392

Standardized alpha = 0.7425

Reliability deleting each item in turn:

	Alpha	Std.Alpha	r(item, total)
item2_1	0.6221	0.6193	0.6527
item4_1	0.6093	0.6141	0.6514
item20_1	0.6582	0.6597	0.5762
item22_1	0.7975	0.8088	0.2963

FATOR 4**Itens 7, 10, 11, 33**

Alpha reliability = 0.6764

Standardized alpha = 0.6888

Reliability deleting each item in turn:

	Alpha	Std.Alpha	r(item, total)
item7_1	0.6277	0.6374	0.4491
item10_1	0.6056	0.6157	0.4680
item11_1	0.5679	0.5713	0.5457
item33_1	0.6444	0.6664	0.4065

ANEXO 3**FATOR 1****Items 13, 15, 17, 18, 19, 21, 31, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 51**

Alpha reliability = 0.8679

Standardized alpha = 0.8875

Reliability deleting each item in turn:

Alpha Std. Alpha r(item, total)

fator_2	0.8600	0.8816	0.5148
item13_1	0.8641	0.8849	0.4069
item15_1	0.8703	0.8895	0.2750
item17_1	0.8622	0.8826	0.4711
item18_1	0.8624	0.8836	0.4503
item19_1	0.8593	0.8812	0.5338
item21_1	0.8598	0.8818	0.5149
item31_1	0.8615	0.8821	0.4887
item34_1	0.8615	0.8828	0.4766
item35_1	0.8578	0.8788	0.5965
item36_1	0.8674	0.8871	0.3710
item37_1	0.8629	0.8837	0.4669
item39_1	0.8622	0.8829	0.4578
item40_1	0.8536	0.8732	0.7486
item41_1	0.8535	0.8729	0.7513
item42_1	0.8554	0.8757	0.6818
item48_1	0.8699	0.8850	0.4243
item51_1	0.8588	0.8781	0.5992

APÊNDICES

APÊNDICE 1

(QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO)

Questionário da Pesquisa

“Formação do vínculo pai-filho no puerpério: a construção de uma escala de verificação do apego paterno”

➤ **DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS:**

Nome (Iniciais): _____ Idade: _____ Naturalidade: _____
 Estado Civil: _____ Há quanto tempo? _____
 Escolaridade: _____ Estuda? _____ Série: _____
 Religião: _____ Cidade / Bairro: _____
 Trabalha? _____ Profissão: _____ Renda Familiar: _____
 Quantos cômodos têm a casa? _____ Quantas pessoas moram em casa? _____
 Quem são? _____

SOBRE SUA PARCEIRA:

Qual a idade dela? _____ Trabalha? _____ Profissão: _____
 Renda familiar (em salários mínimos): _____
 Escolaridade: _____ Estuda? _____ Série: _____
 Religião: _____ Cidade/Bairro: _____

➤ **ASPECTOS PSICOSSOCIAIS:**

A gravidez da sua parceira foi desejada? _____

Como você avalia:

a) Seu relacionamento com sua parceira:

0 1 2 3 4 5

g) A aceitação da sua família na gestação da sua parceira:

0 1 2 3 4 5

h) Sua reação em relação à gestação da parceira:

0 1 2 3 4 5

i) A reação da mãe do bebê nessa gestação:

0 1 2 3 4 5

j) O apoio recebido na gestação atual:

0 1 2 3 4 5

0	Não possui / Não existiu
1	Péssimo
2	Ruim
3	Regular
4	Bom
5	Ótimo

Natal, ___ / ___ / _____, Entrevistador: _____

APÊNDICE 2

(ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE)

Pesquisa: “Formação do vínculo pai-filho no puerpério: a construção de uma escala de verificação do apego paterno”

ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

- 1) Para você, o que é o apego?
- 2) Você se sente, de alguma forma, apegado ao seu filho recém-nascido? De que forma? 3) Como você percebe que está apegado ao seu filho recém-nascido?
- 4) O que você acha que contribuiu para que você se sentisse apegado ao seu filho recém-nascido? (tente lembrar desde antes da descoberta da gravidez)
- 5) O que você acha que não contribuiu para a formação desse apego?
- 6) O que mais você gostaria de dizer sobre a sua relação com seu filho recém-nascido?

APÊNDICE 3

(ITENS QUE COMPÕEM A VERSÃO INICIAL DO INSTRUMENTO PARA VERIFICAÇÃO DO APEGO EM PAIS DURANTE O PUERPÉRIO)

Nome (Iniciais): _____ **Idade:** _____ **Escolaridade:** _____

INSTRUÇÕES:

Esta é uma Escala que pretende conhecer como os homens se tornam apegados aos seus filhos. Para respondê-la, você deverá informar o quanto você **CONCORDA** ou **DISCORDA** da afirmação feita em cada item.

Por exemplo:

Quando lê a afirmação “Eu detesto acordar cedo”, você **CONCORDA** com o que está escrito ou **DISCORDA**?

Não existe resposta certa ou errada. Queremos apenas conhecer a sua experiência pessoal em ser pai.

1. Eu já desejava ser pai
2. Eu já desejava ser pai nesse momento da minha vida
3. Eu não desejava ser pai
4. Eu não desejava ser pai nesse momento da minha vida
5. Eu acompanhei as consultas de pré-natal do bebê
6. Eu senti vontade de acompanhar as consultas pré-natal, mas não pude
7. Eu não fiquei curioso para acompanhar o desenvolvimento do bebê durante a gravidez (buscando saber sobre ele)
8. Eu acompanhei o desenvolvimento do bebê durante a gravidez (buscando saber sobre ele)
9. Eu já fazia planos para o bebê ainda durante a gravidez
10. Sinto-me feliz por ser pai
11. Não me senti feliz ao saber que seria pai
12. Não me sinto feliz por ser pai hoje
13. Senti-me feliz quando descobri que seria pai
14. Sentia-me ansioso para conhecer o bebê (ver o rosto, ver se parece comigo)

15. Eu desejei assistir o parto do bebê, mas não pude
16. Eu visitei o bebê ainda no hospital
17. Acredito que o sentimento que tenho hoje pelo bebê ainda irá crescer
18. Eu desejei visitar o bebê ainda no hospital, mas não pude.
19. Eu me preocupo com o bem-estar da mãe do bebê
20. Eu cuido da mãe do bebê porque acredito que isso fará bem para o bebê
21. Eu recebi apoio da minha família quando descobri que seria pai
22. Eu recebi apoio dos seus amigos quando descobri que seria pai
23. Eu recebi apoio da família da mãe do bebê quando descobriram que eu seria pai
24. Não me senti apoiado pela minha família quando soube que seria pai desse bebê
25. Não planejava ter filhos com a mãe desse bebê
26. Não me senti apoiado pela família da mãe do bebê quando souberam que eu seria pai
27. Tenho um bom relacionamento com a mãe do bebê
28. Eu e a mãe do bebê já planejávamos ter esse filho
29. Considero-me preparado para ser pai
30. Considero-me preparado para cuidar do bebê
31. Não me sinto preparado para cuidar do bebê
32. Imagino que minha vida passará por mudanças boas após o nascimento do bebê
33. Imagino que minha vida passará por mudanças ruins após o nascimento do bebê
34. Imagino que as coisas não irão mudar na minha vida após o nascimento do bebê.
35. Acredito que eu e a mãe do bebê estamos preparados para cuidar do nosso filho
36. Eu participei das decisões sobre o parto
37. Eu participei da escolha do nome do bebê
38. Eu ajudei a mãe do bebê a se preparar para o parto (buscando informações sobre o procedimento, me preocupando com seu bem-estar)
39. Faço planos para o futuro do bebê
40. Me imagino participando da vida do bebê
41. Eu buscava sentir o bebê na barriga da mãe
42. Eu conversava, ou contava histórias ou cantava para o bebê ainda na barriga
43. Eu ajudei a organizar o enxoval do bebê
44. Eu procurei me informar sobre a gravidez, o parto ou sobre a saúde bebê
45. Eu fiz tarefas que a mãe do bebê já não podia mais realizar devido à gravidez
46. Eu me preocupava com a saúde do bebê ao nascer
47. Eu me preocupo quanto ao apoio financeiro que eu posso dar ao bebê

48. Eu me imagino cuidando do bebê durante os primeiros dias
49. Eu me imagino participando do dia-a-dia do bebê nos primeiros dias
50. Eu acredito que tenho condições de estar próximo fisicamente ao bebê nos primeiros dias de vida
51. Eu sinto vontade de estar próximo fisicamente ao bebê durante os primeiros dias de vida
52. Eu me preocupo com a saúde do bebê nos primeiros dias de vida
53. Eu sinto saudade do bebê quando estou distante
54. Quando estou distante, não sinto saudade do bebê
55. Não tenho desejo de ajudar financeiramente com os gastos relativos ao bebê
56. Sinto vontade de ajudar financeiramente em tudo que se relaciona com o bebê
57. Eu me preocupo com o bem estar do bebê quando estou distante
58. Eu me preocupo com o bem estar da mãe do bebê quando estou distante
59. Eu sinto vontade de dedicar mais tempo para estar próximo fisicamente do bebê
60. Não me sinto preocupado com o bem-estar da mãe do bebê.
61. Sinto que meu bebê também se sente apegado a mim
62. Eu acredito que meu bebê também irá se sentir apegado a mim
63. Fico pensando no meu bebê quando estou longe dele
64. Sinto-me orgulhoso por ser pai
65. Sinto-me feliz quando estou na presença do meu bebê
66. Sinto-me triste quando estou longe do meu bebê
67. Dou carinho ao meu bebê
68. Sinto vontade de colocar o bebê no colo
69. Acredito que irei cuidar financeiramente do meu bebê
70. Imagino que meu bebê será feliz e saudável

APÊNDICE 4

(INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DOS JUÍZES QUANTO À ADEQUAÇÃO SEMÂNTICA DOS ITENS)

Avaliador nº ____ (Iniciais: _____)

Criação e validação de uma escala para verificar o apego em Pais durante o puerpério

Prezado (a) Juiz(a),

Este estudo trata-se de uma pesquisa de Doutorado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Psicologia (PPGPSI/UFRN), que tem como objetivo desenvolver e buscar evidências de validade de um instrumento que verifique o apego em pais durante os primeiros dias de vida do bebê, período denominado puerpério.

Solicitamos sua contribuição ao analisar se os itens estão se referindo ou não ao fenômeno em questão (apego pai-bebê). Para tanto, este questionário está dividido em duas partes, primeiramente apresentamos as dimensões do conceito de apego para pais presentes nesse estudo.

Em seguida pedimos que você classifique a dificuldade de entendimento deste item de 1 a 3. (1 = de fácil entendimento; 2 = de médio entendimento; 3 = difícil entendimento) e identifique a qual dimensão o item pertence. A segunda parte está organizada em uma planilha do excel para facilitar o preenchimento.

PARTE 1: APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS

→ O instrumento em questão adota conceito a seguir:

O apego em pais é definido como um comportamento que tem a função de manter a proximidade física e emocional entre a criança e seu principal responsável. O apego é entendido como um processo construído de forma relacional, que tem origem no início da vida do bebê e envolve a participação ativa e a influência de ambos os parceiros diádicos ao longo dos primeiros anos de vida da criança.

→ As formas de expressão do apego abordados são as seguintes:

- O desejo de prover financeiramente o bebê;

- A necessidade de estar próximo fisicamente do bebê, de realizar seus cuidados e de expressar afetos;
- A intenção de cuidar da mãe do bebê por acreditar que isso trará benefícios para o bebê;
- O desejo de ser pai, anteriormente à descoberta da gravidez;
- A preocupação com o bem-estar do bebê;
- O sentimento de orgulho em ser pai;
- A ansiedade sentida ainda durante a gestação pelo encontro com o bebê.